

OS CHAPMANS
Oliver



CHRISTINE STERLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Oliver

CHRISTINE STERLING

OS CHAPMANS

1ª Edição



Ribeirão Preto/SP



Título Original: Oliver
The Chapmans #2
Copyright ©2020 por Christine Sterling
Copyright da tradução ©2022 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Soraya Defavari
Diagramação e adaptação de Capa: Labellaluna Web®
Capa: Virginia McKeivitt

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S838lbe

Sterling, Christine.

Título: Oliver (recurso eletrônico) - ©2022 Leabhar Books Editora

Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Oliver © 2020 Christine Sterling

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-013-4

1. Western. 2. Americano. 3. Flôres, R. I. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1

CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com

www.leabharbooks.com

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Jesus por continuar a guiar minha caneta. Sou muito grata por todas as bênçãos que você concede todos os dias.

Sempre ao meu marido Dan, que acredita em mim, não importa o que aconteça. Eu te amo, querido.

Estou tão inspirada por minhas três lindas filhas, Rebecca, Nora e Elizabeth. Vocês me ensinam algo novo todos os dias.

Eu não poderia fazer isso sem minha equipe de editores e revisores – Carolyn e Amy, obrigada por me fazerem parecer bem! Quaisquer erros que estejam no documento são exclusivamente meus!

Obrigada a Virginia McKevitt por criar as capas mais incríveis para esta série. Eu te amo, irmã!

DEDICATÓRIA

Para minhas queridas amigas, Terri Lorah e Lauren Sorgaard, que foram as maiores líderes de torcida enquanto isso estava sendo escrito! Eu amo vocês!

Obrigada ao Chapman Street Team por tornar toda esta série possível!

Essas pessoas incríveis leram cada capítulo deste livro enquanto ele estava sendo desenvolvido e forneceram um feedback incrível! Elas também nomearam cerca de 90% dos personagens! Eu aprecio cada um de vocês!

Amy Petrowich

Dolores Howard

Jocelyn Logan

Laura Park

Lauren Sorgaard,

Márcia Montoya

Paulette Xerife l

Rhonda Myers

Sandra Branca

Sandy Sorola

Sue Krznaric

Thereza Baer

Zeinab Dehayni

Zona Fannin

Obrigada a Sue por fornecer a história de Ellie.

Obrigada a Zona por sugerir o nome de Flat River para minha cidade fictícia.

www.thechapmansaga.com

OS CHAPMANS

WESTON CHAPMAN & INGRID ALAND

OWEN CHAPMAN & ELENORE BROOKS

OLIVER CHAPMAN

MICHAEL CHAPMAN (F)

CALEB CHAPMAN

EVERETT CHAPMAN

MARIANE CHAPMAN & ARCHIBALD GORDON

PENELOPE CHAPMAN & ANGUS HIGHTOWER

ALICE CHAPMAN

OS HARTMANS

RANDALL HARTMAN & VERA BROWN

CHATTER HARTMAN

BAXTER HARTMAN

EVANGELINE SARAH HARTMAN & DUKE RICHARDS

REXFORD HARTMAN

WHITNEY HARTMAN

FRANKLIN HARTMAN (F)

ANNAMAE HARTMAN



SETEMBRO DE 1872, FLAT RIVER, NEBRASKA

Oliver Chapman estava lívido.

Pediu a Whiskey, seu cavalo, para correr mais rápido em direção à pequena cidade. As palavras de Ellie ainda chacoalhavam seus ouvidos.

Ele a levou.

Sua única esperança era que o *ele* em questão a levasse de volta para a casa da Srta. Marcy e não saísse da cidade.

— Heya! — gritou, cravando os calcanhares na lateral do cavalo. Whiskey bufou como se dissesse que também sabia o quão importante era chegar rapidamente.

A única coisa que Oliver podia ter certeza é que ela estaria gritando a plenos pulmões durante todo o caminho pela cidade. A menos que o homem a amordaçasse. O pensamento apertou o peito de Oliver. Ele levantou uma mão e esfregou sua camisa, desejando que a queimadura diminuísse. Ele sentiu Whiskey acelerar e Oliver rapidamente agarrou as rédeas com as duas mãos.

Podia sentir o couro morder sua palma. Uma distração momentânea enquanto tentava se acalmar. A cidade estava ao longe, e podia ver alguns homens se reunindo do lado de fora da única loja de Flat River.

Oliver puxou as rédeas de Whiskey, parando o cavalo na frente do mercado. Ele olhou para a pequena multidão. Vários homens estavam sentados em cadeiras de balanço na varanda de madeira e alguns outros sentados em cima de barris de farinha.

Oliver não se lembrava de ter visto tantos cidadãos de Flat River juntos em um local. As pessoas eram amigáveis, com certeza, mas não amigáveis do tipo ‘vamos sentar na varanda do mercado’.

— Vocês a viram? — Vários dos homens assentiram, alguns balançaram a cabeça. Oliver gemeu. — Para que lado foram? — perguntou. Nenhum dos homens respondeu. Oliver avistou um homem fumando um charuto, que olhou para todos os lados menos para ele. O homem moveu o tabaco enrolado de um lado da boca para o outro. Oliver fez uma careta de desgosto. — Você

— rosnou, apontando para o homem. — Viu alguma coisa.

O homem finalmente olhou para Oliver. Ele tirou o charuto com os dedos manchados de tabaco e cuspiu no chão. Deu de ombros.

— Não quero me envolver.

Chamas brilharam na frente dos olhos de Oliver. Ele levantou uma perna sobre a sela e deslizou para a terra. Antes que alguém pudesse responder, foi até a varanda e pegou o homem pelas mangas da camisa. Os olhos do homem se arregalaram e seu charuto caiu no chão.

— Se não quer se envolver com uma mulher desaparecida, com certeza não quer se envolver comigo. — O homem assentiu levemente enquanto lambia os lábios gordos. — Vou perguntar de novo. Onde. A. Senhora. Foi?

O homem deve ter percebido que Oliver estava falando sério, pois fez um som de tosse.

— Ele a arrastou para aquele lado — disse o homem apontando para a linha invisível que separava as residências e negócios respeitáveis dos saloons e bordéis.

— Muito obrigado — Oliver fervia, soltando o homem de volta em seu assento. Ao acenar com a ponta de seu chapéu, zombeteiro ele montou Whiskey e puxou as rédeas do cavalo em direção ao saloon e a Srta. Marcy.

Era difícil perder a casa de má reputação. Era um dos maiores prédios da cidade. Oliver podia ouvir música de piano, risadas e tiros ocasionais enquanto se aproximava do estabelecimento. As janelas do nível superior estavam brilhando, lançando uma luz suave na rua abaixo.

Não tinha muito tempo, pois o sol já havia se posto e logo as ruas se tornariam perigosas. Precisava encontrá-la e voltar para a segurança do rancho. Ele não só precisava se preocupar com homens que bebiam demais e estavam ansiosos por uma briga; mas precisava se preocupar com os predadores que atravessavam a pradaria depois de escurecer.

Depois que o sol se punha, pumas, coiotes e raposas procuravam ativamente uma refeição fácil. Os coiotes podiam facilmente derrubar um cavalo se estivessem caçando em bando. A mão de Oliver foi para a arma presa ao quadril. Rezou para não ter que usá-la em um predador, ou em qualquer um dos homens lá dentro.

Ele desmontou do cavalo na frente do bordel e amarrou Whiskey no poste na frente. Quando subiu os três degraus até as portas de vaivém, elas se abriram e um homem voou pelo ar, descendo os degraus até a estrada de terra abaixo.

— Não volte — disse um homem, com as mangas da camisa arregaçadas e amarradas com cordões pretos em volta do cotovelo. O homem bateu as mãos nas calças escuras e voltou para dentro.

Oliver podia ouvir gritos atrás das portas de madeira.

— Você está procurando por alguém, docinho? — uma voz rouca perguntou da escuridão.

— Sim senhora, — Oliver disse suavemente.

A mulher se aproximou. Ela levantou a mão e caminhou um pouco com os dedos ao longo do braço de Oliver.

— Talvez esteja procurando pela Sweet Suzy? Essa seria eu — ela riu.

Oliver tirou o chapéu. Era uma característica que sua mãe tinha incutido nele desde que era um menino. Sempre tire o chapéu na presença de uma dama.

Embora Sweet Suzy não parecesse ser o tipo de senhora que Marmee estaria se referindo.

— Acho que não, senhora. — Oliver colocou o chapéu de volta na cabeça. — Estou procurando uma mulher pequena com longos cabelos pretos. Estava usando um vestido azul.

A Sweet Suzy tirou a mão como se Oliver a tivesse queimado.

— Para que a quer quando pode ter tudo isso? — Ela gesticulou para os lados.

Oliver olhou para a parede atrás de Sweet Suzy, não permitindo que seus olhos vagassem. Ele se concentrou em um buraco de bala na madeira.

— Estou procurando uma mulher de vestido azul — repetiu.

Sweet Suzy bufou.

— Ela não está aqui. Partiu há algumas semanas.

— Como sabe de quem estou falando?

Sua mão saltou e agarrou a prostituta pelo braço. Ele não era rude, mas ao virar Sweet Suzy, ela foi forçada a olhar para ele. Seus olhos sem vida olhavam por baixo de cílios longos. Eles pareciam afundados, com olheiras por baixo. Ele notou um leve hematoma em sua bochecha, junto com alguns hematomas amarelos e roxos em seu braço. Ela estremeceu e puxou o braço para trás.

— Eu não sei.

— Acho que sabe. Sabe onde ela está.

— Ele vai me bater por falar com você.

— Foi ele que fez isso com você? — Oliver apontou para a bochecha dela.

Suzy levou a mão ao rosto.

— Não posso dizer nada.

— Ok, não responda com palavras — rosnou. — Viu uma mulher em um vestido xadrez verde entrar aqui há pouco? — A mulher assentiu. Oliver soltou um suspiro que não sabia que estava segurando. — Ela está aí agora? — A mulher assentiu mais uma vez e apontou para o segundo andar.

— Obrigado — sussurrou.

A mulher desapareceu nas sombras enquanto Oliver voltava para as portas de madeira. O som da música e das risadas estava ficando mais alto.

Ele hesitou por um momento, pensamentos sobre os ensinamentos de sua mãe rolando em sua mente. Marmee deixou perfeitamente claro que sofreriam o castigo de suas vidas se algum dia se aventurassem em tal estabelecimento.

Oliver respirou fundo, murmurou uma oração por perdão e escancarou as portas de vaivém.

Marmee ia matá-lo.



DUAS SEMANAS ANTES

Willow Stephens rapidamente olhou para trás para ver se alguém a estava seguindo.

Esperava ouvir cães enquanto chapinhava no riacho. Isso é o que Thomas ameaçou se tentasse deixar o Sr. Blackman. Sua respiração estava pesada enquanto ela se arrastava na água.

O tecido de sua saia estava encharcado, tornando difícil manobrar rapidamente na água corrente. Notou que a água não estava tão alta ao redor da curva, pois várias grandes rochas planas estavam fazendo com que a água diminuísse.

Deu um passo e estremeceu quando a ponta afiada de uma pedra pressionou o arco de seu pé. Ela desejou ter tempo para descobrir onde seus sapatos estavam escondidos antes de correr. Suspirou. Desejos não a ajudariam agora.

Movendo os dedos dos pés na água, procurou um lugar mais suave para colocar o pé. Cautelosamente colocou o pé no chão e então deu outro passo. Repetiu o processo, pisando na água, todo o caminho até as grandes rochas planas.

Subindo em uma delas, levantou-se e inspecionou seus arredores. Lá! O riacho parecia estar se expandindo.

Talvez estivesse perto de um rio. Se fosse, sabia que poderia segui-lo até a próxima cidade. Gostaria de ter prestado mais atenção a Kitty e às outras garotas da Srta. Marcy quando falavam sobre a distância entre as cidades.

Estar na casa da Srta. Marcy não fora escolha dela. Ela parecia ter um bom coração para com as meninas que trabalhavam para ela. Sua única interação com a madame foi quando trouxe o jantar para Willow à noite. Era o tipo de mulher de quem sua mãe ensinou ficar longe.

Sua mãe morreu quando tinha doze anos, deixando Willow e seu irmão, Thomas, aos cuidados de seu pai. Sua mãe era a mulher mais doce. Ela nunca tinha uma palavra desagradável para dizer a ninguém.

Willow estava convencida de que sua mãe morreu para fugir do marido.

Entendia isso e muitas vezes sonhou em fugir também.

Seu pai era um homem de fogo e enxofre. Era um homem importante em sua congregação e se preocupava com as aparências. E insistia no comportamento piedoso de seus dois filhos.

Ele liderava a bênção no almoço que ocorria após os cultos de domingo e envolvia os homens na conversa. Então eles iam para casa.

Era a mesma rotina. Almoço na igreja, voltar para casa em silêncio, onde seu pai apontava silenciosamente para fosse na frente. Willow entrava e pegava a cinta de couro da lareira e a apresentava ao pai.

Ao espancá-la, ele recitava uma lista de infrações da semana anterior ou daquela manhã. Às vezes era por queimar as bordas do frango frito; outras por estar usando batatas demais na salada de batata; poderia até ser por olhar para um menino na igreja ou sonhar acordada durante a escola.

Se não houvesse nada, encontrava algo. Às vezes Willow acreditava que lhe batia só porque ela respirava muito alto. Mas, aprendeu a não chorar ou choramingar, pois isso só o incitava ainda mais.

Assim que terminava, seu pai devolvia a cinta à parede e ordenava que começasse o jantar.

Ele sempre esperava até as tardes de domingo para infligir sua punição. Willow percebeu que era para que as contusões pudessem se dissipar antes dos cultos na semana seguinte. Aparências.

A pior surra foi quando seu pai a ouviu perguntando sobre uma nova mulher na congregação.

Aquela mulher era uma prostituta e buscava redenção; ela queria mudar sua vida. Infelizmente, as mulheres da congregação não foram acolhedoras.

Naquela noite, o pai de Willow bateu nela duas vezes mais forte. Para limpá-la, dizia, e para garantir que nunca levasse uma vida como as damas pintadas.

Seu irmão conseguiu renunciar a tais tratamentos. Era diferente para os homens, ela meditou.

Nunca perdoara seu pai por aquelas tardes de domingo, e nunca perdoou sua mãe por morrer.

Willow zombou enquanto continuava a olhar ao redor. Se ele pudesse vê-la agora, pensou. O que pensaria sobre como ela havia terminado?

Talvez ele estivesse certo. Talvez tivesse o diabo nela. Afinal, tinha acabado de matar um homem.

Seu pai morreu de pneumonia e então eram apenas Willow e seu irmão Thomas. Ela vendia ovos e leite da vaca para fazer face às despesas, enquanto Thomas ia aos saloons tentar a sorte nas cartas. Willow tentou avisá-lo e implorou-lhe que orasse e que Deus proveria.

Vira a bondade deixar seu irmão toda vez que ele vendia um item para alimentar seu vício em cartas. Quando o banco veio reclamar a propriedade e a casa, emitindo um aviso de despejo, Thomas estava completamente desequilibrado.

Ele roubou o último naco do dinheiro dos ovos dela e foi tentar a sorte contra alguns novos homens que vieram para a cidade. Ela ficara surpresa e apavorada quando ele voltou com um homem sombrio e taciturno que exigiu que Willow preparasse o jantar.

— Ele é seu dono agora — explicou Thomas.

Quando olhou para Thomas, para questionar o pedido, foi recebida com a palma da mão do estranho contra sua bochecha.

Essa foi sua apresentação ao Sr. Blackman.

Willow foi negociada em pagamento para liquidar a dívida de Thomas. Seu irmão a jogou fora. Depois do jantar, teve dez minutos para fazer as malas e se despedir.

Ela saiu com uma pequena sacola contendo um vestido de chita, sua escova de cabelo e a Bíblia de sua mãe. Era a única coisa que restava. Thomas havia apostado tudo que havia de mais valor.

Não demorou muito para Willow perceber que o Sr. Blackman era o mais vil dos homens que já conheceu. Ele não estava acima de trapacear nas cartas. Ele não estava acima de ir para a cama completamente bêbado, e ele não estava acima de abusar de mulheres quando o propósito lhe servia.

Felizmente, ele ainda tinha que tentar tocá-la ou tirar sua virtude. Eles viajavam pelo país, normalmente ficando em uma cidade por um ou dois dias de cada vez. Então saíam rapidamente, às vezes no meio da noite.

Finalmente, chegaram a uma cidade chamada Flat River. O Sr. Blackman decidiu que queria ficar na cidade por um tempo. Mencionou algo sobre esperar que um homem voltasse.

Willow passava seus dias lavando roupa para as prostitutas. Seus dedos estavam em carne viva por causa da água quente e do sabão de soda cáustica. Eventualmente, aprendeu os nomes de todas as mulheres que trabalhavam para a senhorita Marcy. Ouvia suas histórias enquanto conversavam entre si. Era como se nem estivesse na sala. Algumas das histórias fizeram seus ouvidos corarem.

Depois de algumas semanas, Willow finalmente confidenciou a uma das mulheres que precisava de ajuda para escapar. Quando o Sr. Blackman voltou para o quarto naquela noite, pensou que fosse morrer com a surra que ele lhe deu. As surras de seu pai empalideceram em comparação com as que recebeu do Sr. Blackman.

Willow nunca pedira ajuda depois disso.

Poderia não conseguir se mover por vários dias após uma de suas tentativas de fuga, mas isso não a impediu de tentar. Tentou escapar por conta própria, mas o Sr. Blackman pegou-a antes que pudesse chegar à periferia da cidade. Depois disso, ele escondera seus sapatos e espancou-a até que desistisse de tentar se desviar dos golpes.

Esta última tentativa foi... estremeceu com o pensamento.

Quando viu o Sr. Blackman pela última vez, ele estava deitado de bruços em uma poça de sangue. Ela sabia que precisava escapar, pois seria

enforcada se a pegassem.

Correu para o guarda-roupa e pegou sua Bíblia e o saco de moedas que sabia que o Sr. Blackman mantinha sob um painel solto. Poderia muito bem ser uma assassino ou uma ladra, pensou. A punição ainda era a mesma.

O som de passos e risadas ecoou pelo corredor, indo em direção ao quarto em que estava hospedada. Com o coração acelerado e as palmas das mãos suadas, enfiou os poucos itens nos bolsos. Pisando sobre o cadáver ensanguentado do Sr. Blackman, correu pelo corredor, longe da comoção.

Olhou rapidamente para a esquerda e para a direita para se certificar de que ninguém a tinha visto ou a estava seguindo, e silenciosamente abriu uma janela e desceu a árvore do lado de fora.

Então ela correu.

Correu por becos, uma área residencial, atrás do mercado e na pradaria aberta. Lembrava-se de espionar um riacho em sua viagem de diligência até a cidade. Ela se dirigiu na direção de onde pensou que se lembrava de vê-lo.

Willow tomou vários goles de ar, tentando encher seus pulmões. Logo estaria escuro e precisava encontrar um lugar para dormir. E olhou para o sol se pondo no céu.

Ainda havia bastante luz do dia; estimando que havia saído por cerca de quatro horas.

Protegendo os olhos, olhou para a paisagem ao seu redor. Não sabia que mês ou dia era, mas sabia que tinha vindo para esta parte do país na primavera. As flores estavam começando a desabrochar.

Agora, o cheiro do tempo frio estava no horizonte. O outono daria lugar ao inverno e precisava encontrar um lugar para ficar antes que o tempo ficasse ainda mais frio.

Nebraska era conhecido por seu clima imprevisível no outono. Suzy dissera que podia nevar até em setembro!

Ela sacudiu as lembranças e decidiu continuar descendo o leito do riacho. Levantando a saia ensopada, deu um pequeno salto, movendo-se da grande pedra plana em direção à margem lamacenta onde o riacho encontrava o rio.

De repente, o som de risos e assobios interrompeu seus pensamentos. Ela parou em seu caminho, forçando seus ouvidos para compreender. Havia três vozes, e pareciam vir de trás dela.

Podia ouvi-los falando, mas as palavras não chegaram a seus ouvidos. Erguendo o nariz, podia sentir o cheiro de cigarros baratos enrolados à mão, o que lhe dizia que estava a favor do vento.

Correndo ao longo da costa, encontrou uma clareira onde poderia escalar os arbustos ao longo da água. Rezando para que não houvesse cascavéis, se arrastou para debaixo de um grande arbusto e se fez o menor possível, escondendo o rosto nos braços e esperando até que os homens passassem. Sua respiração soava pesada em seus ouvidos.

Uma pedra cavou em seu lado enquanto estava deitada no chão. Com

medo de se mexer, e para que não a encontrassem, rezou o mais quieta possível.

CAPÍTULO DOIS



Não demorou muito para ouvir os cavaleiros se aproximarem de onde estava escondida. Ela ergueu os olhos ligeiramente, espiando por cima do braço para os homens a cavalo. Havia três deles.

Cowboys, com certeza, a julgar pelos chapéus altos que usavam.

Estavam cobertos de poeira e suas camisas sujas de suor. Um dos homens tirou uma bandana e enxugou a testa. Willow notou que sua pele estava coriácea por passar muito tempo ao ar livre. Suas botas cobertas de lama e ferramentas amarradas nas costas dos cavalos.

Os homens cavalgavam pela pequena trilha ao lado do rio. E não pareciam estar com pressa para chegar onde estavam indo.

Willow propositalmente não usou a trilha desgastada, pois não queria deixar rastro; se lembrava de ter ouvido que os cães não conseguiam rastrear na água. As vozes dos homens foram ouvidas à medida que se aproximavam.

O homem com a bandana olhou para o céu, se mexendo na sela.

— Devemos voltar para casa, o jantar será em breve.

— Está sempre com fome, Rich — disse um homem de camisa de linho verde. — Não tem sido o mesmo desde que Tot partiu. Poke é bom e tudo, mas suas qualidades não são as mesmas que Tot.

— Sente falta do feijão dele? — o homem mais velho perguntou. — Uau. — Willow ouviu seu cavalo parar. Ela ergueu os olhos e estava olhando diretamente para as pernas do cavalo. Deu um pequeno suspiro e puxou as pernas mais apertadas contra o peito.

Ela podia ver o homem olhando ao redor. Seus olhos se demoraram no arbusto onde Willow se escondia. Tentou afundar ainda mais no chão no fundo do mato.

— Está bem, Smokes?

O olhar do homem permaneceu por mais um momento antes de se voltar para seus companheiros.

— Pensei ter visto alguma coisa. — Tirou um cigarro e um fósforo do bolso e colocou o tabaco na boca. Riscando o fósforo na lateral de sua sela, acendeu o cigarro e tragou profundamente. — Se vocês homens não fossem

tão lentos, estaríamos indo para casa agora. — Sua camisa estava tão suja que Willow não sabia dizer se era creme ou marrom. O homem jogou suas cinzas em direção à água. — É melhor irmos para o norte. Temos mais uma cerca para terminar antes de escurecer.

Willow fez uma nota mental para não ir por aquele caminho, pois não queria correr o risco de conhecer alguém.

Ela estremeceu quando a pedra cavou mais fundo em seu lado. Sua perna estava adormecida e não conseguiria manter sua posição por muito mais tempo.

Siga em frente, pensou consigo mesma. Mudando de posição, empurrou a pedra para longe de seu lado. Em vez de apenas ir os poucos centímetros que ela esperava, a pedra caiu na margem e espirrou na água.

— O que é que foi isso? — Rich perguntou.

— Provavelmente apenas um coelho — respondeu o fumante.

— Desde que não seja um leão da montanha.

Leão da Montanha?

Ela ouviu água espirrando e espiou para ver um dos homens conduzindo seu cavalo pelo riacho e diretamente para onde Willow estava se escondendo. Prendeu a respiração.

Um farfalhar do arbusto ao lado dela chamou a atenção do homem e um par de esquilos saltou do mato e correu para cima da árvore.

O homem soltou uma risada nervosa.

— Apenas esquilos. — O cavalo voltou a subir a margem em direção à trilha e os homens começaram a descê-la mais uma vez.

Willow fechou os olhos até ouvir as vozes dos homens longe o suficiente. Ela soltou um grande suspiro, inalando tanto ar quanto podia em seus pulmões em chamas.

Murmurando uma oração de agradecimento, saiu de debaixo do arbusto e seguiu à beira da margem até onde os dois afluentes se encontravam.

Ao ouviu as vozes vindo da direita, foi para a esquerda, mantendo-se abaixada até encontrar um lugar para escorregar de volta na água.

Estimou que houvesse caminhado por cerca de uma hora quando avistou uma grande formação de terra que se projetava do chão. Era inclinado, mas plano no topo. Não era uma colina, pois nunca vira uma colina toda irregular nas bordas.

Mas parecia ser alto o suficiente para que pudesse ver alguém se aproximando de qualquer direção. E Talvez pudesse encontrar um lugar para descansar durante a noite. Sua barriga roncou, lembrando-a de que não comia desde a noite anterior.

Willow esquadrinhou o chão procurando por qualquer coisa que pudesse encher sua barriga dolorida. Ela encontrou um arbusto lenhoso coberto de pequenas bagas amarelas. Escolhendo uma fruta, gentilmente a esmagou entre os dentes. O suco escorria desta, deixando algumas sementes em sua boca. Cuspiu as sementes no chão e pegou mais algumas.

Enchendo a palma da mão com as pepitas de ouro, continuou sua caminhada rio acima, mordiscando as frutas enquanto o fazia. Quando terminou de comer, limpou as mãos, limpando o suco das frutas em sua saia.

As bagas não eram terríveis. Eram amargas, mas palatáveis. Ela não gostaria de comê-las todos os dias, mas, por enquanto, encheriam sua barriga.

Ela olhou em volta para ver o quanto ainda tinha que andar até o platô. Parecia mais longe. Como isso aconteceu?

O sol estava se pondo mais baixo e a temperatura estava caindo. Precisava encontrar abrigo, e logo. As palavras que o homem disse ainda ecoavam em sua mente. Leão da Montanha.

Rezou para não ver um até chegar à próxima cidade. Sabia que uma fogueira manteria os animais afastados, mas não queria ter nada que permitisse que alguém a visse. Continuou a andar, olhando para as árvores ao longo do rio. Finalmente, avistou uma com uma grande abertura na base. A árvore parecia oca.

Afastando algumas aranhas da abertura, Willow estremeceu e encostou-se nela. Cada músculo de seu corpo doía, as contusões ainda doloridas enquanto a madeira raspava contra sua pele delicada. Ela esticou as pernas na árvore, tentando ficar o mais confortável possível. Estava mofada e úmida. Mas pelo menos estava quente.

Podia ouvir esquilos tagarelando acima dela e uma coruja chamando à distância. Colocando a mão no bolso, agarrou sua Bíblia.

— Deus. Se estiver me ouvindo, se está aí fora, por favor, mantenha-me segura esta noite. Eu não queria matar aquele homem. Honestamente, eu não queria. Achei que ele ia me matar. Ou pior. Por favor, guie-me quando o sol nascer.

Usando a ponta de sua manga, enxugou uma única lágrima de sua bochecha. Fazia tanto tempo que não chorava que não tinha certeza de que se lembrava.

Ela trouxe os joelhos até o peito e passou os braços ao redor deles para se manter aquecida contra a temperatura.

Podia ver as estrelas brilhando através das folhas e o reflexo da lua contra o rio.

Ouviu os sons na escuridão, o som de grilos e sapos embalando-a para dormir. Ouviu-se o mugido do gado ao longe e, ao fechar os olhos, ouviu o uivo solitário de um coio.

Willow acenou com a mão no ar tentando golpear um inseto que estava fazendo cócegas em sua cabeça. Ela podia sentir o sol esquentando a manhã, mas não queria abrir os olhos.

O inseto fez cócegas em sua testa novamente, mas desta vez foi acompanhado por uma rajada de vento. Bateu nele mais uma vez, e rolou, sua bochecha pressionando uma pedra.

Ela abriu os olhos lentamente, agitando-os até que o mundo entrou em foco.

A árvore.

Ela estava dormindo em uma árvore. Em algum momento durante a noite, rolara no gramado a sua frente.

Moveu a cabeça e esticou o pescoço tentando aliviar a rigidez. Rolando de bruços, ficou de joelhos, e então ouviu...

Uma bufada e uma explosão de ar quente atingiu suas costas. Ela virou a cabeça ligeiramente para ver quatro pernas escuras ao lado dela. O cavalo se inclinou e a cutucou com a cabeça.

Willow não gostava de cavalos. Simplesmente porque não tinha estado perto deles o suficiente. Ela virou de joelhos, sentada o suficiente para não ser uma ameaça.

Olhou ao redor para ver se algum homem o acompanhava e deu um suspiro de alívio quando percebeu que o animal estava sozinho.

A criatura era magnífica. Era de um preto sólido, da cor de alcaçuz. Não parecia pertencer a ninguém, pois o animal não tinha as marcas de freio ou sela.

— É selvagem? — perguntou ao cavalo. O animal olhou para ela com olhos castanhos suaves. Suas orelhas balançando, afastando as moscas. Willow não sabia como proceder.

Ela queria cuidar de sua higiene matinal, mas não queria assustar o cavalo com movimentos bruscos. Este se inclinou e cheirou seu cabelo. Ela sentiu sua respiração quente contra sua pele.

Seus lábios eram aveludados e macios enquanto bufava contra seu cabelo. Inesperadamente, sentiu um puxão em seu cabelo quando o cavalo o fez.

— Ai! Isso machuca! — gritou, acenando com o braço.

O cavalo a soltou e relinchou alto antes de descer a margem do rio. Willow ficou de pé e abraçou uma árvore caso ele decidisse atacar.

Houve um farfalhar do outro lado dos arbustos. Willow espiou ao redor da árvore, rezando para que não fossem os homens da cidade procurando por ela. Prendeu a respiração até que um cavalo cor de canela estalou a cabeça através da folhagem. Ele relinchou levemente para o preto.

Ela podia ouvir os dois cavalos relinchando um para o outro. Logo vários outros cavalos se juntaram ao rebanho e eles começaram a caminhar calmamente ao longo do rio. Willow rapidamente os seguiu para ver para onde estariam indo.

Os cavalos caminharam até uma clareira e então se viraram para o platô que Willow avistou no dia anterior. Eles ganharam velocidade enquanto corriam pela pradaria aberta em direção à formação rochosa. Isso deixou claro a Willow que provavelmente não havia água lá em cima, e por isso deveria repensar onde ficar.

Ouviu mais cavalos à distância. Mantendo-se abaixada, manobrou em direção ao campo aberto. Ao longe havia um celeiro de madeira. Havia um paddock e vários currais de treinamento. Dentro de um dos currais, um

homem cavalgava.

À esquerda do celeiro havia uma grande casa que se estendia pelo terreno. Uma mulher estava pendurando lençóis em um varal e outra colhendo frutas de uma grande árvore e colocando-as na cesta.

Willow sentiu seu pulso acelerar. As árvores frutíferas significavam algo para comer. Ela faria questão de voltar depois de escurecer. Parecia ser uma fazenda, então provavelmente haveria muitas pessoas. Ela se perguntou se poderia se esgueirar no palheiro para dormir à noite.

O som de cães latindo a fez congelar onde estava. Forçou os ouvidos para ver de onde poderia estar vindo. Uma jovem de cabelos louros corria pelo pátio com dois cachorrinhos nos calcanhares. Ela se adiantava um pouco e quando a alcançavam, se inclinava e pegava um, dando um beijo em sua cabecinha.

Willow sempre quis um cachorro. Ela relaxou, sabendo que os latidos vinham dos cães da fazenda, não dos cães que a seguiam. Voltando novamente para os arbustos, decidiu encontrar um lugar para se esconder até o anoitecer, quando voltaria depois que todos estivessem dormindo.

CAPÍTULO TRÊS



UMA SEMANA DEPOIS

— Eu não tenho a menor ideia do que pode estar acontecendo no jardim.

Oliver olhou para sua mãe. Marmee tinha uma das hortas mais bonitas que já tinha visto. Seu pai, Weston Chapman, até colocou uma cerca ao redor para protegê-la de coelhos, veados e até do gado que às vezes se libertava dos pastos.

Vários anos atrás, um de seus touros encontrou o caminho do pasto mais baixo para o jardim de Marmee. A horta inteira fora destruída, e seus pais acabaram tendo que comprar a maior parte de suas hortaliças do mercado da cidade. O touro, porém, alimentou muito bem a família. Na manhã seguinte, Weston reuniu seus oito filhos e a cerca foi erguida em questão de horas.

Oliver era um dos filhos mais velhos de Chapman. Mas, seu irmão gêmeo Owen, era tecnicamente o mais velho, tendo nascido cinco minutos antes de Oliver. Então veio o resto: Michael, Caleb e Everett. As gêmeas Marianne e Penelope foram as próximas e, finalmente, Alice, que era a mais nova. Infelizmente, Michael havia sido morto em Denver por um ladrão de gado.

Marmee caminhou pelo perímetro do jardim inspecionando a cerca.

— Eu simplesmente não vejo nada — disse, colocando as mãos nos quadris.

Oliver não viu nada que permitisse que uma criatura entrasse no jardim ou escapasse facilmente. Nada havia sido mordiscado; em vez disso, faltavam vegetais inteiros. Ele passou pelas fileiras onde as cenouras haviam sido retiradas da terra macia.

Os morangos normalmente estavam prontos nessa época do ano, mas Marmee conseguira obter uma segunda colheita das plantas. Pequenos arbustos que deveriam ser pontilhados de frutas vermelhas brilhantes, agora estavam nus. Ele continuou andando. Faltava uma cabeça de repolho.

Uma cabeça?

Certamente, não um animal.

Ele se ajoelhou ao lado da planta e afastou as folhas grandes. Na terra havia o contorno de um pé. Colocou a bota ao lado dele para avaliar seu tamanho. Assobiou para chamar a atenção de sua mãe.

— Parece que temos um ladrão, Marmee.

Marmee se aproximou e ficou em cima dele, com as mãos nos quadris.

— Eu sabia disso, Ollie. Preciso saber o que está acontecendo aqui, para que possamos ter certeza de que não aconteça novamente. — Oliver apontou para a pegada que era ofuscada por sua bota grande. — Isso parece uma impressão infantil — disse Marmee, levando os dedos aos lábios. — Oh, Senhor! O que uma criança estaria fazendo no meu jardim?

— Imagino que seja para que possa comer alguma coisa. — Oliver voltou para o caminho. — Vou avisar Everett. Ele pode conseguir alguns empregados para vigiar esta área da casa à noite.

— Isso não é necessário. Se for uma criança, tenho certeza de que suas irmãs e eu podemos lidar com isso.

Oliver olhou para sua mãe. Ela ainda estava tão determinada como sempre. Embora seu cabelo estivesse ficando grisalho e mais rugas aparecessem em seu rosto, Ingrid Chapman não era alguém a quem desafiar. Ela podia atirar com uma arma tão bem quanto qualquer homem que conhecia, e era habilidosa com uma faca.

Ele seguiu o rastro de pegadas até a cerca. Eles se estenderam além do pomar e desapareceram em direção ao rio. Ninguém vivia ao longo do rio. Havia uma cabana de armadilhas mais acima no desfiladeiro, mas nenhuma casa conhecesse entre Flat River e Grand Platte.

— Não duvido disso, mas estou preocupado porque Owen e eu iremos embora. E se não for uma criança? E se for um homem ou uma mulher com pés pequenos? É muito perigoso. Serão apenas você, Everett e as meninas.

Weston havia saído na semana anterior para encontrar Caleb, Tot e o resto dos homens para a condução do gado. Parecia que o grupo teve alguns problemas e iria demorar pelo menos uma semana para chegar. Ele deveria ter se conectado com o trem de gado em Owl Canyon, Colorado agora.

— Quando vai embora? — perguntou Marmee.

— Vamos sair daqui a pouco. Estou apenas esperando que Owen termine de se despedir de Ellie.

Marmee suspirou.

— Será uma bênção ter um casamento aqui.

Ellie Brooks chegou a Flat River como uma noiva por correspondência para Frank Hartman. Frank fora morto quando montou seu acampamento muito perto de um covil de cascavéis. A família Hartman culpou Ellie pela morte de seu filho. E como Ellie não tinha para onde ir, Owen a levou para o Rancho Chapman até que o próximo trem pudesse levá-la de volta para casa.

Isso acontecera três meses atrás.

Eles deveriam se casar assim que Owen a pedisse oficialmente em casamento. Por enquanto, estavam bastante contentes escrevendo cartas de

amor bobas e colocando-as em lugares aleatórios ao redor do rancho para o outro encontrar. Oliver estava secretamente com ciúmes das cartas que Owen recebia. Seu irmão encontrava uma e depois desaparecia um pouco para lê-la. E quando finalmente voltava, havia um sorriso bobo no rosto e com um humor muito melhor.

Desde que Ellie chegou, todos estavam de bom humor. Todos, menos Alice.

Alice havia sido sequestrada no ano anterior e, embora estivesse se recuperando, ainda exibia os efeitos do que quer que tenha acontecido quando estava em São Francisco. Levava várias semanas para levá-la de volta para casa e meses para se recuperar do vício do ópio. Agora ela tinha pesadelos e não gostava de grandes reuniões. Passava a maior parte do tempo em seu quarto, ou no balanço da varanda da frente escrevendo em seus diários ou lendo.

Oliver ajudou sua mãe a recolher as poucas maçãs que caíram da árvore. Marmee estendeu o avental e Oliver deixou-as cair no pano.

— Onde está sua cesta? — perguntou. Marmee mantinha uma cesta ao lado do portão para que pudesse colher maçãs sempre que estivesse com vontade.

— Desapareceu também.

— O que está acontecendo? — uma voz chamou. Oliver se virou para ver Owen vindo em direção a eles. Ele tinha uma mochila em um ombro e um rifle no outro.

— Recebeu uma carta?

Owen deu tapinhas no bolso do paletó.

— Bem aqui. Acho que vou guardar essa para a fogueira hoje à noite.

Oliver riu.

— Eu estava apenas ajudando Marmee a colher maçãs.

Owen desceu o caminho, olhando para os vegetais que haviam sido desenterrados.

— O que aconteceu aqui?

— Parece que alguém estava com fome e gostou do jardim de Marmee.

Owen coçou o queixo.

— Devemos ficar preocupados?

Marmee juntou as pontas do avental com uma mão.

— Nem um pouco. — respondeu. — A pegada não é muito maior que a de uma criança, então vá. Encontre seu cavalo e volte em segurança. Não vou descansar até que todos os meus homens voltem para casa.

Oliver beijou sua mãe na bochecha. Owen fez o mesmo, mas roubou uma maçã do avental dela.

— Devemos estar de volta em dois dias — disse Oliver, abrindo o portão que levava através do pomar até o celeiro e piquetes abaixo.

Ele foi em direção ao celeiro, olhando para baixo para segurar as pegadas

na terra. Foi fácil distinguir as pegadas do ladrão. Eram as únicas sem sapatos. Seguiu as pegadas até o curral onde Cocoa, um dos touros do rancho, era mantido. Pareciam ir para onde o riacho e o rio se encontravam do outro lado do pasto.

— O que vê, irmão? — Owen perguntou, mastigando a maçã que pegou. Oliver apenas balançou a cabeça.

— Não tenho certeza. Os rastros parecem ir em direção à água. Mas, não há nada lá embaixo a não ser aquela velha cabana de caça.

— Talvez devêssemos dar uma olhada.

— Concordo. Não me sinto confortável com alguém à espreita. — Oliver coçou o queixo.

Owen deu outra mordida em sua maçã.

— Você ouviu que os Bergman tiveram uma dúzia de cabeças roubadas? As sobranceiras de Oliver se ergueram.

— Quando isto aconteceu?

— Eu estava na cidade ontem para pegar mais alguns pregos e ouvi Briggs mencionar isso.

— E por que não disse nada no jantar?

— Eu não queria preocupar Marmee ou Alice com Pa e Caleb estando longe. Achei que não precisava mencionar e chatear a todos. Mas Everett sabe, então irá ficar de olho em tudo. — Owen apontou para Oliver com a maçã. — E ouvi que alguém foi baleado na Srta. Marcy.

— Espero que não tenha ido lá. Marmee escaldaria sua pele. Ela não se importa que seja um homem adulto.

Owen riu.

— Não cheguei nem perto de lá. Estava simplesmente falando com Briggs.

Orrin Briggs era o Xerife da cidade. Ele tinha um grande território pelo qual era responsável, mas considerava Flat River seu ponto de operação.

— Eu acho que estava muito ocupado com Ellie e simplesmente esqueceu-se de mencionar qualquer coisa. — Oliver fez sons de beijo para seu irmão.

À menção de Ellie, Owen abriu um sorriso.

— Sim, eu estava meio ocupado ontem à noite.

Oliver deu um tapa nas costas de Owen enquanto se dirigiam para o celeiro e os cavalos.

— Alguma chance de Ellie ser minha cunhada em breve?

Owen não disse nada até chegarem ao paddock. Uma égua cinzenta se aproximou para cumprimentá-los. Ela se chamava Splinter porque tinha pelagens brancas escondidas entre as grisalhas. Alice disse que eram como farpas que iriam ficar sob sua pele.

Owen ofereceu a Splinter o resto da maçã e então coçou a cabeça do animal.

— Propus ontem à noite.

— E não pensou em mencionar isso no café da manhã? Está esquecendo algumas coisas, irmão. — Oliver riu. — Marmee vai ficar emocionada que pelo menos um de nós está se estabelecendo. Eu não ficaria surpreso se ela começasse a perguntar sobre netos.

Owen ergueu as mãos em falsa rendição.

— É exatamente por isso que não dissemos nada.

— Não te culpo. — Oliver olhou por cima do paddock em direção à água. — Graças a Deus é você. E não eu. Não tenho intenção de me estabelecer com nenhuma mulher.

— Por que não? Não é ruim se você encontrar a pessoa certa.

Oliver deu de ombros.

— Gosto da minha vida. Eu vou para onde quero. Não tenho que cozinhar. E tenho mais dinheiro do que sei ainda. Por que eu iria querer atrapalhar isso?

Owen estava no trilho inferior.

— É um homem adulto. Deveria estar casado e com um monte de filhos. Em vez disso, ainda está morando com sua mãe e seu pai e sem perspectivas à vista.

— Bem, quando coloca dessa forma...

— Ellie me disse que Polly virá nos visitar em breve.

— Polly? — Oliver reconheceu o nome, mas não sabia de onde.

— Sua amiga de Atlanta. Acho que Ellie espera encontrar um par para ela aqui.

— Está pensando em construir uma casa em breve? — O pensamento de não ver seu irmão todos os dias o deixou sério. Eles não eram apenas gêmeos, mas também melhores amigos.

— Em algum momento, mas não agora.

Oliver olhou por cima do ombro para a casa.

— Talvez eu devesse pensar em construir uma casa. Especialmente se aquela vai se encher de mulheres procurando maridos.

Owen riu e pulou do parapeito.

— Irmão, algum dia alguém vai te domar. Espero estar por perto para ver acontecer. — Ele olhou para o céu e depois de volta para Oliver. — A luz do dia está esquentando. Devemos seguir a trilha.

— Não tão cedo — Oliver respondeu e seguiu Owen em direção ao celeiro.

Rich, um dos trabalhadores do rancho, estava verificando as crinas de Winchester, o cavalo de Owen. Um cigarro estava pendurado no canto de sua boca enquanto falava baixinho com o cavalo. Rich deve ter ouvido eles se aproximarem, pois olhou para cima e acenou com a mão em saudação.

— Quase pronto para sair? — perguntou.

— Sim. — Oliver olhou para Rich. Ele era um vaqueiro jovem, provavelmente não mais do que vinte. Era um jovem bonito, com cabelos ruivos e sardas nas bochechas. — Aprendeu isso com Smokes? — perguntou,

apontando para o cigarro.

— Um nada, chefe.

— Não importa se está na trilha ou no pasto, apenas não fume no celeiro. Não quero ver isso pegar fogo. — Oliver acenou com a mão ao redor do celeiro.

Rich assentiu e apagou o cigarro no calcanhar da bota. Ele colocou o tabaco esmagado no bolso.

— Claro, chefe. Onde vai?

— Não tenho certeza ainda. Iremos para Mustang Hill e depois para Cupid's Bluff.

— Não é perto de Last Chance?

— Sim.

— Eu tenho um primo por lá. Por que tão longe?

— Ouvimos que havia avistamentos de outro rebanho por ali. Espero que possamos dar uma olhada neles. — Oliver olhou ao redor do celeiro. — Onde está Smokes?

— Ele teve que ir para o outro celeiro. Disse que voltaria logo. Whiskey está pronto, chefe. — Rich apontou para o cavalo de Oliver esperando pacientemente em sua baia. Rich deu tapinhas na garupa de Winchester.

— Obrigado — Oliver disse, pegando as rédeas de Whiskey e levando o cavalo para fora.

Seu saco de dormir e bolsa já estavam no lugar, mas verificou tudo por precaução. Correndo os dedos entre o couro duro e o cavalo, ele se certificou de que não estava muito apertado. Rich ainda estava aprendendo.

Rich aprendia rápido, mas Oliver sempre verificava se alguém selava seu cavalo. Queria ter certeza de que nada prejudicaria Whiskey, ou a si mesmo, enquanto cavalgava.

Enquanto Oliver cuidava do Whiskey, Owen trouxe seu cavalo para fora e fez a mesma coisa. Quando terminaram e se certificaram de que tudo estava seguro, montaram em seus cavalos e seguiram em direção ao riacho.

— Oliver! Owen! — uma voz chamou.

Oliver virou seu cavalo para ver Alice passando pelo portão do jardim e correndo em direção ao celeiro. Ela chamou novamente.

— É Alice. Esqueceu alguma coisa? — perguntou ao irmão.

— Nada que eu possa pensar.

— Vou descobrir o que ela quer. — deu tapinhas na lateral de Whiskey e o cavalo partiu em direção à casa. Encontraram Alice no meio do caminho. Suas bochechas estavam coradas, e sem fôlego de correr tão rápido.

— O que está acontecendo, Pint Jar?

Oliver a chamara de Pint Jar, já que ela era o menor bebê que já tinham visto. Não maior do que um dos potes em que Marmee costumava enlatar sua famosa geleia. O apelido pegou.

— Estão indo atrás do Black? — O Black era um Mustang selvagem que havia escapado de ser pego por anos.

Oliver assentiu.

— Vamos ver se podemos encontrar o rebanho. Assim que fizermos isso, vamos reunir todos para fazer uma busca.

— Ok — Alice disse suavemente.

Oliver se inclinou e segurou o queixo de sua irmã para que ela olhasse para ele.

— O que é, Pint Jar?

— Como ele tem sido selvagem por todo esse tempo, não acho que sobreviveria sendo capturado.

Oliver soltou sua irmã.

— Veremos. Há uma grande recompensa por ele. É uma criatura magnífica.

— Apenas prometa que não irá machucá-lo.

— Isso eu posso prometer. Agora, pode me fazer uma promessa?

— Depende. — Oliver a observou traçar o chão com a ponta do sapato.

— O que é?

— Prometa-me que vai cuidar de Marmee e Ellie enquanto estivermos fora?

— E Everett?

— Ele vai ajudar com o gado.

— E os cavalos?

— Rich cuidará de tudo para nós. Já que vendemos o resto do rebanho, só temos os cavalos do rancho para cuidar.

Alice assentiu.

— Tudo bem então. Só volte logo. — Oliver bagunçou o cabelo de Alice. Ela ergueu o braço para afastar o gesto afetuosos. — Pare com isso, eu não sou uma garotinha!

Oliver riu.

— Sempre será uma garotinha para mim, Pint Jar.

Ele observou Alice caminhar de volta para a casa antes de assobiar para seu cavalo e continuarem sua caminhada até o rio. Oliver observou o chão enquanto se aproximavam.

— O que está procurando?

— Apenas verificando se posso dizer em qual direção vão as pegadas.

— Vamos checar a cabana de armadilhas e então poderemos ir até Mustang Hill.

Cavalgaram em silêncio até chegarem a uma pequena cabana afastada do rio em uma pequena clareira.

A cabana era mais um alpendre. Uma estrutura simples para fornecer abrigo dos elementos.

Oliver foi até a porta e desmontou Whiskey. Deu uma olhada rápida ao redor, mas não viu ninguém.

— Olá? — chamou. Foi recebido com silêncio.

Tirando a arma do coldre, foi até a janela para espiar.

— Olhe aqui — Owen chamou. — O que é isso? — Owen apontou para o chão. Havia um amontoado de pegadas na terra. — São mais ou menos do mesmo tamanho que os do jardim de Marmee.

— Bem, então sabemos que havia alguém aqui.

Oliver foi até a porta e bateu.

— Alguém?

Ele empurrou a porta com o cano da arma.

A cabana estava vazia, exceto por uma mesa de madeira, uma cadeira, um pequeno berço e um abajur. O abajur estava sobre a mesa junto com alguns fósforos e a cesta perdida de Marmee. A cesta estava coberta com um pequeno lenço debruado em renda.

Ele foi até um canto, e o cheiro de linimento e rosas invadiu suas narinas.

Que combinação estranha, pensou.

Espiou dentro da cesta para encontrar cenouras, beterrabas e algumas maçãs. Devolvendo o lenço à cesta, saiu para ver seu irmão.

— Parece que alguém está hospedado aqui. Encontrei a cesta de Marmee e os itens que faltavam do jardim.

— Deveríamos ficar aqui para ver se eles voltam.

Owen entrou na cabana enquanto Oliver fora esconder os cavalos nas árvores. Não adiantava anunciar sua presença. Quando voltou, Owen estava na varanda comendo uma maçã.

Oliver estava prestes a dizer algo quando ouviu uma voz feminina cantando. Ergueu a mão e escutou atentamente. O canto parecia vir do rio e subir a margem. Sinalizou para Owen, que desapareceu dentro da casa, silenciosamente fechando a porta atrás dele.

Oliver engatilhou sua pistola e foi para o lado da casa. Não tinha intenção de atirar em uma dama, mas não sabia que tipo de companhia ela poderia estar mantendo.

Não demorou muito para uma mulher entrar na clareira. Ela devia ter acabado de tomar banho, pois estava vestida com roupas íntimas e o cabelo molhado. Um vestido estava pendurado em seu braço. Oliver rapidamente desviou os olhos para não ver o tecido grudado em sua pele molhada.

Ele ergueu os olhos mais uma vez e se concentrou no rosto da mulher. Era atraente, e certamente não de Flat River. Qualquer um com um pinga de bom senso saberia não chamar atenção para si mesmo na floresta. E parecia estar sozinha.

O cabelo escuro da mulher deu-lhe uma aparência misteriosa. Oliver não conseguia ver os olhos dela, mas sabia que seriam tão escuros quanto. Seus lábios eram carnudos e da cor do ruído que suas irmãs usavam para fazer seus lábios parecerem maiores. Sua pele estava pálida e marcada com hematomas desbotados.

Ela era simplesmente de tirar o fôlego.

E estava descalça.

Ao dar um passo para trás, um galho quebrou debaixo de sua bota. Fazendo uma careta, deu um pequeno gemido e espiou pela esquina novamente.

A mulher havia parado de cantar e estava olhando ao redor da clareira. Oliver reconheceu aquele olhar em seus profundos olhos escuros.

Medo.

Ela continuou sua varredura e seus olhos caíram direto em Oliver.

Ela soltou o grito mais alto que ele já tinha ouvido. Largando o vestido, se virou e correu em direção ao rio.

Oliver gritou por seu irmão enquanto guardava sua pistola e corria atrás da mulher.

CAPÍTULO QUATRO



Os galhos arranharam os braços de Willow enquanto corria pela margem.

Seu coração batia forte em seus ouvidos e seus pulmões gritavam por ar.

Não tinha certeza para onde estava indo, só sabia que tinha que ficar longe do homem correndo atrás dela.

Seus pés estavam em chamas por estar descalça. Eles foram cortados pelas rochas. Esperava ficar na cabana por mais alguns dias para deixar os pés curarem antes de continuar sua caminhada rio abaixo.

O xerife deve ter percebido que foi ela quem matou o Sr. Blackman e enviara esses homens para levá-la de volta à cidade. Ela não queria ser enforcada.

Lágrimas começaram a queimar em seus olhos, tornando a fuga muito mais difícil.

Soltou um grito quando as urzes se prenderam em suas pernas, rasgando suas calças. Ignorando o fogo que irradiava dos arranhões, continuou correndo.

Foi uma benção quando encontrou o pequeno barraco. Estava tão longe que ninguém teria notado, a menos que soubessem que estava lá.

Ela o transformou em uma casa o máximo que pôde, varrendo o chão com galhos e folhas queimadas na pequena lareira para se livrar do cheiro úmido e empoeirado. E ficara dentro da cabana sem se aventurar por dois dias. Então escapou para ir buscar água no rio.

Ela fez isso por mais dois dias, aventurando-se um pouco mais longe do barraco.

E foi no quarto dia que avistou o cavalo preto novamente.

Uma criatura tão majestosa!

Sabia que o cavalo era o responsável por levá-la até a cabana. Era como se a besta soubesse que precisava de ajuda.

O cavalo também a levou de volta para a fazenda que tinha visto quando escapou do Sr. Blackman.

Ela observou a fazenda dos arbustos ao longo do rio por um dia inteiro,

para ver as idas e vindas dos homens e mulheres que trabalhavam lá. Eles pareciam ser uma família bastante grande e Willow estava com inveja de ver a afeição entre os homens e as mulheres. Até os homens que trabalhavam nos pastos pareciam ser bem-humorados, rindo uns com os outros enquanto cuidavam de seus afazeres.

Enquanto observava a casa principal, juntou todas as folhas, nozes e frutas que conseguiu encontrar, enfiando-as nos bolsos para o jantar.

Finalmente, todos se foram e o sol começou a se pôr. Não teria muito tempo se quisesse voltar para a cabana antes que estivesse completamente escuro. Esgueirando-se até a casa, espiou árvores cheias de frutas deliciosas e uma enorme horta. Certamente, ninguém notaria se pegasse alguns vegetais e algumas maçãs.

Entrando no pequeno jardim, procurou algo em que pudesse colocar tudo. Ao lado do portão havia uma cesta feita à mão. Ela a pegou e se moveu entre a horta, pegando um pouco de tudo. Ao sair, encheu o resto da cesta com maçãs e o conteúdo de seus bolsos antes de voltar sorrateiramente para a cabana.

Comeu até encher a barriga de cenouras, repolhos e até uma beterraba, deixando o resto na cesta e cobrindo-a com o lenço. Para a sobremesa, comeu as frutas e nozes.

As cascas das nozes que colheu eram tão duras que as embebeu na água do rio na esperança de amolecê-las. Quando chegou na manhã seguinte, imagine sua surpresa que, à medida que as nozes se dissolviam, transformavam a água em uma bagunça turva e ensaboada.

As nozes dissolvidas seriam perfeitas para lavar seu vestido.

Ela pegou algumas nozes da água e desceu ao rio para se banhar e lavar o vestido. A água estava deliciosa contra sua pele, mas não queria passar muito tempo ao ar livre, para que ninguém a encontrasse.

Ficou surpresa ao encontrar um homem esperando na clareira. Seu primeiro instinto foi fugir.

Largando o vestido, correu em direção ao rio.

Seus pés, que já estavam machucados por estar descalça por uma semana, latejavam enquanto corria pelo mato. Ela olhou por cima do ombro para ver o quão perto seu perseguidor estava. O homem estava se aproximando rapidamente. E notou que outro homem a seguia.

Havia dois deles!

Ela se concentrou em correr.

Ouviu um dos homens gritar algo para o outro e notou o segundo homem se movendo ao redor dos arbustos na esperança de impedir sua fuga.

Seus olhos dispararam para a esquerda e depois para a direita.

Onde poderia se esconder?

Deslizou pelo barranco, empurrando a mão na lama para diminuir a velocidade. Aterrissando com um baque na margem lamacenta, levantou-se e correu em direção ao riacho, longe de onde o segundo homem estava indo.

— Espere! — um dos homens a chamou.

Willow não tinha intenção de esperar.

Ela ouviu o barulho da água enquanto o homem corria pela margem do rio. Olhou para trás e viu que era o homem que descia o rio. Para onde foi seu companheiro?

Quando se virou para continuar correndo, colidiu com uma parede, parando-a em seu caminho. Antes que pudesse responder, dois braços fortes a envolveram e a puxaram para perto. Sua boca abriu e fechou algumas vezes enquanto olhava nos olhos castanhos mais profundos que já tinha visto.

— O-o-o que quer? — conseguiu gaguejar.

— Agora, eu gostaria que você parasse de correr.

Sua voz era suave, como a seda mais fina usada por Srta. Marcy. Willow lutou em seus braços, o que só o fez apertar ao redor dela. Ele cheirava a roupa limpa, couro e sol. Willow se inclinou e inalou. E parou por um momento, reunindo seus pensamentos, seus olhos correndo ao redor tentando encontrar um meio de escapar.

Seus braços afrouxaram apenas ligeiramente. Willow olhou em seu rosto e a respiração deixou seu corpo. Ele era o homem mais bonito que já tinha visto.

O nariz dela estava na altura do peito dele, tornando-o pelo menos trinta centímetros mais alto que ela. Seu chapéu havia caído durante a perseguição, revelando cabelos castanho-dourados que eram um pouco compridos demais na frente. Sua barba estava aparada, provavelmente por estar muito quente na pradaria. Alguns pelos faciais forneciam proteção solar.

Ele tinha uma mandíbula quadrada coberta de cabelos claros. Seus olhos eram da cor do chocolate caro que havia visto no mercado. Seus ombros eram largos e seus braços musculosos. Ah, tão musculoso!

Nunca tinha visto braços tão grandes. Eram do tipo que faria uma mulher sentir muito medo... ou muito segura.

Ela começou a lutar novamente, se debatendo contra os braços dele, o que fez com que lhe apertasse ainda mais.

— Eles o mandaram? — perguntou, batendo em qualquer lugar que seus punhos pudessem fazer contato.

— É uma gata selvagem, não é? Eu disse: pare de lutar, vai se machucar. — Ele a levantou do chão, apertando-a contra seu peito. — Quem teria nos enviado?

Antes que pudesse responder, o segundo homem se aproximou.

— Ela é muito mais rápida do que eu pensava — disse. Ele passou um chapéu Stetson ao redor dela e o entregou ao homem de braços grandes.

— Obrigado, irmão — disse, soltando-a apenas o suficiente para pegar o chapéu e colocá-lo na cabeça. Willow aproveitou-se dele soltando seu aperto sobre ela para deslizar debaixo de seu braço e tentar correr pela margem. No entanto, o homem foi rápido, e sua mão agarrou o braço dela, virando-a para encará-lo.

— Deixe-me ir — gritou, tentando chutar a perna dele com o pé descalço. Seus dedos encontraram o couro duro de sua bota e ela soltou um grito.

— Retraia suas garras, Kitten — disse, puxando-a para perto novamente. — Eu não vou te machucar.

— Como eu sei disso?

O homem encolheu os ombros.

— Acho que vai ter que confiar em mim.

— Não confio em ninguém, muito menos em um homem.

O homem olhou para ela.

— Isso é uma vergonha. — Ele apontou para as calças dela, onde a perna estava presa nas urzes. O linho estava manchado de sangue e sujeira. — Precisamos cuidar de você antes que isso seja infectado. Também devemos comprar algo adequado para usar. Uma senhora como você não deveria andar por aí nua.

— Então não olhe — ela disse, tentando arranhar seu rosto.

O homem agarrou as duas mãos dela e as segurou juntas.

— Não me faça te laçar como um bezerro recém-nascido. — Seu aperto era forte o suficiente para segurá-la, mas não o suficiente para machucá-la. — Eu sou Oliver Chapman. — Ele inclinou a cabeça sobre o ombro para o homem de pé atrás dele. — Este é meu irmão Owen. Importa-se de nos dizer por que acha que fomos enviados por alguém?

Willow mordeu o lábio inferior.

— Você não é de Flat River?

— Não da cidade. Temos um rancho no caminho. Mas você já sabe disso, não é?

— Eu não sei de nada. — Ela tentou puxar as mãos, mas Oliver as segurou. O homem chamado Owen deu uma volta e, pela primeira vez, Willow deu uma boa olhada nele. Sua boca se abriu ligeiramente. — Oh meu Deus, vocês são dois.

Oliver sorriu para ela.

— Sim, senhora.

— Gêmeos? — Ela nunca tinha conhecido um par de gêmeos antes.

O homem chamado Owen assentiu.

— Quer nos dizer por que está invadindo nossas terras e saqueando o jardim de nossa mãe?

Willow olhou para os dois. Nada era ameaçador na forma como a tratavam. Mas ela sabia que todos os homens em algum momento se tornaram cruéis.

— Eu não queria cavar o jardim. Tentei ser cuidadosa. Eu simplesmente não comia há três dias.

— Três dias? Faz quanto tempo que está na cabana?

— Encontrei no dia em que fugi. — Ela não queria dizer a ele que o encontrou seguindo um majestoso cavalo preto e sua matilha... tribo... uma

manada de cavalos.

— Quando foi isso?

— Não tenho certeza — disse ela. — Foi o dia em que a diligência estava saindo da cidade.

— Como sabe disso?

— Eu pude ver da janela do meu quarto.

Há apenas um lugar que era alto o suficiente para poder ver a diligência chegando.

— Estava hospedada na casa da Srta. Marcy? — Quando não respondeu, ele olhou para ela com aqueles profundos olhos castanhos. Ela queria derreter. — Acho que a cabana foi uma escolha melhor.

— Não é bem uma cabana — zombou. — Muito pequena, sem lugar para cozinhar.

— Há um fogão de ferro no canto.

— Ah, eu não vi.

— Está debaixo de uma colcha. — Ele ergueu a sobancelha para ela. — Agora, do que estava fugindo?

— Eu preferiria não dizer.

— Onde estava indo?

— Sempre faz tantas perguntas? — Willow exigiu, tentando soltar as mãos.

— Calma, Kitten — ele disse.

Ela viu Owen rindo.

— Não é nada engraçado — ela cuspiu.

Owen deu tapinhas no ombro do irmão.

— Oh misericórdia, você vai ter as mãos cheias.

— O que isso significa? — perguntou a Oliver.

— Está com problemas, Kitten?

— Meu nome não é Kitten.

— Então, qual é?

Ela pensou rapidamente:

— Suzy.

O homem olhou para ela e franziu os lábios.

— Acho que esse não é o seu nome. — Ele a soltou. — Vou te dizer uma coisa — disse, colocando o pé em uma pedra que se projetava da margem do rio. — Que tal darmos uma volta na cidade e assim contar a sua história ao Xerife Briggs?

— Ah, não, isso não! — implorou. O pânico começou a subir em sua barriga.

Owen se virou e começou a descer o rio.

— Você a tem, irmão. Vou buscar os cavalos.

— Não se esqueça da cesta de Marmee — Oliver falou por cima do ombro.

Ela viu o homem chamado Owen acenar enquanto continuava andando

pela beira do rio, antes de se virar para o homem com os olhos lindos e uma voz como mel.

— Está em apuros? — Oliver perguntou.

Willow não queria confiar nos homens, mas não tinha escolha neste momento. Assentiu.

— Tem uma casa por aqui?

Ela balançou a cabeça.

— De onde é, Kitten? — Ele disse tão suavemente que ela teve que se esforçar para ouvir as palavras.

Ela soltou um pequeno suspiro.

— De lugar nenhum.

— Todo mundo é de algum lugar. De onde é, ou era?

— Cidade de Kansas. Mas não há mais casa.

— Seus parentes estão mortos?

Ela simplesmente assentiu.

— Precisa de um lugar para ficar?

— Eu iria ficar só por mais uma noite. Partirei pela manhã.

— Aquela cabana não é lugar para uma dama. Vamos, Kitten, vamos levá-la a algum lugar seguro, fazer uma refeição adequada, com roupas adequadas.

— Acho que não devo ir com você.

— Por que não? Você fica no meio da floresta. Não notei roupas ou itens pessoais na cabana. Onde estão seus sapatos?

— Não tenho nenhum. E não quero estar perto de um bando de homens.

Oliver concordou com a cabeça. Alice tinha o mesmo olhar magoado quando voltara de São Francisco. Ele passou a mão pelo rosto.

— Vou levá-la até minha mãe e minha irmã. Prometo que nenhum mal lhe acontecerá.

Eventualmente, Willow assentiu. Oliver estendeu a mão para guiá-la até o barranco e a área arborizada.

Ela estremeceu quando seus pés atravessaram a lama rochosa.

Quando chegaram ao nível mais alto, Oliver acenou para ela se sentar em um toco.

Willow sentou-se e cruzou os pés na altura dos tornozelos.

— Deixe-me ver seus pés — disse suavemente.

— Isso não seria adequado — disse ela.

Oliver riu. Uma rica risada gutural.

— Querida, eu não me preocuparia se eu segurasse seu tornozelo agora, já que a vi em roupas íntimas.

Willow desenrolou os pés e os esticou na frente dela. Oliver gentilmente pegou cada um em sua mão e olhou para eles.

Sem uma palavra, ele se virou, e Willow pensou que ele a estava deixando até que percebeu que voltava para a água. Ele retornou com uma

bandana molhada e começou a limpar os pés dela.

— Eu posso fazer isso.

— Tenho certeza de que pode, Kitten — ele disse suavemente, limpando a sujeira e o sangue de seus pés.

Ela observou enquanto ele limpava um pé e depois voltava ao rio para enxaguar a bandana e encharcá-la novamente. Ela nunca teve ninguém ajoelhado em sua frente, muito menos a tocando tão suavemente. Ela se contorceu desconfortavelmente no tronco. Seu chapéu estava no chão ao lado dele, e queria estender a mão e passar os dedos por seus longos cabelos. Seus dedos se abriram, mas rapidamente colocou a mão de volta no colo.

— Willow — disse suavemente. Os olhos de Oliver saltaram para os dela. Ela se sentiu envergonhada por ter mentido antes para ele. — Meu nome é Willow.

— Esse é um nome bonito — Ele soprou suavemente no pé dela. — Eu prefiro Kitten, no entanto. — Colocou a bandana suja no chão e descansou os calcanhares dela. — Fique aqui, já volto.

— Onde vai? — o pânico em sua voz era evidente.

— Volto já. Só vou pegar algumas folhas.

— Oh. — Ela mordeu o dedo. Quando ele estava ajoelhado na frente dela mais uma vez, Owen voltou com os cavalos.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, deslizando de um cavalo preto.

— Os pés dela estão todos cortados. — Oliver apontou para a mochila nas costas do cavalo. — Dê-me duas bandanas e aquela camisa extra. — Quando Owen lhe passou os itens solicitados, Oliver deu a camisa para Willow. — Aqui, coloque isso. Não há necessidade de você se envergonhar.

— Eu peguei seu vestido — Owen disse. — Acho que está arruinado pela lama.

Willow vestiu a camisa. Era longa o suficiente para cobrir abaixo de seu traseiro, mas suas calças ainda seriam visíveis.

— Eu provavelmente posso esfregá-lo bem. Obrigada pela camisa.

Oliver esmagou as folhas, misturando com um pouco de seiva de uma nogueira e cobriu a planta do pé dela com cataplasma. Usando uma das bandanas limpas, ele enrolou no pé dela, dobrando a ponta por baixo de si mesma. Depois fez o mesmo com o outro. Oferecendo a mão, ajudou Willow a se levantar.

— Obrigada. Eu nunca tive ninguém cuidando de mim desde que minha mãe morreu.

— Isso é uma pena — disse Oliver. Ele a ergueu em seus braços tão rapidamente que ela não teve tempo de responder a não ser colocar os braços em volta do pescoço dele. — Toda mulher deveria ter alguém para cuidar dela.

— Não precisa me carregar.

— Mas não pesa mais do que um potro recém-nascido — disse ele

suavemente.

Willow apertou os braços um pouco. Era esmagador ter alguém sendo gentil. Ela queria chorar. Mordeu o lábio inferior para evitar que as lágrimas caíssem.

Ele a levantou em seu cavalo, e então agarrou as rédeas, conduzindo o animal pela trilha. Owen montou em seu cavalo e o seguiu de perto.

O silêncio era ensurdecedor. Ela sentiu o desejo de preenchê-lo com barulho. Qualquer tipo de ruído.

— Qual é o nome do seu cavalo? — finalmente perguntou.

Oliver olhou para ela, mas continuou a conduzir o cavalo pela trilha.

— Whiskey.

Ela deu tapinhas no pescoço do cavalo.

— Whiskey é um nome bonito. — Ela deu tapinhas no cavalo enquanto olhava ao redor. — Você não deveria estar montando.

— Não, Senhora. Whiskey é ele, e você precisa montar mais do que eu.

— Onde estamos indo?

— De volta ao rancho.

— Tudo bem com sua família? Eu não quero me intrometer.

Oliver parou o cavalo e se apoiou no pescoço de Whiskey, olhando para ela.

— Kitten, minha mãe me ensinou a nunca deixar uma dama em apuros.

Willow assentiu enquanto Oliver voltava a guiar Whiskey pela trilha. Ela só esperava não se decepcionar novamente.

CAPÍTULO CINCO



Ele estava em apuros.

A última coisa que esperava quando fora para a cabana era uma mulher.

Não tinha certeza do que esperar, mas depois de vê-la e segurá-la em seus braços, não poderia estar mais satisfeito. Algo mudou dentro dele quando viu os hematomas em seus braços e pernas e como seus pés estavam danificados. E poderia dizer que ela não usava sapatos há um bom tempo.

Havia uma história ali, e Oliver estava determinado a descobrir o que era. Cada fibra de seu ser gritou para proteger esta mulher. Mas do que ele a estava protegendo?

Faria algumas perguntas discretas na próxima vez que fosse à cidade. Briggs provavelmente saberia quem era Willow e um pouco sobre ela. Ele conhecia todos na cidade e todas as suas idas e vindas.

Willow.

Era um nome bonito que lhe convinha. Lembrou Oliver de uma das árvores do outro lado do pasto, perto do riacho. Ali os willows, ou salgueiros negros, cresciam a mais de 30 metros de altura. Para olhar a árvore esbelta com seus longos galhos em forma de ramo, parecia delicada, como se pudesse ser facilmente destruída por uma rajada de vento. Mas as raízes do salgueiro são profundas e se mantêm firmes na terra.

Sim, o nome combinava com ela. Delicada e forte.

E ela se encaixava perfeitamente em seus braços.

Willow se mexeu na sela. Oliver se virou e olhou para ela.

— Está bem? — perguntou.

Ela assentiu.

— Nunca andei a cavalo antes.

— Costas doloridas?

Ela riu.

— Como sabe?

— Lembro-me da primeira vez que andei. Eu estava muito dolorido no dia seguinte.

— Você cavalga há muito tempo?

— Toda a minha vida. Começou quando eu tinha um ano. Meu pai nos colocava em um cavalo e cavalgávamos pelo quintal. Era a égua mais gentil que eu já tinha visto. Ela era uma *pinto*. Um cavalo indígena. — Oliver sorriu com a memória.

— Qual era o nome dela?

— Worse. Mas com um w.

— Worse? Que tipo de nome de cavalo é esse?

— O tipo de nome que um garotinho com a língua presa deu a ele.

— Era você? — Oliver assentiu. — Não tem problema algum agora — ela observou.

Ele caminhou em silêncio, lentamente guiando Whiskey de volta para a casa. Estavam chegando à clareira perto do curral dos cavalos e do curral de Cocoa. Owen tinha ido na frente para deixar Marmee ciente sobre Willow. Conhecendo sua mãe, ela já estava preparando um banho e fazendo chá.

— Oliver?

Oliver voltou sua atenção para Willow.

— Não. Minha mãe trabalhou sem parar me ensinando a falar.

— Minha mãe morreu quando eu tinha apenas doze anos.

— Eu sinto muito. — Oliver não podia imaginar esse tipo de dor. — Tem algum irmão?

— Apenas um irmão. Ele é dois anos mais velho que eu.

— Ele ficou onde você morava?

— Ele está morto para mim.

Oliver não sabia o que dizer, então continuaram em silêncio pelo resto do caminho. Ele levou Whiskey até a varanda e amarrou o cavalo na grade. Marmee saiu e correu para a jovem, colocando a mão na perna de Willow.

— Owen me disse que eles a encontraram. Que susto terrível deve ter levado. — Marmee olhou para Oliver. — Estou muito feliz que meus meninos a tenham encontrado.

— Sim, senhora.

— Minha pobre querida, vamos tirá-la daí e entrar. Eu tenho água sendo aquecida para um banho e nós lhe daremos algo adequado para comer. Está com fome?

Willow assentiu.

— Sim, senhora. Sinto muito pelo seu jardim.

Marmee acenou com as mãos.

— Não se preocupe com isso, criança. Estou apenas agradecida por não ser um animal selvagem.

Oliver ergueu Willow do cavalo e então a pegou em seus braços.

— Eu posso andar — disse.

Ele olhou para ela enquanto seus braços se apertavam ao redor de seu pescoço.

— Por que andar quando posso carregá-la? — Ele cruzou a soleira e a levou diretamente para o grande sofá na sala de estar.

Quando a colocou no sofá, suas mãos puderam sentir o quão delicada era. Podia sentir os ossos de suas costas e costelas quando tirou o braço ao redor dela. Não podia acreditar que alguém iria abusar de uma bela jovem.

— Isso deve aquecê-la. — Ele colocou uma colcha sobre as pernas dela.

— Não quero sujar. Ainda tenho lama nas minhas pernas.

— Não se preocupe com isso, Kitten. Pode ser lavada.

— Quem é essa? — Alice perguntou, entrando na sala. — E por que ela está em suas roupas de baixo? Essa é a sua camisa?

Willow rapidamente puxou a colcha sobre as pernas.

— Esta é Willow. Eu a resgatei. Ela vai ficar conosco por alguns dias. — Ele repassou as palavras em sua mente. Eu a resgatei. Sou bastante engraçado quando disse isso em voz alta.

— A resgatou? O que está acontecendo aqui? — Alice exigiu. — Primeiro Owen. Agora Oliver. Não é à toa que Penny voltou para Denver.

— Eu não quero me intrometer — disse Willow, torcendo as mãos no colo.

— Pint Jar! — Oliver avisou. Ele tinha dado bastante espaço a Alice desde que voltara de São Francisco, mas não toleraria grosseria com uma hóspede.

Alice bufou.

— Bem, onde ela vai dormir? Em breve estarei no celeiro com os cavalos. Quero dizer, Owen trouxe Ellie para casa, e agora isso. Eu rezo para que Caleb não encontre alguém.

— Alice Louise Chapman! Basta! — Marmee a repreendeu quando entrou na sala carregando uma bandeja. — Foi criada com melhores maneiras do que isso.

Alice bufou e saiu da sala, murmurando baixinho.

— Willow... — Oliver começou.

Willow ergueu a mão.

— Eu entendo ter alguém invadindo sua casa. Não é fácil. Vou tomar o chá e um lanchinho e depois irei embora.

Marmee colocou uma bandeja com uma xícara de chá, um copo de leite e um sanduíche grosso de presunto na frente de Willow.

— Deve perdoar minha filha mais nova, Alice — disse Marmee sentando-se ao lado de Willow e entregando-lhe o prato. — Ela teve uma difícil experiência, e temo que isso a alterou.

Willow puxou o prato com o sanduíche para o colo.

— Compreendo. Obrigada pela refeição, senhora.

Oliver observou enquanto Willow inclinou a cabeça levemente e rezou antes de pegar o sanduíche e dar uma grande mordida.

— Ouvi dizer que alguém se juntou a nós — disse Ellie valsando na sala. Ela se sentou em uma cadeira em frente a Willow. — Sou Elenore Brooks.

Willow engoliu.

— Willow Stephens.

Elenore bateu palmas.

— Que nome lindo.irá ficar por muito tempo?

— Apenas o suficiente para comer.

— Parece que passou por uma grande provação. — Willow balançou um pouco, dobrando a colcha mais apertada em torno de suas pernas. — Eu não quis te deixar desconfortável.

Owen caminhou atrás de Ellie e colocou as mãos nos ombros dela.

— Willow estava hospedada na velha cabana de armadilhas.

— Que terrível! Bem, estamos felizes por estar aqui. Cheguei em circunstâncias infelizes também.

Willow ergueu a sobrancelha.

— Foi?

Ellie assentiu.

— Vim aqui para me casar com um homem que, infelizmente, morreu enquanto eu ainda estava viajando. Owen aqui — ela deu tapinhas na mão de Owen —, me resgatou e me trouxe para Marmee. E estou aqui desde então.

— Acho que deveriam sair e deixar Ellie e eu falarmos com Willow. Então vamos dar-lhe um banho e encontrar um lugar para ela descansar. Marmee voltou-se para Willow.

— Gostaria de tirar uma soneca? — Willow assentiu.

— Você encontrou o preto? — Ellie perguntou.

— Não houve tempo — Oliver respondeu. — Ficamos um pouco distraídos.

— O preto? — perguntou Willow.

— Um grande garanhão preto que vaga por esta área. Ele tinha um harém de cerca de vinte éguas com ele.

— Oh. Você quer dizer alcaçuz.

— Alcaçuz?

Willow deu de ombros.

— Foi assim que eu o chamei. Ele me encontrou na floresta. Eu o segui até a cabana e essa fazenda. Foi assim que encontrei macieiras e vegetais.

— Quer dizer que viu o garanhão preto?

Willow assentiu.

— Sim. Ele me permitiu acariciá-lo. Ele é um dos maiores cavalos que já vi. Mas, novamente, não vi muitos.

— Interessante — Oliver disse, olhando para Owen. — Sabe onde ele estava?

Willow terminou seu sanduíche.

— Uhm, o rebanho estava onde o riacho encontra o rio. Há um pedaço de grama logo além das árvores.

— Terminou com sua inquisição? — perguntou Marmee.

— Devemos estar de volta a tempo do jantar — disse Oliver, colocando o chapéu de volta na cabeça e indo em direção à porta.

Owen deu um beijo rápido na bochecha de Ellie.

— Vejo-a em breve, querida — balbuciou. Oliver revirou os olhos enquanto saíam pela porta.



Montando Whiskey, Oliver virou-se para seu irmão.

— O que essa mulher está fazendo com você? Deixou de ser todo profissional para não sei o quê.

Owen passou o pé por cima de Winchester e deslizou para a sela.

— Isso, meu irmão, é o poder de se apaixonar por alguém. — Ele deu uma piscadela para Oliver. — Talvez aconteça com você também.

Oliver virou Whiskey em direção ao caminho que levava para longe da casa.

— Duvido.

— Então, ela? — Owen perguntou, inclinando a cabeça em direção à casa.

— Então, ela? — Oliver zombou. — Ela parece ser mais nova que Alice e passou por uma grande provação.

Owen deu de ombros.

— Eu acho que é mais velha do que você pensa. Limpe-a, ela pode ser muito bonita.

— Ela é bonita o suficiente.

Owen deu uma risadinha.

— Está com muitos problemas.

— Eu sei — Oliver disse suavemente. — quer verificar onde ela viu o preto? Não quero ficar fora do rancho por muito tempo.

— Sabe, eu não acho que nenhum de nós tenha chegado tão perto, e aquele *pequeno deslize* foi capaz de acariciá-lo. Ela provavelmente não percebeu o perigo que corria. Oliver assentiu. — Quer correr?

Esse era todo o convite que Oliver precisava.

— Ah! — ele gritou para Whiskey e apontou o cavalo para o riacho.

CAPÍTULO SEIS



Willow observou Oliver sair com seu irmão. E imediatamente sentiu sua perda, embora o conhecesse há apenas algumas horas. Ele parecia ser um homem muito honrado e respeitoso também.

Tomou um gole de chá e olhou ao redor da sala, onde Oliver a colocou no sofá. Marmee chamava-a de grande sala. E o nome realmente se encaixava.

A sala era grande, com uma cozinha, uma despensa, uma mesa com pelo menos uma dúzia de cadeiras ao redor, uma lareira e um fogão. As paredes foram feitas de troncos cortados à mão e unidas com uma mistura de lama e grama. O quarto tinha uma sensação quente e arejada ao mesmo tempo.

A lareira era a maior que Willow já tinha visto. Fora trabalhada a partir de rochas de rio que criaram um arco e continuaram até o teto. Poderia fazer refeições maravilhosas em uma lareira assim.

Ela tinha uma lareira menor com um tripé e um gancho de ferro onde cozinhou quando estava em casa. Era pequena com um amortecedor que não funcionava corretamente. Às vezes a fumaça subia, outras enchia a cozinha.

Ao lado da lareira havia um fogão à lenha. Willow podia ver as panelas de água esquentando para o banho. Nunca havia visto uma sala tão grande. Sua própria casa era desprovida de qualquer toque pessoal. Assim que sua mãe morreu, seu pai removeu tudo que o lembrasse dela.

O que daria para viver em uma casa como esta! Não tinha um plano para o resto de sua vida. Mal tinha um para os próximos dias, então até sonhar acordada era impossível.

— Gostaria de outro sanduíche? — perguntou Marmee.

— Não, está tudo bem. Estava uma delícia. Obrigada. — Sua barriga, no entanto, regozijando-se com o pensamento de outro sanduíche de presunto protestou muito alto.

Marmee riu. Ela tinha uma risada musical, notavelmente como sua mãe. Willow sentiu a garganta apertar.

— Não se preocupe agora, criança. — Marmee deu tapinhas na mão dela. — Eu vou te fazer outro. — Ela puxou a ponta da colcha. — Que tal tomar um banho e quando estiver pronta, voltar?.

— Eu gostaria disso, mas não tenho nada para vestir.

Marmee piscou algumas vezes.

— Ellie, querida, poderia ajudar Willow a examinar os vestidos de Penny e encontrar algo para ela?

— Claro. — Ellie saiu da sala.

— Eu não quero caridade, Sra. Chapman.

— Não seja boba. E me chame de Marmee. Não posso permitir que saia vagando pela floresta vestindo apenas suas roupas de baixo.

— Eu tinha um vestido. Perdi em algum lugar.

— Bem, resolveremos isso. Me siga. — Marmee se levantou e virou a esquina para seguir por um corredor. Passaram por uma sala com uma porta aberta. Willow olhou para dentro. Era uma espécie de sala de estar, com uma lareira menor e uma grande janela que dava para os platôs.

Willow continuou pelo corredor passando pelos modelos de bordados que revestiam as paredes.

— São bonitos — disse, parando para olhar para um. Era um versículo da Bíblia seguido pelo alfabeto e uma linha de bolotas.

— Minhas meninas fizeram isso.

— Quantas filhas você tem?

— Três. Marianne e Penelope estão em Denver com seus maridos. Alice ainda está aqui. E agora tenho Ellie, então acho que são quatro.

— Ela é casada com um de seus filhos? Percebi que o sobrenome é diferente.

— Tenho a sensação de que ela e Owen irão se casar em breve. Ela veio aqui em circunstâncias infelizes, mas é parte da minha família, como se fosse minha carne e sangue.

— Isso deve ser bom — disse Willow suavemente.

Marmee parou no corredor e olhou para ela.

— Jovem, você é bem-vinda para ficar o tempo que precisar. Minha casa está aberta a qualquer pessoa que precise de refúgio.

Willow assentiu; sua garganta muito apertada para falar. Ela seguiu a mulher mais velha pelo corredor até um conjunto de três portas uma ao lado da outra. Willow nunca tinha visto tal arranjo. Marmee abriu a porta no meio e enxotou-a para dentro.

— Este é o quarto da minha filha Marianne. Por favor, use-o como seu enquanto ficar aqui. Há uma toalha e sabonete na cama. Já volto com um pouco de água morna.

Marmee saiu do quarto e fechou a porta silenciosamente atrás dela.

Willow tirou a colcha e a colocou na ponta da cama. Ela olhou ao redor do quarto. Havia uma escrivaninha, uma cama com uma mesinha ao lado e um guarda-roupa. Um tapete de trapos cobria o chão duro. Era simples e aconchegante.

A sala era menor na porta e maior na parede oposta. Havia uma pequena janela panorâmica com vista para um caminho de terra que levava para a casa.

Willow se aproximou e espiou pelo vidro.

Ao longe, havia um grande celeiro, muito maior do que o celeiro onde Oliver disse que abrigavam cavalos. Vacas agrupadas em volta da porta. Podia ouvi-las mugindo à distância. Alguns vaqueiros estavam a cavalo movendo-as do curral para o pasto. Observou por mais alguns minutos até que ouviu a porta se abrir.

— Oh, com licença — disse Ellie, saindo.

— Está tudo bem. Estava apenas descobrindo o que fazer. — Willow esfregou as mãos para cima e para baixo em seus braços, lutando contra um calafrio invisível.

Ellie segurava um vestido xadrez verde com gola de renda e botões de madeira.

— Achei que essa cor combinaria com seu cabelo. — Ellie colocou o vestido na cama, junto com uma regata e umas calças limpas. — Ah, também encontrei isso — disse ela, tirando uma fita verde do bolso. Ela olhou para Willow atentamente. — Sinto que já nos conhecemos, mas não sei de onde.

— Eu não sei. Não conheço ninguém em Flat River.

— Hmmm. Provavelmente virá a mim mais tarde. Owen me diz que quando tento muito pensar em algo, não consigo me lembrar de nada.

— Ele parece ser o cavalheiro certo.

Ellie suspirou, soltando a fita em cima do vestido.

— Ele é. E tenho sorte que me trouxe aqui. Você sabe que ele queria me mandar para casa na primeira diligência que saísse da cidade? — deu uma risadinha. — Bem, isso não aconteceu. — Ela puxou a cadeira da mesa e se sentou. — Os Chapmans são a melhor família que conheço. Eles têm suas peculiaridades como qualquer outra grande família, mas cada um é exatamente como os vê. Honrado e gentil.

— Tinha uma família grande? Antes de vir aqui?

Ellie balançou a cabeça.

— Eu sou filha única. Moramos em Atlanta. Meu pai é banqueiro e minha mãe ministra às mulheres da igreja.

— Eu não tenho família.

— Isso pode mudar a qualquer momento. Marmee tem um jeito especial de puxar-nos para o redil e logo percebemos que é aqui que queremos estar. Não consigo me imaginar em outro lugar.

— Isso soa como algo bom. — Realmente, mesmo que fosse usar este lugar para se esconder do Xerife.

— Vou trazer um par de chinelos. Parece que machucou os pés. Botas provavelmente iriam machucá-los.

— Obrigada.

Ellie se virou para sair quando se virou rapidamente.

— A diligência.

— Como?

— Estava na diligência com aquele homem.

— Que homem? — Os olhos de Willow correram pela sala, procurando uma fuga. Ela provavelmente poderia passar pela janela se precisasse.

— O homem com muita pomada no cabelo. — Willow entrou em pânico. Ellie relataria o que sabia? Ellie deve ter percebido o desconforto de Willow, enquanto gentilmente colocou a mão contra a pele machucada de Willow. — Eu não posso imaginar o que passou, mas sei que está segura aqui.

— Aqui está. — A porta se abriu, salvando Willow de ter que responder. Marmee entrou carregando dois baldes, seguida por Alice carregando outro balde e um prato com um sanduíche. — Alice, coloque o sanduíche na mesa e esvazie seu balde primeiro.

Alice despejou a água na tina galvanizada, antes de se virar para Willow.

— Peço desculpas pelo meu comportamento anterior. Eu não quis ser rude.

Willow deu um leve sorriso para a jovem. Ela parecia ser pelo menos três ou quatro anos mais nova do que os vinte e três anos de Willow. Tinha cabelos loiros, dourados da cor de mel, com grandes olhos azuis e uma pele cor de pêssego. Seus olhos não brilhavam. Em vez disso, havia algo neles que refletia uma mágoa profunda. Quase como um animal ferido. Willow poderia se relacionar com isso.

— Nada a perdoar. Não consigo imaginar que seja algo fácil alguém entrar em sua casa. Espero que eu não fique muito tempo e assim terá sua paz de volta.

Alice apertou os lábios.

— Acho que sim — ela finalmente disse. — De onde vieram todas as suas contusões?

Willow instintivamente pegou a colcha para esconder sua pele descolorida.

— Eu... eu...

Ellie ficou entre Willow e Alice.

— Willow já teve emoção suficiente por hoje, você não acha? Ela não deveria ter que responder mais perguntas agora. Vamos, Pint Jar — disse, colocando o braço em volta do ombro de Alice e direcionando-a para a porta. Willow viu Alice olhar por cima do ombro enquanto Ellie a conduzia para fora do quarto.

Marmee tinha acabado de encher a banheira com água quente e fumegante.

— Arrume-se e depois descanse. Venho buscá-la antes do jantar. — Ela saiu do quarto sem outra palavra, deixando Willow sozinha com seus pensamentos.

Ela caminhou até a banheira e mergulhou os dedos na água, tirando-os rapidamente de volta enquanto a água queimava as pontas. Esperaria alguns minutos para que esfriasse. Não querendo sujar a roupa de cama, sentou-se na cadeira de madeira e pegou o sanduíche. Presunto era seu favorito. Ela não

comia carne com muita frequência, pois o custo era caro, então saboreava sempre que podia.

Ela deu uma grande mordida e gemeu enquanto mastigava o presunto grosso e o pão com manteiga. Terminou o sanduíche em questão de minutos e lambeu os dedos, saboreando cada migalha. Inclinou-se para mergulhar os dedos na água do banho novamente.

Esfriou o suficiente para entrar sem se queimar. Tirando suas roupas rasgadas, pegou o sabonete e a toalha. Ela colocou a toalha no chão ao lado da banheira e se ajoelhou sobre o material grosseiro. Inclinando-se sobre a borda, mergulhou a cabeça na água e a ensaboou.

Era um luxo tomar banho. Uma banheira de água morna custava cinco centavos na Srta. Marcy. O Sr. Blackman se recusou a pagar para Willow tomar banho. Ela foi, no entanto, autorizada a se limpar na água fria e suja depois que uma das prostitutas se banhava.

Ter água morna para si mesma era um prazer. Lavou o cabelo duas vezes e espremeu o excesso dele. Sentando-se na toalha, desembrolhou as bandagens em seus pés, sibilando enquanto o cataplasma se afastava de sua pele.

Ajoelhada na banheira, se esfregou rapidamente. A água tornou-se um marrom escuro de sangue e lama. Suas pernas queimavam enquanto esfregava sabão sobre elas.

Pensou nos acontecimentos do dia. O homem bonito que a resgatou, seu primeiro passeio a cavalo, e a barriga cheia seguida de um banho quentinho. Nunca sonhara com algo assim. Os Chapmans pareciam ser uma boa família. Boas famílias não deveriam aceitar uma mulher como Willow em sua casa. Afinal, ela era uma assassina.

Respirando fundo algumas vezes, Willow levou as mãos ao rosto e chorou.

CAPÍTULO SETE



— Entre — Willow pediu suavemente.

Ellie estalou a cabeça no quarto onde Willow estava descansando.

— Marmee me pediu para vir buscá-la para o jantar.

Willow se espreguiçou.

— Não acredito que dormi a maior parte do dia.

— Ollie disse que você estava dormindo na cabana de armadilhas.

Ollie? Willow teria que se lembrar disso.

— Estava. Não dormia muito a noite. Acho que estava com muito medo do que poderia ter lá fora. Algumas noites havia uma gritaria terrível.

— Isso soa como um leão da montanha. Ainda bem que está aqui. É tão corajosa.

— Não sou nada corajosa.

— Eu acho que é. Vou dar um palpite e dizer que estava fugindo de quem fez isso com você. — Ellie apontou para os hematomas nos braços e no rosto de Willow.

— Sinceramente, não quero falar sobre isso. — Os olhos de Ellie fitaram Willow com simpatia. Willow não queria sua pena.

— Compreendo. Não vou pressionar. Mas se precisar de alguém para conversar, pode querer falar com Alice.

— Alice?

Ellie assentiu.

— Acho que ela já passou por algo parecido. — Willow não disse nada. Ellie se mexeu no silêncio. — Por que não a ajudo a colocar o vestido e prender seu cabelo na fita?

— Faria isso?

— Claro que eu faria. Agora vire-se. — Ellie girou o dedo em um círculo. Willow lhe deu suas costas. — Levante os braços.

Willow obedeceu e logo estava envolvida na escuridão enquanto Ellie abaixava o vestido. Seus dedos ficaram presos no tecido e achou difícil respirar. Disse isso para Ellie.

Finalmente, sua cabeça apareceu pela gola do vestido.

— Oh meu Deus! — disse respirando fundo algumas vezes.

— Desculpe por isso — disse Ellie. — Vamos apertar os botões.

— Eu não deveria estar usando um espartilho ou algo assim? — Essa foi uma das coisas que notou nas mulheres que trabalhavam na Srta. Marcy. Elas sempre usavam espartilho para fazer suas cinturas parecerem menores.

— Oh, pelo amor de Deus, não! — Ellie fez um rápido trabalho nos botões. — Sente-se em frente ao espelho. Eu tenho que dizer que é uma das coisas que eu gosto em viver aqui. Não há toda a formalidade, como espartilhos e anquinhos.

— Não entendo muito de roupas femininas. Eu tinha um bom vestido e só.

Ellie arqueou a sobancelha.

— Mesmo assim, não precisaria usar um espartilho. Tem a cintura mais fina que eu já vi. — Ellie se moveu para trás de Willow e colocou as mãos em cada lado de suas bochechas, gentilmente virando-a para encarar o espelho. — E um cabelo bonito.

Willow observou pelo espelho enquanto Ellie pegava uma escova e começava a passá-la pela crina negra.

— Obrigada — Willow sussurrou. Ela não recebia muitos elogios, então não sabia como aceitá-los.

Ela fechou os olhos enquanto Ellie tagarelava sobre o rancho e todas as suas experiências desde que chegou. Finalmente, ela ouviu Ellie dizer: — Cem — Ellie colocou a escova de volta na mesa e pegou a fita verde. Deslizando-a sob o cabelo de Willow. Ellie juntou as pontas e amarrou um laço na altura dos ombros dela.

Willow se olhou no espelho. Não parecia a mesma mulher. Seus olhos tinham um pouco de brilho neles. Algo que nunca vira em si mesma. Seu cabelo estava brilhante, puxado para trás, caindo pelas costas. Ellie conseguiu criar alguns cachos com os dedos e colocou um sobre o ombro de Willow.

Ela parecia descansada. Talvez tudo o que precisava era de chá, um lanche e uma soneca.

Não foi isso que acontecera com Elijah na Bíblia?

Elijah estava tão zangado que queria morrer. Chegou um anjo com comida e bebida e então Elijah dormiu. Será que as coisas mudaram depois disso?

Talvez Deus quisesse vê-la aqui com Marmee que era o anjo que deveria ajudar Willow..

Esses pensamentos brincavam na mente de Willow enquanto ela calçava chinelos de pelica e seguia Ellie de volta para a grande sala.

Alice estava sentada à mesa de um lado. E Owen e Oliver no outro com uma cadeira vazia entre eles.

Ellie limpou a garganta quando se aproximaram da mesa. Todos pararam de falar e se viraram para ver as duas.

Willow não notou ninguém além de Oliver. Ele devia ter tomado banho

porque seu cabelo estava molhado. Vestia uma camisa de linho vermelha com botões de madeira. Era o homem mais bonito que já tinha visto. Quando notou que ela estava lá, sua boca se abriu em um sorriso e ele se arrastou para se levantar de seu assento. Moveu-se tão rápido que a cadeira caiu no chão. Willow deu uma risadinha.

Ela viu quando ele endireitou a cadeira e caminhou até ela.

— Está linda — disse ele. — Deixe-me ajudá-la a sentar.

Ele ofereceu o braço, e ela gentilmente colocou a mão sobre ele. Ele puxou o assento entre ele e Owen.

— Ellie está sentada aí — Alice disse.

— Oh — Willow respondeu, suas bochechas corando de vergonha.

— Mas eu vou me sentar aqui, perto de você hoje, Alice. O que acha disso? — Ellie ofereceu uma piscadela para Willow enquanto Owen rapidamente se levantava e corria ao redor da mesa para puxar sua cadeira.

Alice revirou os olhos e suspirou.

— Um dia, Pint Jar, você não vai achar isso tão chato. — Oliver puxou a cadeira de Willow para a mesa.

— Alice, venha me ajudar a servir o jantar — Marmee chamou do fogão a lenha.

— Eu também posso ajudar — Ellie ofereceu.

Willow olhou para a mesa. Estava coberta por uma toalha com uma sobreposição tatuada. Willow tocou a borda do tecido que batia em seus joelhos.

— Perguntei se está se sentindo melhor agora que descansou.

Willow virou-se para olhar para Oliver. Seus olhos, que achara que eram castanhos, eram mais como avelã.

— Hum, sim. Sim. Muito obrigada.

Ele estendeu a mão e pegou uma cesta de pão, oferecendo-lhe uma fatia.

— Estou feliz. Fomos até onde disse que viu o preto.

— Foram? — Willow perguntou, colocando um pedaço de pão em seu prato.

— Aqui está, Willow — disse Marmee, colocando uma tigela grande na frente dela. Estava cheio de pedaços de carne, cenouras e batatas nadando em molho marrom. Ela colocou outro na frente de Owen.

O jantar estava com um cheiro delicioso. *Meus ensopados nunca ficaram assim*, pensou Willow.

Marmee colocou uma tigela na ponta da mesa e se sentou. Ela pegou as mãos de Ellie e Oliver.

— Ollie, pode dizer a bênção?

Oliver assentiu e pegou a mão de Willow na sua. A mão dela parecia tão pequena quando ele a segurou enquanto fazia uma oração de Ação de Graças pela refeição. Sua voz rica encheu todos os poros e fez sua pele tremer. A oração não era nada parecida com as orações que seu pai fazia à mesa.. Willow encontrou-se relaxando enquanto o ouvia falar. No final da bênção,

deu um pequeno aperto em sua mão, antes de soltá-la.

Willow pegou sua colher e moveu a carne e os legumes ao redor da tigela. Deu uma mordida e deixou os sabores permanecerem em sua língua. Uma vez que saboreou a primeira mordida, o resto desapareceu rapidamente da tigela. Ela usou um pedaço de pão e absorveu o último pedaço do molho.

— Gostaria de um pouco mais? — Oliver perguntou suavemente. Willow olhou para sua tigela, mas não queria ser gananciosa. Oliver empurrou a cadeira para trás e caminhou até o fogão. Willow o seguiu com os olhos, observando cada movimento dele até voltar e colocar uma panela sobre a mesa. Ele se sentou e pegou a tigela de Willow, enchendo-a com mais do delicioso ensopado.

— Eu tenho que ir para a cidade amanhã — Oliver disse à mesa. Ele pegou uma fatia de pão da cesta e passou manteiga, deslizando-a no prato de Willow. Ele fez o mesmo com um segundo pedaço, mordendo-o com prazer.

Willow parou a colher a meio caminho de sua boca.

— Cidade? — Ela largou a colher, seu apetite sumiu.

— Eu preciso ir ver Briggs.

— Ele é o Xerife, não é?

— Sim. Owen ouviu no caminho que houve algum gado roubado.

— Os Hartmans? — Alice perguntou. Ela soou um pouco ofegante quando disse o nome.

— Não. Os Bergman.

— Oh — Alice disse se recostando em sua cadeira. Willow achou que ela parecia desapontada.

— Eu só quero ver se mais alguém está tendo problemas. Ele poderá verificar enquanto faz as rondas.

— Quero que pare na igreja enquanto estiver lá. Tenho alguns quadrados de colcha para a Sra. O'Brien.

— Quer que eu te acompanhe? — Owen perguntou.

— Não, a menos que queira. Achei que iria consertar o paddock.

— O que há de errado com o paddock? — Alice perguntou.

— Algumas tábuas se soltaram com os cavalos batendo nelas.

— Trabalha com cavalos? — perguntou Willow.

— Sim — respondeu Owen. — Acabamos de treinar nosso terceiro round. Consegui um bom preço para eles também.

— É por isso que está procurando o rebanho, não é?

— Sim.

— Não pode...

— Kitten, acalme-se — Oliver disse, colocando uma mão em seu braço.

— O que vai fazer com ele?

— Ele é o tipo de cavalo que nos permitiria expandir nossa operação. — disse Owen.

— Então, quer tirar a liberdade dele? Colocá-lo em um paddock?

— Finalmente! — Alice chorou. — Alguém entende.

— Ele é um cavalo, Alice.

— Ele é uma criatura viva, que respira — Willow respondeu.

— Lamento que se sinta assim.

Willow imitou Alice e se recostou na cadeira, cruzando os braços sobre o peito.

— Bem, eu me sinto.

— Deixe-me pegar esses pratos da mesa e comer a sobremesa, sim? — Marmee disse de pé.

— Deixe-me ajudá-la, Sra. Chapman. — Willow pegou a tigela na frente de Oliver e colocou os pratos em uma grande panela de água que estava esquentando no fogão.

— Me chame de Marmee. Você não precisa fazer isso, querida. Eu vou pegá-los em breve.

— Eu gostaria de retribuir sua ajuda.

— Tudo bem. Eu lavo, você seca. Mas isso será depois da sobremesa. — Marmee caminhou até a despensa e tirou um prato com um lenço sobre ele, entregando-o a Willow. — Basta colocá-lo na mesa.

— Marmee! — uma voz chamou dentro da casa.

— Você perdeu o jantar, Everett — repreendeu quando ele estendeu a bochecha para um beijo.

— Desculpe, mãe. Um dos cavalos perdeu uma ferradura. Partiu o casco dele em dois.

— Qual cavalo? — Oliver perguntou.

— Aquele avelã.

— É um bom cavalo. Usou alcatrão de pinho?

— Assim como ensinou. — Everett tirou o casaco e o jogou no sofá. Ele pegou uma tigela e encheu antes de sentar-se do outro lado de Alice. — Sobrou algum pão? — Willow pegou a cesta e entregou para Alice, que a entregou a Everett. — Eu não sabia que tínhamos companhia — disse ele, apontando para Willow com o garfo.

— Esta é Willow. E ficará conosco um pouco. Coma um biscoito, querida — Marmee disse, empurrando o prato para Willow. — Gostaria de café?

Willow simplesmente assentiu. Ela nunca tinha tomado café antes. E aquele parecia ser um ótimo dia para estreias.

Oliver pegou uma caneca de uma bandeja no meio da mesa e colocou na frente de Willow. Ele derramou a bebida escura na xícara.

— Precisa de açúcar? — perguntou.

Willow balançou a cabeça e colocou as mãos ao redor da xícara. Ela puxou a xícara para mais perto e respirou o cheiro de terra do café. Tomou um gole e fez uma careta. A bebida era amarga em sua língua. Como as pessoas bebiam algo assim?

Oliver deve ter visto a expressão no rosto dela quando começou a rir.

— Você já tomou café de chicória antes? — Willow balançou a cabeça.

— Tem um sabor único, e depois de beber por um tempo você se acostuma.

— Acho que nunca conseguiria me acostumar com isso. Tem gosto de sopa queimada.

— De onde você vem, Willow? — Everett perguntou, olhando para ela enquanto comia.

— Muito longe daqui. Eu morei no Missouri.

— Que parte do Missouri? Owen esteve lá para os leilões de cavalos.

— Apenas Missouri.

— Não sabe de onde é?

— Everett, pare com isso — Oliver exigiu. — Nós provavelmente deveríamos examinar seus pés novamente.

— Não precisa fazer isso.

— Kitten, eu não tenho que fazer nada. Eu escolho fazer isso. Vamos lá.

— Por que a chama de Kitten? — perguntou Everett. — Está cortejando-a?

— Willow pode falar por si mesma. Eu a chamo assim, porque quando a conheci, ela lutou como um gato. Suas garras estavam para fora.

— Oh. Você machuca? — Willow mudou sob o escrutínio de Everett. Ela balançou a cabeça. — Parece que esteve em uma briga.

Willow puxou os braços ao redor dela. E desejou poder deslizar sob a mesa e ficar lá.

— Eu acho que poderia dizer o que houve. — Oliver olhou para ela atentamente.

— Vamos, Willow. Deixe-me ver seus pés.

— O que aconteceu com os pés dela? — perguntou Everett.

— Ela os cortou em algumas pedras. Sem mais perguntas, Ev — Oliver disse.

Willow notara a frieza em sua voz. E perguntou-se o que fez para deixá-lo chateado. Seria o tipo de homem que batia em uma mulher quando estava com raiva? Não parecia ser, mas ela não tinha muita experiência com homens.

— Acho que é hora de Ellie e eu darmos uma volta. Voltaremos em breve. — Owen colocou a mão na cintura de Ellie e eles saíram da sala.

Willow permitiu que Oliver a levasse de volta ao sofá. Ela se sentou enquanto ele desaparecia, retornando momentos depois com uma tigela de água e uma pequena caixa de suprimentos. Ele colocou seus suprimentos na mesa e se sentou ao lado de Willow.

— Coloque seu pé aqui — disse, dando tapinhas na perna.

— Isso não é apropriado.

Oliver riu.

— Acho que muito do que aconteceu de hoje não foi apropriado, mas aqui estamos. Agora coloque seus pés aqui, para que eu possa olhar.

Willow escorregou para o outro lado do sofá e esticou os pés na direção

de Oliver. Ele tirou os chinelos e os colocou no chão. Umedecendo o pano, lavou a sola dos pés dela e depois os secou com um pano limpo.

— O que é isso? — ela perguntou enquanto Oliver tirava uma lata da caixa. Ele abriu a lata e mostrou. Dentro havia uma substância pegajosa da cor da noite. Parecia oleoso e muito grosso.

— Pomada de alcatrão de pinho. Protegerá sua pele enquanto cura.

— O que há nela?

— Pinho. Alcatrão. Salvia. Marmee quem faz. — Ele não olhou para ela enquanto gentilmente aplicava o piche preto na sola de seu pé.

Willow puxou o pé para trás.

— Isso faz cócegas — disse.

— Vou ter que me lembrar disso. — Ele colocou o piche em seu segundo pé e Willow tentou não rir. — Não se mova. Preciso lavar minhas mãos e pegar alguns trapos.

Willow manteve os pés na mesma posição enquanto esperava Oliver voltar.

Alice se aproximou e se sentou na cadeira ao lado do sofá.

— Foi enjaulada, não foi?

— Eu não sei do que está falando.

Alice abaixou tanto a voz que Willow teve que se esforçar para ouvir.

— Sei como é. Ter a liberdade tirada de você. Ser espancada até querer morrer. Eu sei. Vejo isso em você também.

Alice se levantou e saiu da sala. Willow podia ouvir o clique da porta no corredor. Que coisa estranha de se dizer. Willow não tinha certeza se deveria perguntar a Oliver sobre isso. Mas decidiu não falar nada. Afinal, esta não era sua família. Não era da conta dela.

Oliver voltou com vários pedaços de pano.

— Não consegui encontrar trapos, mas estes servirão muito bem. — Ele pressionou um dos pedaços na sola de seu pé e enrolou os outros ao redor de seu pé até o tornozelo.

— Obrigada — ela sussurrou. — nunca tive ninguém cuidando de mim assim.

Oliver olhou para ela. Estendeu a mão e passou o dedo por sua bochecha. Willow se encolheu e se afastou um pouco.

— Eu não vou te machucar, Willow. — Ele baixou a mão. — acha que pode confiar em mim?

— Eu não sei.

Oliver assentiu.

— É justo.

— Não vai falar de mim para o Xerife amanhã, vai?

— Se eu dissesse sim, você fugiria, não é? — Ela assentiu. — Eu não sei em que tipo de problema está, mas enquanto permanecer aqui no rancho, estará segura. Não posso prometer isso se for além das fronteiras do rancho. Mas posso prometer que não mencionarei sobre você amanhã.

Um pequeno pedaço dentro dela sabia que Oliver estava sendo sincero com suas palavras. Outra parte queria confiar nele, e a terceira simplesmente queria fugir. Ela olhou para o homem bonito que a observava com olhos semicerrados.

Se não tomasse cuidado, poderia querer ficar. O que foi que Ellie disse?

Se ficasse tempo suficiente, se tornaria parte dos Chapmans, e eles se tornariam parte de você.

Poderia arriscar permitir a esta família maravilhosa a oportunidade de protegê-la?

Segura.

Ela estaria segura. Mas e o seu coração?

CAPÍTULO OITO



Oliver saiu cedo para ir a Flat River. Os quadrados de colcha de Marmee estavam amarrados na parte de trás do Whiskey, e ele tinha a lista de suprimentos de Owen para pegar no mercado.

A primeira parada que fez foi na casa do reverendo e da sra. O'Brien. Ele deixou as peças e conseguiu evitar a conversa com o reverendo.

Oliver ainda culpava o reverendo pelo sequestro de Alice. Um evangelista viajante estava visitando a igreja e encheu a cabeça de Alice com histórias de viagens Missionárias, salvando vidas e aventuras. Não fora difícil convencer a jovem a fugir sob o pretexto de se casar.

O reverendo O'Brien não fazia ideia da verdadeira natureza do charlatão, mas o estrago estava feito. E por isso que Oliver insistia em saber o máximo possível sobre as pessoas que entravam em sua vida.

Isso incluía Willow.

Não sabia nada sobre ela, mas fora atraído de uma maneira que não entendia.

Ele viu o dano e a recuperação quando Alice foi resgatada. Demorou meses até que Alice pudesse falar sobre pequenas coisas. Estar sozinha no escuro era um grande medo para sua irmã. Ele queria banir toda a mágoa e raiva que via nela; e queria fazer o mesmo por Willow.

Toda a personalidade de Alice havia mudado. Onde antes era animada e envolvente, agora parecia estar constantemente procurando uma discussão.

Algo precisaria ser feito em breve. Alice não podia continuar alienando as pessoas com sua língua de vespa.

E se perguntou o tipo de tormento que Willow tinha suportado. Seria preciso um pouco de persuasão para fazê-la sair de sua concha.

Oliver sorriu enquanto refletia sobre seu prazer em ver Willow vestida com o vestido xadrez verde. Ela era uma mulher completamente diferente da gata selvagem que encontraram no rio. Diria até que era absolutamente bonita.

Enquanto ele limpava seus pés, ela não falou muito. Simplesmente olhara para ele com aqueles olhos de corça, e Oliver se viu afundando ainda mais em se declarar seu protetor. E nunca quisera proteger alguém que não

fosse da família antes.

Ele não era um lutador. Nunca foi. Era o pacificador da família.

O Xerife Orrin Briggs estava sentado em uma cadeira de balanço do lado de fora da prisão e tomando café quando Oliver chegou.

— Bom dia — disse Orrin. — Tem tempo para uma xícara?

— Eu ficaria muito agradecido.

— Sente-se. — Orrin apontou para um banco ao longo da parede. — Eu volto já.

Oliver amarrou Whiskey. Quando ele pisou na varanda, ouviu gritos de dentro da prisão. Orrin voltou quando Oliver se sentava.

— Tudo certo? — perguntou, colocando o chapéu no banco ao lado dele.

Orrin voltou para sua cadeira de balanço.

— Apenas um hóspede muito infeliz.

— O que ele fez?

— Bateu na esposa ao estar bêbado. — Orrin tomou um gole de café. — Irei mantê-lo aqui até que esteja completamente sóbrio.

O pensamento de Willow estar casada nunca passou por sua mente. E se ela tivesse um marido? Ou até mesmo crianças? E se fosse o marido de Willow na cadeia?

— Há quanto tempo ele está lá?

— Trouxe-o ontem à noite. Acho que três dias devem curá-lo.

Oliver deu um suspiro de alívio. Willow estava na cabana há quase uma semana e havia dormido no quarto de Marianne na noite passada, então aquele homem não era seu marido. Oliver tomou um gole de café e observou as pessoas começarem a se mover pela rua.

— O que o traz à cidade? Sei que não foi pelo meu café incrível.

Oliver riu.

— Tive que fazer alguns trabalhos para Marmee, e estou pegando alguns pregos para Owen.

— Como está sua mãe?

— Bem. Sente a falta de Pa.

— Quando ele volta?

— Recebemos o telegrama de Caleb dizendo que tiveram problemas no caminho. O pai partiu com alguns homens armados para encontrá-los no Colorado. Acredito que será nas próximas duas semanas.

— Você não foi?

— Não. Ele pegou alguns trabalhadores. Owen e eu ficamos para vigiar as operações.

— Hmmm. — Orrin parecia imerso em pensamentos. — O que aconteceu com aquela garota que Owen ajudou?

Oliver sorriu.

— Ele se apaixonou. Irão se casar em breve. Não sei quando, mas ele confidenciou que não querem esperar.

— Isso é ótimo. Nunca pensei que ele fosse sossegar. Acho que isso faz de nós os solteiros mais velhos da cidade agora. E estou perfeitamente feliz em manter-me assim.

— Eu sei o que você quer dizer. Diga, ouvi dizer que Bergman teve algumas cabeças roubadas de sua propriedade, é verdade?

— Sim, cerca de uma dúzia. Acho que eles simplesmente se afastaram. Parte de sua cerca foi derrubada por causa daquela forte ventania que tivemos algumas semanas atrás. E acho que nunca conseguiram consertá-la.

— Acho que pode ser uma explicação. Você não pegou um ladrão há alguns meses?

— Sim. Era apenas uma criança. Não foi possível encontrar ninguém trabalhando com ele. Acho que estava apenas tentando fazer um nome para si mesmo. Falando em nomes, ouvi dizer que Brodie Richards está prestes a sair da prisão.

As orelhas de Oliver se animaram.

— Brodie?

Brodie Richards era o irmão mais novo de Duke Richards. Duke fora responsável por roubar várias centenas de cabeças de gado do rancho Chapman e matar Michael. Duke também roubou a afeição de Sarah Hartman quando ela estava para se casar com Owen.

Esse foi o início da rixa entre as famílias Hartman e Chapman. Weston estava convencido de que os Hartmans tinham algo a ver com o farfalhar do anel e usaram a filha para obter informações de Owen. A última vez que ouviu; vários membros da Gangue Richards foram capturados no Missouri. Duke não conseguiu sair vivo da prisão.

Oliver achava que Owen nunca se recuperaria da traição, mas então conheceu Ellie. E não poderia pedir uma futura cunhada melhor. Se seu irmão estava feliz, ele estava feliz.

— Sim. Recebi um telegrama do diretor, avisando-me.

— Acha que ele virá aqui?

— Acho que não. Sabe que tem homens esperando para atirar nele. Seria um tolo se pensasse em vingança.

— Está tranquilo aqui na cidade?

Orrin olhou para Oliver e ergueu a sobancelha.

— Tranquilo de que maneira?

Oliver terminou seu café e jogou o pó do fundo da xícara na rua.

— Eu não sei. Alguma briga? Tiroteio? Assassínatos?

— Assassínatos? Essa é uma pergunta direta. Algo em mente?

Oliver deu de ombros. Prometera a Willow que não a mencionaria ao Xerife. E pretendia manter essa promessa.

— Eu só estava me perguntando. Sei que às vezes pode ficar selvagem à noite.

— Não. Sem assassínatos. Porém, alguém no Marcy foi espancado bastante. Parece que foi um assalto que deu errado.

— Eu tenho outra pergunta para você.

— É muito cedo. Não sei se estou com meu limite de paciência, mas pergunte.

— Se alguém está em apuros... Digamos fugindo de algo, existe uma maneira de proteger essa pessoa da pessoa que quer prejudicá-la?

Orrin inclinou-se para frente na cadeira de balanço.

— Está em apuros?

Oliver balançou a cabeça.

— Eu não. Um amigo da família.

Orrin coçou a bochecha.

— Bem, parece que há algumas maneiras de fazer isso. A pessoa é um homem ou uma mulher?

— Uma mulher.

— Se o homem em questão é um tutor ou marido, não há muito que possa fazer. As mulheres são vistas como propriedade.

— E se essa pessoa não for casada?

— Bem, a mulher em questão precisaria de alguém para intervir.

— O que quer dizer?

— Na maioria dos casos, se a mulher é casada com outra pessoa, nenhum outro homem tem o direito de tocá-la. Ela se torna propriedade de seu marido.

— Não consigo imaginar pensar em uma mulher como propriedade.

— É o jeito das coisas, no entanto. As mulheres não têm direitos.

— Obrigado, Briggs. — Ele devolveu a caneca ao Xerife. — agradeço o café.

— Não há de quê. Diga a Marmee que passarei lá amanhã. Prometi a Weston que faria o check-in, mas simplesmente não tive tempo.

— Eu irei. Considere-se convidado para o jantar.

— Obrigado. Eu apreciaria uma boa refeição.

—Marmee saberá disso. — Oliver colocou o chapéu de volta na cabeça e caminhou até o mercado.

O som de um sino anunciou sua chegada.

Dillon Arden, o lojista, estava de pé em uma escada tirando o pó das prateleiras. Ao olhar por cima do ombro, Oliver ergueu a mão em saudação.

— Oliver! — o homem disse, descendo e dando a volta no balcão. — Como está hoje? Seu irmão estava aqui comprando pregos.

— Muito bem, Sr. Arden. Ele precisa de um pouco mais para consertar uma cerca caída.

— Uma libra?

— Faça dois. E coloque duas barras de chumbo. Os pequenos de uma libra.

— Algo mais?

— Darei uma olhada e qualquer coisa aviso.

Oliver não costumava ir à cidade. Tentava evitar, se possível. Everett

levava Marmee uma vez por semana na carroça para que ela pudesse fazer suas compras. Owen normalmente cuidava de todas as compras para as operações de cavalos do rancho.

Esse arranjo combinava com Oliver. Ele não gostava da sensação da cidade. Todo mundo estava em um espaço tão confinado. Conhecendo os negócios um do outro. Deu uma risada aguda. Isso descrevia o rancho. Todos em um espaço próximo e nos negócios uns dos outros.

Oliver preferia o espaço aberto do rancho e da pradaria.

Ele se moveu ao redor da loja, observando as vitrines. Flat River era relativamente pequeno, então a loja não era grande, mas tinha uma grande variedade de produtos secos, tecidos, produtos de higiene pessoal e alimentos. Havia também uma pequena seção de ferramentas e um posto de correios/telégrafo escondido na parte de trás.

Ele se deparou com pedaços de chitas e fitas e os tocou. Havia muitas cores diferentes. Seria bom se Willow tivesse um vestido próprio. Assim escolheu um tecido turquesa com pequenas flores amarelas cercadas de folhas.

— Quantos metros para fazer um vestido? — perguntou ao Sr. Arden.

O Sr. Arden olhou por cima dos óculos.

— Depende do tamanho da mulher. Rose! — ele gritou para o fundo da loja. Uma cortina se abriu e uma mulher de cabelos escuros alguns anos mais velha que Owen apareceu carregando uma caixa de pêssegos.

— Oliver quer saber sobre o tecido.

Rose colocou a caixa de pêssegos no chão e se aproximou.

— Olá, Oliver. Está procurando por tecido?

Oliver assentiu.

— Sim, senhora. Só estava me perguntando quanto seria necessário para um vestido.

— É para sua mãe?

— Não, Senhora.

— Uma de suas irmãs?

— Poderia dizer que sim. — Oliver se mexeu enquanto a senhora mais velha olhava para ele.

Percebendo que Oliver não ia dar a informação que estava procurando, pegou o tecido e caminhou atrás do balcão até uma tábua de cortar.

— Qual é a altura da sua... irmã?

— Mais ou menos esta — disse Oliver, colocando a mão contra o peito.

— Ela já tem um molde de vestido?

— Não sei. — Oliver esfregou os olhos. — Tenho certeza de que Marmee tem um padrão. Eu não sei nada sobre roupas femininas.

— Bem, pode comprar um vestido pré-fabricado se for mais fácil.

— Onde estão eles?

— Bem aqui — disse, levando-o a uma exibição de vestidos em cabides.

— Alguns deles vieram de tão longe quanto Nova York. Confira esse trabalho

de costura. — Ela virou a manga do vestido do avesso para que Oliver pudesse ver a costura.

— Sim, senhora. — Oliver concordou com Rose, embora não tivesse ideia se a costura estava boa ou não. As mulheres sabiam sobre esse tipo de coisa, não os homens. — Talvez um vestido fosse melhor — disse pensativo e puxou um vestido para olhar.

Era um amarelo pálido e não favoreceria a coloração de Willow. Colocou aquele de volta e tirou um azul escuro com pequenas rosas bordadas. Isso ficaria lindo nela. Mas como poderia dizer que tamanho de vestido comprar?

— Aqui, deixe-me ajudar — disse Rose. Ela pegou o vestido da mão de Oliver e o segurou até o queixo. O vestido escorria de seus ombros, apertava nos quadris e depois se alargava na cintura.

— Irei ficar com esse — disse ele. — Também vou precisar de algumas fitas de cabelo. Azul e verde. — Rose acenou com a cabeça em aprovação e levou os itens para o balcão para embrulhar. Enquanto passavam pelos rolos de tecido mais uma vez, Oliver pegou a chita marrom chocolate. — Eu poderia muito bem levar este também.

— Aqui estão seus pregos e duas barras de chumbo. — disse o Sr. Arden. Ele rabiscou uma quantia em um pedaço de papel onde Rose listava os vestidos. Enquanto ela embrulhava suas compras, ele avistou uma caixa de madeira com tampo de vidro. Dentro havia os pentes de cabelo mais bonitos que já tinha visto. Eram todos florais, alguns com pássaros, mas quando viu alguns com gatinho pintado em esmalte, sabia que precisava comprá-los.

— Adicione esses também — disse, apontando para a caixa. Ela puxou os pentes de cabelo e os adicionou à pilha de vestidos.

— Quanto tecido gostaria? Esta é uma cor adorável.

— Vou levar um rolo inteiro. Tenho certeza de que Marmee pode fazer algo com isso.

— Você é um bom filho — ela balbuciou enquanto contava as pregas do tecido e depois o embrulhava em papel encerado com um barbante. — Algo mais?

Oliver pensou em Alice. Talvez pudesse conseguir algo para ela também.

— Irei pegar dois centavos em barras de alcaçuz, um centavo em balas de goma. Tem algum diário?

— Sim, nós temos. — Rose pegou uma caixa e colocou na frente de Oliver. — Temos diários de couro. Estes são novos — ela disse puxando alguns e colocando-os no balcão. — Eles são cobertos de tecido e, claro, existem diários de papel simples.

— Vou levar um de couro e seis lápis.

Rose registrou tudo.

— São vinte e três dólares e quarenta centavos.

Oliver contou o dinheiro, empurrando as notas de papel e moedas para

Rose. Ele juntou suas compras, animado para chegar em casa para dar o vestido a Willow.

Enquanto montava em seu cavalo, notou que um homem que não reconheceu estava sentado no banco com o Xerife Briggs. O homem tinha uma aparência mediana, mas havia algo errado. Tinha um bigode encaracolado e a nuca de alguém que não se barbeava. Suas roupas estavam desgrenhadas e seu cabelo era comprido, dificultando a visão de seu rosto.

— Vejo-o amanhã, Briggs — disse Oliver.

Tanto Orrin quanto o homem se viraram para olhar para Oliver. O homem afastou o cabelo dos olhos e Oliver pôde ver um curativo na lateral de sua cabeça. O cabelo do homem escondia a maior parte.

O Xerife levantou a mão em saudação e Oliver virou Whiskey para sair da cidade.

Ele refletiu sobre o homem por um momento e então imediatamente o tirou de sua mente, preferindo pensar sobre o quão animada Willow ficaria com seu vestido novo.

CAPÍTULO NOVE



Oliver ouviu o som da porta batendo quando Willow voltou para seu quarto.

Isso não foi tão bem quanto imaginava que seria.

— O que estava pensando, Ollie? — Alice perguntou, pegando um chiclete da bolsa e colocando na boca. Eles estavam sentados no sofá, os presentes na mesinha em frente ao sofá.

— Eu só pensei que ela precisava de um vestido novo.

— Você é tão tolo.

Oliver olhou para sua irmã. Alice ficou emocionada com o diário e os lápis. Marmee adorou o tecido escuro e insistia que faria saias para todas. Willow, no entanto, não foi receptiva ao vestido. Oliver pensou que ela ia chorar ao ver seu lábio inferior tremer. Willow traçou o esmalte nos dentes de cabelo e os colocou sobre a mesa antes de correr para seu quarto.

— O que eu fiz?

— Algo terrível aconteceu com ela. Aposto que nunca teve um vestido novo antes. Ou lindos dentes como esse.

— Não estou acompanhando.

— Significa duas coisas... ou ela recebeu presentes para ajudá-la em uma situação abusiva, ou estava vivendo com roupas emprestadas. Aquele vestido que Owen encontrou parecia pertencer a uma trabalhadora.

Oliver ficou atordoado. Sua boca abriu e fechou algumas vezes. Este foi o mais próximo que Alice já esteve de descrever o que acontecera com ela.

— E você sabe disso... por quê??

Alice parou de mastigar seu chiclete e se levantou abruptamente.

— Já falei demais. — Ela pegou o diário e os lápis da mesa. — Obrigado pelo diário, Ollie.

Enquanto ela passava por ele, Oliver agarrou seu braço. Ele se levantou e a trouxe para seus braços, beijando-a no topo de sua cabeça.

— Me desculpe, eu não estava lá para protegê-la, Pint Jar.

— Não foi sua culpa.

Ele a puxou para mais perto.

- Eu sei, mas gostaria de poder tirar toda essa dor.
- Você é o melhor irmão. Mas, Ollie?
- O que é?
- Você pode me deixar ir, eu não consigo respirar.

Oliver deu uma risada estranha e a soltou. Seus grandes olhos azuis se ergueram e ela deu um meio sorriso.

— Pode não ter sido capaz de me proteger, mas tem a chance de fazer isso por outra pessoa. Se algo ou alguém a machucou, deve estar fazendo isso há muito tempo. — Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo na bochecha de Oliver. — E sei que não digo o suficiente, mas eu te amo.

Alice correu pelo corredor e ele ouviu a porta do quarto dela fechar.

Ele não podia proteger Alice, mas poderia proteger Willow.

Proteger Willow.

As palavras de Orrin Brigg voltaram para ele mais cedo naquela manhã.

As mulheres não tinham direitos. Eram consideradas bens móveis, como cavalo, cachorro ou uma arma. Se quem fez isso com Willow tinha direito sobre ela, havia apenas uma maneira de um pedido como esse ser quebrado.

Oliver teria que se casar com Willow.



Willow não foi jantar naquela noite. Ela fingiu estar doente. Não queria ver Oliver depois de fugir quando ele lhe mostrou o vestido.

Ela rolou quando Ellie entrou na sala com uma bandeja.

— Caldo, torrada e chá com leite para a paciente. — Ela colocou a bandeja na mesa lateral e se inclinou para sentir a cabeça de Willow. — Você não está com febre — disse. — Virei te verificar mais tarde. — Ela saiu do quarto e fechou a porta atrás dela, deixando Willow no escuro.

Na manhã seguinte, Willow levou a bandeja intocada para a cozinha e lavou os pratos na água morna que sobrara do café da manhã.

— Ah, acordou — Marmee disse virando a esquina. — Está se sentindo melhor?

Willow terminou de secar os pratos e os colocou no armário.

— Estou.

— Quer alguma coisa para comer?

Willow balançou a cabeça. Não estava com fome. Olhou ao redor da sala e a encontrou vazia.

— Onde está todo mundo?

Normalmente, pelo menos Alice e Ellie estariam na sala, planejando seu dia.

— Ellie e Owen foram falar com o reverendo O'Brien. Sua amiga Polly deve chegar antes do casamento. Tudo o que Ellie pode falar é sobre esse bolo

que ela quer que Polly faça.

— Um bolo?

Marmee pegou um avental do cabide.

— Um bolo especial com frutas e creme. Parece delicioso. — Ela estendeu um avental para Willow. — Vou para o jardim antes que fique muito quente. Gostaria de se juntar a mim?

Willow assentiu e colocou o avental sobre o vestido. Era um vestido simples para o dia a dia. Popeline azul lisa com guarnição de ilhós. Gostara dele porque tinha mangas compridas e escondia seus hematomas.

Mesmo que seus hematomas estivessem desaparecendo, ainda estava consciente deles. Puxou as mangas e seguiu Marmee para o jardim.

— Onde precisa que eu ajude?

— Pegue uma cesta da cerca, ali — disse Marmee, apontando com uma pequena espátula. — Precisamos capinar esta horta e depois colheremos ervilhas para o jantar.

Willow agarrou a cesta. Era a mesma que havia usado para roubar os itens do jardim alguns dias antes. A culpa se agitou em sua barriga.

— Vamos, criança. Não temos o dia todo. — Marmee já estava ajoelhada em algum tipo de travesseiro e arrancando ervas daninhas da horta.

Willow colocou a cesta no chão e se ajoelhou do outro lado da horta.

— O que eu faço?

— Vê essas pequenas coisas chegando? — Ela apontou para uma planta verde com não mais de cinco centímetros de altura. — São ervas daninhas. Crescem como os diabos e eu juro que passo metade do meu tempo apenas me livrando delas. Você tem que pegar no nível da raiz. — Ela demonstrou para Willow, puxando a planta com um giro do pulso. — Uma vez que está fora, certifique-se de ter a raiz. É para isso que serve a espátula. Caso precise. — Marmee jogou a erva na cesta. — Certifique-se de que tudo entre na cesta, ou capinar será em vão. E pode enraizar novamente se for deixado no topo do solo.

Willow começou a arrancar as ervas daninhas, sacudindo o pulso como Marmee fazia para ter certeza de que pegava a maior parte, se não toda a raiz. Não demorou muito para a horta ficar limpa, além das cenouras que cresciam entre as ervas daninhas.

— Nós vamos ter um convidado para o jantar esta noite. Provavelmente vou precisar de uma dúzia de cenouras.

— O que está fazendo? — perguntou Willow.

— Assado de panela e legumes. Vou adicionar batatas, cenouras e nabos ao prato. — Marmee rolou para trás em seus calcanhares. — Irei precisar pegar algumas ervas do jardim. Alecrim e tomilho. Ah, também vou precisar de hortelã para as ervilhas.

— Hortelã?

Marmee assentiu.

— Minha mãe era inglesa. Era como servia as ervilhas. Uma colher de

manteiga, um pouco de açúcar e hortelã fresca. Era o meu prato favorito quando eu estava crescendo.

— Cresceu na Inglaterra?

Marmee tirou uma cenoura do solo e limpou a sujeira antes de colocá-la em uma cesta limpa.

— Ah, não. Eu cresci em Boston.

— Como conheceu o Sr. Chapman?

— Fugi para me casar com ele.

— Fugiu?

— Ele era o homem mais bonito que eu já conheci. Seus pais não gostavam de mim porque eu era sueca e inglesa. Meus pais não gostavam dele porque era alemão. Então, quando disse que estava partindo em um trem com destino ao Oregon, não hesitei em me casar com ele e viajar para o Oeste.

— Sem mesmo conhecê-lo?

— Não hesitei. Não puxe com tanta força, criança, os topos sairão, mas não a raiz. Você precisa agitá-lo livremente. — Marmee demonstrou puxando a cenoura, seus cachos saltando sob a touca enquanto puxava. — Em seguida, escove a sujeira e coloque-a na cesta. — Marmee olhou para o céu. — Onde eu estava? Ah sim, eu não hesitei. Nem por um momento. E não hesitaria em me casar com ele novamente.

— Não chegou ao Oregon, não é?

Marmee riu.

— Não. Quando chegamos a Flat River, eu estava grávida. Dei à luz Owen e Oliver ali mesmo no quintal. Estávamos em uma carroça, é claro. — Ela deu uma risadinha. — A casa a ser construída tinha apenas um cômodo. Morávamos com nossos melhores amigos até que pudessem construir sua cabana. Durante quatro meses ficamos tropeçando uns nos outros.

— Não sei se conseguiria viver com mais alguém.

— Pode ser difícil, especialmente quando um de nós está de mau humor ou os bebês são agitados.

— Acho que quatro meses não foi muito tempo.

— Eu daria tudo para ter esses dias de volta. Acho que foram alguns dos mais felizes da minha vida.

— Seus amigos ainda moram por aqui?

— Sim, mas não os vejo há um tempo.

— Por quê?

— Um mal-entendido estúpido.

— Normalmente, isso pode ser consertado.

— Nem sempre. Minha melhor amiga, Verna, viajou conosco. Ela estava secretamente noiva do melhor amigo de Weston, mas não se casaram no trem. Ele recusou. — Marmee deixou cair outra cenoura na cesta. — Aquele homem era o pior tipo de cafajeste. Ela se encontrava em estado delicado. O Wagon Master iria forçá-la a sair do trem e deixá-la no meio do nada. Consegue imaginar isso? Mas um homem chamado Randall se

aproximou e se casou com ela imediatamente.

— Ele levou uma mulher que estava carregando o filho de outro homem?

— Acredito que passou a amá-la. Eles têm uma família linda e moram bem ali.

Willow seguiu o dedo de Marmee até um pasto distante. Willow não viu nada, apenas um monte de árvores.

— Se eles moram tão perto, não entendo por que não os vê.

— Parece que Verna manteve um diário de seus dias no trem. No diário, ela menciona que a criança deveria se chamar Chapman. Randall leu o diário e assumiu que meu marido era o pai. Ele confrontou meu marido alguns dias depois. Acho que Randall estava bêbado.

— Nada de bom vem da bebida — Willow sussurrou.

— Você está certa. — Marmee se levantou e sacudiu a sujeira solta de seu avental. — É por isso que proíbo meus filhos de chegar perto de um estabelecimento de bebidas. Faz as pessoas dizerem coisas ruins. Coisas que podem até destruir uma amizade ao longo da vida. — Ela pegou a cesta de cenouras. — Se puder pegar essa cesta e colocá-la de volta no portão, eu lavo mais tarde.

— Tudo não poderia ter sido consertado se o Sr. Chapman dissesse alguma coisa? — Willow perguntou, colocando sua cesta no portão.

Ela voltou para onde Marmee estava, ao lado de algumas plantas crescendo em uma treliça. As videiras eram mais altas do que ela, e Willow notou vagens verdes e roliças penduradas nelas.

— Vou lhe mostrar como colher ervilhas, para que não destrua a videira.

— Como é?

Marmee tirou uma tesoura do bolso.

— Segure a cesta e eu corto. — Assim que Willow colocou a cesta embaixo de um cacho de ervilhas, Marmee cortou os vegetais onde o caule encontrava a videira.

Willow moveu a cesta para onde Marmee apontava e observou as ervilhas caírem em cima das cenouras.

— O que você me perguntou? — perguntou Marmee. — Receio ter esquecido completamente.

— Perguntei por que o Sr. Chapman não disse nada.

— Oh. Acho que estava tão bravo; que não conseguia falar, e Randall tomou isso como confirmação. Não conversamos desde então. Provavelmente não ajudou que a filha do Hartman tivesse acabado de partir o coração de Owen.

— Mas ele tem Ellie agora.

Marmee sorriu.

— Sim. Ele tem Ellie.

— Posso te ajudar com o jantar?

— Bem, assim que terminarmos de colher as ervilhas, vou lhe mostrar a adega onde guardo os vegetais e depois poderemos descascar as ervilhas.

Willow queria usar o vestido que Oliver havia comprado para ela, mas não estava pronta para aceitá-lo. Compras como essa geralmente vinham com cordas.

Seu pai lhe comprava coisas e depois batia nela aos domingos. Era quase como se estivesse tentando aliviar sua culpa usando pequenos presentes.

Pelo menos o Sr. Blackman não tentou comprar-lhe coisas. Ele continuou dizendo que estava esperando algo grande o suficiente onde pudesse usar Willow em vez de dinheiro.

Willow estava feliz por ter conseguido escapar.

Ela finalmente decidiu por um vestido bordô com risca de giz em azul escuro. Penteou o cabelo, mas vários fios ainda escapavam dos grampos. Estava impotente para arrumar o cabelo.

Como Ellie e Alice ainda não haviam sido encontradas, fez o melhor que pôde e foi encontrar todo mundo para jantar.

O convidado havia chegado mais cedo, mas Willow não estava pronta. Ela teve uma tarde maravilhosa conversando e rindo com Marmee. Marmee até fez chá e dissera que não havia problema em pegar dois biscoitos antes do jantar.

Ela ouviu o murmúrio de vozes enquanto se aproximava da sala. O homem estava sentado na ponta da mesa. Ele se virou para olhar para ela e Willow congelou. Era o homem da lei de Flat River.

O que ele estava fazendo ali?

Ela olhou para Oliver que tinha uma carranca no rosto. Ele se levantou e gentilmente pegou a mão dela, guiando-a para a mesa. Quando ele colocou a cadeira embaixo dela, se inclinou tão perto que sentiu sua respiração contra seu ouvido.

— Vai ficar tudo bem, Kitten. Eu prometo. — Os lábios dele roçaram sua orelha e ela tentou conter o calafrio que percorria sua pele. — Eu não vou deixar ninguém te machucar. — Willow assentiu levemente. Oliver voltou para o seu lugar, as pontas dos dedos raspando sobre seus ombros enquanto se movia.

O Xerife estava sentado onde Everett normalmente comia. O rancho contratou meia dúzia de novos trabalhadores para ajudar quando o gado chegara, e Everett estava colocando-os à prova.

Ele passaria a noite no campo com alguns e não era esperado de volta antes do café da manhã, explicou Owen.

Willow podia sentir o Xerife olhando para ela. Ele não lhe perguntou nada inapropriado, mas Willow apenas desejou que a refeição terminasse e ela pudesse ir embora.

— De onde disse que era, senhorita?

— Stephens.

— Deve ser nova por estas bandas. Não me lembro de tê-la visto.

Willow mexeu em seus talheres.

— Acho que sou nova.

— Três meses pelo menos — Ellie falou.

O Xerife cortou um pedaço de bife e passou pelo molho que se acumulava em seu prato.

— Três meses, você diz?

— Ela estava na mesma diligência quando cheguei à cidade. Lembro-me de te ver lá. Não? — Ellie assentiu, respondendo sua própria pergunta.

— Uhm, sim... quero dizer, não. — Willow olhou para seu prato. — Eu honestamente não lembro quem estava na diligência.

— Três meses é bastante tempo. Normalmente eu me deparo com todo mundo uma vez. Mas não a encontrei.

— Não sei por quê.

— Onde estava hospedada? Com um parente?

— Eu não me lembro — sussurrou. Colocou as duas mãos no colo. E sentiu a mão de Oliver apertar seus dedos. Ela olhou para ele, e ele lhe deu uma piscadela rápida.

— Por que não falamos sobre esses cowboys que estão vindo para a cidade?

O Xerife olhou para Oliver. Willow sabia que ele estava tentando mudar de assunto.

— Tudo bem, o que quer saber?

Willow os ignorou, as palavras soando como um tinido em seus ouvidos. Permanecera em silêncio e empurrou os legumes ao redor de seu prato. Mesmo as ervilhas de Marmee não eram atraentes.

Assim que terminaram o jantar, a porta se abriu e Everett entrou. Ele estava coberto de lama.

— Pelo amor da terra, Everett, não jogue toda essa lama no chão — Marmee repreendeu.

— Desculpe, mãe — respondeu. — Vim ver se Owen e Ollie ainda têm suas barracas de filhotes.

— O que há de errado com os do celeiro?

— Dois deles foram comidos por traças. Vamos corrigi-los, mas não esta noite. Parece que vai chover.

Ouviu-se o som de passos na varanda.

— Tem alguém com você? — perguntou Marmee.

— Apenas um dos novos ajudantes.

— Bem, convide-o por um momento. Não há necessidade de ficar do lado de fora se estiver para chover.

O homem estava no canto da sala, fora da linha de visão de Willow.

— Gostaria de uma xícara de café? — Marmee ofereceu.

— Não, Senhora. Só estou aqui para ajudar o Sr. Chapman a carregar as barracas.

— Eu vou buscá-las — disse Owen, afastando-se da mesa.

— Obrigado — disse o homem.

Willow congelou. Não esqueceria aquela voz até o dia em que morresse. O que seu irmão estava fazendo na varanda dos Chapman?



UMA SEMANA DEPOIS.

Willow conseguiu evitar Oliver durante a maior parte da semana. Ele a questionou naquela noite depois que Everett e o novo vaqueiro foram para a barraca. Assim que a dupla saiu, Willow reclamou de dor de cabeça e se retirou para seu quarto.

A única vez que o viu foi na refeição principal. Ela soube que durante o inverno e início da primavera, havia uma grande refeição ao meio-dia. Agora, com a colheita e os afazeres, a refeição principal ocorria assim que o sol estava se pondo.

No entanto, estava extremamente ocupada. Marmee se certificara disso.

Estava aprendendo a costurar e fazer aplicações. Marmee até lhe mostrou como armazenar picles e geleias. Seu tempo favorito era gasto na horta aprendendo como cultivar vegetais para alimentar a família durante todo o inverno.

Decidiu que, se algum dia tivesse uma casa, queria uma horta assim. Com fileiras e mais fileiras de comida colorida e muitas macieiras. Ela ficou séria com o pensamento de nunca ter sua própria casa. Pois sabia que estava vivendo um tempo emprestado com os Chapmans. Não poderia ficar para sempre, e era apenas uma questão de tempo até que Thomas a encontrasse e a jogasse para outra pessoa.

Willow estava sentada na sala perto da lareira com Marmee e Alice. Marmee estava fazendo um vestido de batizado com seu vestido de noiva, já que dois netos nasceriam na família Chapman naquele inverno.

Willow lamentou que provavelmente nunca teria seus próprios filhos, colocando a mão sobre uma barriga estéril.

— Os bebês são uma benção — disse Marmee enquanto cuidadosamente desconstruía seu vestido, rasgando as costuras.

Willow estava criando uma sobreposição de renda para a touca de batizado. Marmee lhe ensinara a usar linha branca e uma peteca de madeira. Havia um método de agulha e dedo, mas Marmee explicou que era mais difícil do que o método da peteca.

E estavam tão ocupadas que Willow nem percebeu o tempo passar.

— Como estão seus pés esta manhã? — Alice perguntou. Ela estava prendendo a renda para a parte da saia do vestido.

Willow tirou o pé da meia por baixo do vestido e o moveu, balançando os dedos dos pés.

— Muito melhor. A maioria dos arranhões já cicatrizaram e vários desapareceram.

Oliver tratava cuidadosamente dos pés dela todas as noites. Lavava-os em uma bacia com água morna e sabão e, em seguida, aplicava a pomada de piche nos cortes e arranhões.

Quando ele segurava seu tornozelo, ficava quieta, tentando não deixar o roçar de seus dedos sobre sua pele afetá-la. Embora ele fosse o homem mais gentil que conhecesse, havia algo perigoso nele.

— Eu estava pensando em ir para o celeiro um pouco. Você quer vir? — Alice perguntou. — Toda essa concentração está me dando dor de cabeça. Preciso ir lá fora.

Willow hesitou em sair de casa. O grande número de homens no rancho a assustava.

— Vá em frente, querida — disse Marmee. — Será bom para você sair ao sol. Assim que eu desmontar este vestido, vamos começar com o tecido que Oliver trouxe. Há muito tempo para fazer este vestido.

— Preciso me trocar. — Ela ainda estava com seu vestido de manhã. Willow não sabia que havia diferentes tipos para as diferentes partes do dia. Ela só tinha um vestido e suas roupas de igreja. Pois usava o mesmo vestido todos os dias, exceto nos cultos.

E Estava tão surrado que uma das mulheres do bordel dera a ela um de seus vestidos descartados. Era um pouco grande demais e felizmente não estava coberto de renda preta e enfeites. Mas era limpo e funcional.

Foi Alice quem disse a ela um dia, não de uma maneira indelicada, que estava se aproximando da refeição principal e Willow ainda usava seu vestido de manhã. Willow voltou pelo corredor até o quarto e fechou a porta. Ela ouviu uma leve batida e Alice enfiou a cabeça pela porta.

— Posso me juntar a você por um minuto? — ela perguntou. Willow assentiu e acenou para Alice entrar. — já decidiu o que vai vestir?

— Eu não pensei sobre isso.

— Posso? — Alice apontou para o guarda-roupa.

— Claro — disse Willow, sentando-se na beirada da cama.

Alice foi até o guarda-roupa e o abriu. As roupas de Marianne foram empurradas para um lado para dar espaço para as poucas coisas de Willow. O vestido que Oliver havia comprado ainda estava intacto.

Quando ele a apresentou, ela não sabia o que dizer ou fazer. Ninguém nunca lhe dera nada. Muito menos roupas novas. O presente foi avassalador, e Willow sabia que reagira mal. Não era sua intenção, só precisava processar seus pensamentos e sentimentos.

Alice tirou o vestido azul escuro com as lindas rosas bordadas nele.

— Poderia usar isso.

Willow balançou a cabeça.

— É um vestido muito fino. Além disso, ajudarei Marmee no jardim esta tarde.

— Você vai usá-lo para o jantar?

— Acho que poderia.

— Eu sei que Oliver é muitas coisas. Insensível não é uma delas.

— Oliver?

Alice assentiu.

— Ele viu que você precisava de algo, e queria ter certeza de que teria.

Oliver não se desculpou por comprar o vestido, e Willow não se desculpara por seu comportamento.

— Eu acho que sim.

Alice puxou mais algumas roupas. Era uma saia de chita azul-claro e uma camisa branca com pequenos botões cor de marfim. Ela os trouxe para Willow e os colocou na cama.

— Tenho um avental extra que pode usar para não ficar suja.

— Eu não posso continuar usando as roupas da sua irmã.

Alice piscou algumas vezes.

— O que mais usaria? — puxou uma cadeira e se sentou na frente de Willow e segurou suas mãos.

A pele de Alice estava fria. Willow pensou que suas próprias mãos estavam quentes e úmidas.

— Sinceramente? Não sei.

— Willow — Willow ergueu os olhos para a jovem. —, Marianne não irá voltar para pegar suas roupas. Penny só tinha a dela aqui porque divide seu tempo entre Denver e Flat River. Embora isso possa mudar quando o bebê nascer. Agora, essas roupas são suas. Marmee já disse isso. E se aprendeu alguma coisa em seu pouco tempo aqui, Marmee faz todas as regras.

Willow deu uma risadinha.

— Isso ela faz mesmo.

— Eu não contei a muitas pessoas o que aconteceu comigo. Ainda não tenho certeza se quero dizer, mas sei como é difícil me recuperar. — Alice soltou a mão de Willow e se recostou na cadeira. — Ainda estou me recuperando. Você vai passar anos lidando com o que aconteceu com você.

— Nada aconteceu comigo. — Willow insistiu. Se não pensava nisso, não acontecera. A imagem do Sr. Blackman queimava em sua mente. Ela fechou os olhos com força, desejando que a imagem fosse embora.

— Conheço o formato de uma fivela de cinto. Eu vi os hematomas deles em seus braços. Eu diria até que os tem nas costas e nas pernas. Mesmo quando as contusões desaparecem, a dor não desaparece.

Willow enxugou uma lágrima de sua bochecha.

— Eu não quero voltar — finalmente sussurrou.

— Então deixe as pessoas que estão ao seu redor ajudarem. Sei como é difícil confiar em alguém, especialmente em alguém que não conhece. Esta é a minha família e não consegui ficar perto deles por meses depois que voltei para casa. Eu passava todo o meu tempo me escondendo no quarto.

— Então, acha que eu deveria apenas confiar em alguém?

— Estou dizendo que isso tornará a cura mais fácil.

— Então, o que faço?

— Não estou dizendo isso apenas porque ele é meu irmão, mas não há ninguém melhor do que Oliver. Acho que ele olha para você como alguém que pode proteger. Deixe-o fazer isso.

— Eu não sei...

— Se você apenas conhecê-lo, acho que vai perceber o que quero dizer.

Alice se levantou e voltou para o guarda-roupa.

— Marmee tem um pouco de frango frito frio. Irei fazer uma cesta de piquenique e depois vamos encontrar Oliver.

Willow mordeu o lábio inferior. Estava com tanto medo de Oliver rejeitá-la, especialmente depois que fora rude, não tinha certeza se poderia arriscar. Olhou para Alice com desconfiança.

— Por que está fazendo isso?

Alice deu de ombros.

— É inevitável que os irmãos Chapman vão se casar em algum momento. Agora que Owen está noivo de Ellie, faz sentido que o resto siga o exemplo. Prefiro alguém que conheço do que uma das desgraçadas da cidade indo atrás dele.

— Mas não me conhece.

Alice olhou para Willow e torceu o nariz.

— Conheço. Sei que você é gentil e corajosa. E sei que pode lutar, então lute pelo que quer.

— Não sei o que quero.

Alice colocou as mãos nos quadris.

— Sério, Willow? Que tal uma casa? Ou um lugar seguro para ficar? Possivelmente até amor?

— Eu... eu...

— Merece todas essas coisas.

Willow estava começando a se sentir desconfortável.

— E você? Não quer essas coisas?

— Eu os tenho. Esta é a minha casa e será até eu me casar. Se eu me casar. Mas será sempre a minha casa. Você não pode ficar mais segura do que está, cercada pelos meninos Chapman. Acho meus irmãos irritantes, mas são também muito protetores..

— Mas, e o amor?

Alice mordeu o lábio.

— Não quero falar sobre isso agora.

— Tem alguém?

— Não. — Willow viu Alice enxugar a bochecha. — Não, eu não.

Willow não sabia por que, mas achava que Alice talvez não estivesse dizendo a verdade. Decidiu não perguntar.

— Acha que eu deveria usar o vestido azul? — Willow finalmente perguntou, quebrando o silêncio.

— Acho que Oliver agradeceria muito. Pode se trocar antes de ir para o jardim com Marmee.

— Pode me ajudar a arrumar meu cabelo?

— Claro. Ellie é muito melhor nisso do que eu, mas irei ajudá-la.

Willow esfregou o rosto até ficar vermelho e depois desapareceu atrás do biombo para se trocar. Quando saiu, Alice correu e agarrou seus ombros.

— Ah, é uma cor linda em você. — Ela arrumou a gola, dobrando-a para que ficasse plana. — Agora vamos arrumar o cabelo.

Willow sentou-se à penteadeira e entregou-lhe a escova. Ela removeu os grampos de seu cabelo e fechou os olhos enquanto Alice passava as cerdas por sua longa juba. Willow podia sentir Alice puxar o cabelo para trás e colocar os pentes no lugar. Quando Alice bateu em seu ombro, Willow abriu os olhos e olhou para seu reflexo no espelho.

Estava linda. O rosto tinha engrossado um pouco na semana passada por causa da boa comida de Marmee. E estava descansada, limpa e segura.

— Vamos encontrar uma cesta e embalar o almoço — disse Alice, saltando da sala.

Willow balançou a cabeça. Houvera momentos em que Alice parecia muito mais velha do que seus dezenove anos, e outros em que pensaria que ainda era uma colegial. Que contradição. Talvez fosse apenas a maneira como Alice lidava com seu trauma.

Willow deslizou os pés nos chinelos que estava usando, pois eram os únicos sapatos que tinha. Talvez perguntasse a Alice sobre pegar emprestado um par de botas.

Ou talvez devesse perguntar a Oliver.

Ela acariciou seu cabelo mais uma vez, seus dedos traçando sobre os pentes.

Sim, perguntaria a Oliver.

E poderia voltar para a cabana e recuperar a pequena bolsa de dinheiro que escondera debaixo da cama. Então daria a Oliver para comprar botas na próxima vez que fosse à cidade.

Olhando no espelho, mal se reconhecia, e duvidava que mais alguém a reconhecesse.

Sorrindo, levantou e seguiu Alice até a cozinha.

CAPÍTULO ONZE



— Eu acho que é o último — disse Oliver. Ele passou o dedo sobre o prego que acabara de bater na tábua.

Estava construindo um novo cercado para os cavalos que Caleb trazia. Era uma tarefa que continuava sendo adiada, mas como o grupo de viagem chegaria nos próximos dias, precisava ter certeza de que o cercado estava completo.

Ter uma tarefa como essa também tornava mais fácil manter sua mente longe de uma certa beleza de cabelos negros que ocupavam todos seus pensamentos. Havia saído antes que ela se levantasse de manhã.

Fora uma escolha consciente de sua parte. A mulher estava chegando até ele. Pensava nela constantemente. E não conseguia se lembrar de já ter pensado tanto em uma mulher.

Parecia que ela o estava evitando também.

Algo acontecera no dia em que o Xerife Briggs fora jantar. Talvez tenham sido as perguntas do Xerife que a deixaram nervosa. E tudo o que ele sabia é que ela desapareceu em seu quarto e não a via desde... a não ser nas noites em que cuidava de seus pés.

Ela não falava muito e nunca se aventurava muito longe de casa. Era como se estivesse com medo de qualquer coisa. Oliver sabia que ela falava muito com Alice e sua mãe a adorava.

Mas Marmee adorava qualquer um que permitisse que ela os cobrisse de carinho... e comida.

— Preciso de uma pausa rápida — disse Owen, caminhando de volta para o celeiro. Oliver o seguiu. Owen apertou a maçaneta da torneira ao lado do celeiro algumas vezes e encheu um balde com água fria. Pegou uma concha e entregou a Oliver.

A água fria aliviou sua garganta seca. Depois que devolveu a concha para Owen, encharcou sua bandana e a amarrou no pescoço.

Quando Owen terminou de beber, Oliver disse:

— Preciso ajudar Everett a consertar as cercas no pasto sul.

— O que há de errado?

— Everett disse que parecia que foram derrubadas. A mesma coisa aconteceu com a cerca de Bergman. Briggs pensou ser o vento.

— O vento? Não me lembro de nenhum vento semana passada.

— Não foi. Também não acho que o vento puxaria os pregos dos postes.

— Ok, me dê alguns minutos e ajudo você. Por acaso viu Rich? Ele deveria ajudar a ferrar aquela égua castanha.

— Não. E agora que mencionou, não o vi muito nos últimos dias. Talvez esteja ajudando no outro celeiro. — Oliver mergulhou o chapéu na água antes de colocá-lo de volta na cabeça. O sol estava quente e não havia muita sombra onde estaria trabalhando.

— Pode ser. Vou conversar com Smokes sobre quem está trabalhando, onde e quando.

Oliver entrou no celeiro para selar Whiskey para que pudesse ir ao encontro de Everett. Enquanto ajustava o cinto, ouviu Alice chamar seu nome.

— Está aí? — ela perguntou.

— O que está aprontando hoje, Pint Jar?

— Apenas pensei que Willow e eu pudéssemos fazer um piquenique. E queria saber se v gostaria de se juntar a nós.

— Um piquenique? Isso soa bem, Pint Jar, mas preciso ajudar Everett com a cerca sul.

— O que aconteceu com a cerca?

— Apenas alguns painéis caídos.

— Talvez possamos ir até lá com você. Ficar sentadas à beira do rio.

— Alguém mencionou um piquenique? — Owen perguntou, entrando no celeiro.

— Alice me convidou para um piquenique.

— Bem — Owen respondeu, — vou buscar Ellie e todos nós podemos ir.

— Willow vai — Alice sussurrou.

— Will... ah. — A compreensão passou pelo rosto de Owen. — Bem, então, por que não vão vocês? Irei ajudar Everett com a cerca.

— Eu não quero deixar isso para você — disse Oliver.

— Sem problemas. Não deve demorar muito se vários de nós estiverem fazendo isso. Volte quando terminar o piquenique. Sei que deixaria suas desculpas se Ellie aparecesse aqui.

— E eu sei que você também faria isso.

Owen saiu do celeiro e Oliver o viu cavalgando em Winchester para longe do paddock.

— Alice, você precisa de ajuda para selar seu cavalo?

Alice balançou a cabeça.

— Não. Vou levar Splinter. Estava pensando em ir ver AnnaMae, então se estivermos por ali, irei até lá.

— Anna Mae Hartman?

— Sim. Ela é minha amiga de infância mais antiga.

Oliver esfregou o pescoço.

— Eu não acho que deveria ir ver os Hartmans.

— Por que não?

— Sabe que Pa brigou com eles.

— Isso não teve nada a ver comigo. AnnaMae e eu éramos apenas crianças. Perdi minha melhor amiga naquele dia e preciso dela agora. Então, irei até lá e nada que possa fazer vai me impedir.

— Alice...

— Você. Não pode. Me. Parar!

— Não posso acreditar que queira ir lá depois do que Sarah fez.

— Eu não acho que Sarah traiu a família.

— Por que não? Ela trouxe os Richards aqui antes de nos prepararmos para levar as vacas ao mercado.

— Acho que foi uma coincidência.

Antes que Oliver pudesse dizer outra palavra, a silhueta de uma mulher com uma saia longa apareceu na porta do celeiro. Sua forma estava banhada pela luz do sol, então não podia ver exatamente quem era. À medida que a figura se aproximava, sua boca se abriu, sua garganta ficou seca.

Willow ficou ali como um farol de luz. Seu cabelo preto caindo em cascata pelas costas. Ela estava usando o vestido azul que comprou, caindo como uma luva. Era justo na parte de cima e se alargava na saia. Ela estava segurando uma cesta de piquenique em suas mãos.

— Alice te convidou para o piquenique? — ela perguntou. A voz dela era tão suave que ele teve que se esforçar para ouvir as palavras.

Oliver não conseguia encontrar sua voz. E sentiu Alice gentilmente colocar um dedo sob seu queixo e fechar sua boca.

— Sim, convidei, e ele disse que ficaria feliz em ir. Eu só vou selar Splinter, e já te alcanço. — Alice deu tapinhas no ombro do irmão e uma piscadela para Willow enquanto passava para ir em direção ao cercado.

— Splinter. Esse é o cavalo cinza, não é?

Oliver se aproximou.

— Sim, é. — Ele estendeu a mão e tocou um dos cachos sobre o ombro de Willow. — Está usando os pentes?

— Estou — disse Willow, virando a cabeça para cada lado para mostrar a ele.

— Eles parecem muito bonitos, Willow.

— Obrigada. — Seu rosto se abriu em um sorriso. O primeiro sorriso verdadeiro que viu dela desde que a resgatara na beira do rio.

— Deixe-me apenas lavar meu rosto, e podemos ir. Gostaria de guiar o Whisky? — pegou a cesta de piquenique dela e entregou-lhe as rédeas do cavalo. — Apenas ande e ele a seguirá.

Willow levou o cavalo para fora ao sol. Ela era tão pequena em comparação com o animal.

Oliver colocou a cesta em um tronco que ficava ao lado do celeiro e depois foi até a torneira. Jogou água no rosto e depois esfregou as mãos no pescoço tentando remover um pouco da poeira. Ele gostaria de ter uma camisa limpa para vestir, mas não queria perder tempo correndo até a casa.

Ele ouviu Willow rir. Whiskey estava tentando comer o cabelo dela. Ela levantou a mão afastando o cavalo.

— Pare com isso — ela riu.

Oliver se aproximou e pegou as rédeas do cavalo.

— Ele deve gostar do seu cabelo.

— Alçaçuz fez a mesma coisa. Foi assim que o conheci.

— O preto?

Willow assentiu.

— Eu estava dormindo debaixo de uma árvore e ele me acordou. Estava tentando comer meu cabelo também.

— Deve gostar de uma mulher bonita — falou.

— Bonita?

— Está deslumbrante nesse vestido. Estou muito feliz que decidiu usá-lo.

— Obrigada — disse, radiante sob o elogio. — Eu deveria ter agradecido mais cedo, fiquei impressionada com sua gentileza.

— Eu deveria ter falado contigo primeiro...

— Não há necessidade. Alice disse que você viu que eu precisava de um vestido, então me comprou um. Nunca tive ninguém fazendo algo assim antes.

— Estou feliz que gostou e finalmente está usando.

Willow se voltou.

— Acho que nunca tive algo tão bom — disse, o tecido balançando em torno de seus tornozelos. — Alice me disse que eu deveria pensar nisso como se fosse um irmão me comprando um vestido novo. Que é o mais protetor de todos os irmãos Chapman.

— Ela disse? — Oliver ergueu uma sobrancelha.

Willow assentiu.

— Disse que é muito protetor com suas irmãs, mas não tanto de outras mulheres. Portanto, devo ser como uma de suas irmãs. — Willow piscou os olhos como se o que ela explicasse fosse perfeitamente lógico.

— Kitten, eu vou te proteger, mas não há nada de fraterno nisso.

Willow franziu a testa.

— Eu só assumi que depois de Alice...

Ele olhou ao redor do celeiro. Alice e Splinter tinham desaparecido, deixando Oliver com Willow.

Ele se aproximou. O cheiro de água de lavanda saindo dela, enchendo seus sentidos.

— Alice estava certa — interrompeu. Seus dedos traçaram sua bochecha e desceram pelo pescoço de Willow. Observou os lábios dela se separarem ao

respirar fundo. Podia sentir seu coração batendo sob seus dedos.

— Estava?

A voz de Willow era suave e rouca. Oliver assentiu, inclinando-se ligeiramente.

— Sim. Sou muito protetor com minhas irmãs. E também muito protetor com as outras mulheres da casa. Marmee e Ellie. E agora você, Kitten. Acredite em mim, o que estou sentindo é tudo, menos fraternal.

Ele se inclinou e colocou seus lábios contra os dela tão suavemente quanto pôde. E a sentiu congelar quando soltou as rédeas de Whiskey e se aproximou, sem interromper o beijo. Fez questão de não colocar as mãos nos braços dela, mesmo querendo esmagá-la contra ele.

Oliver queria ter certeza de que Willow sabia que ela estava no controle. Que poderia parar o beijo a qualquer momento. E sentiu que ela se inclinava para frente, pressionando os lábios firmemente contra os dele, mas suas mãos inertes.

Ele sabia que a paciência era fundamental. Depois de alguns segundos, Willow parou o beijo e se afastou. Ela levou os dedos aos lábios e olhou para Oliver.

— Eu poderia me acostumar a beijar você, Kitten.

— Eu nunca fui beijada antes.

Sua sobrançelha levantou-se em surpresa.

— Se fosse minha mulher, eu lhe beijaria o tempo todo.

— Beijaria?

— Não vou fazer nada para te machucar, Kitten. Então que tal me beijar quando quiser? Assim decide se e quando quer ser beijada.

Willow mordeu o lábio inferior.

— Eu posso fazer isso.

— Estou interrompendo alguma coisa, chefe?

Oliver se virou para ver Rich olhando para eles com um sorriso malicioso no rosto. Oliver empurrou Willow atrás dele, longe dos olhos curiosos.

— Onde estava?

— Eu tive que correr para a cidade. Falei para Smokes. Voltei assim que pude.

— Da próxima vez, não deixe de avisar a mim ou a Owen. Estávamos esperando você.

Rich esfregou o queixo.

— Sem problemas, chefe. Farei isso.

Oliver levantou a cabeça para o celeiro.

— Esses cavalos precisam ser ferrados.

— Indo para lá agora. Senhora — disse, inclinando a cabeça para Willow que estava espiando ao redor do braço de Oliver.

Ele desapareceu no celeiro e Oliver se virou para Willow.

— Peço desculpas.

— Não precisa se desculpar. Quem é aquele homem? — ela perguntou, olhando para Rich.

— Um dos vaqueiros.

— Acho que já o vi antes, só não lembro onde.

— Talvez na cidade. Ele poderia estar na loja.

— Pode ser...

Oliver tossiu um pouco chamando a atenção de Willow.

— Por que não vamos naquele piquenique agora?

CAPÍTULO DOZE



Willow segurou firmemente a cesta de piquenique enquanto Oliver mantinha Whiskey em um trote suave em direção ao pasto ao sul.

— Há um pequeno local com muita sombra lá embaixo — disse ele. Seus braços se apertaram ao redor dela enquanto ele puxava as rédeas. Sabia que era apenas para guiar o cavalo, mas aqueles braços a faziam se sentir protegida e segura.

— Eu pensei que estávamos indo para o riacho. — Falou quando ele se virou para um celeiro que ela não tinha visto da casa.

— Estamos. Mas preciso parar no celeiro por um minuto.

Oliver foi direto para o celeiro, mas não desmontou do cavalo.

— Tarde, Poke. Onde está Smokes?

Um vaqueiro, não mais largo que um feijão de corda, aproximou-se do cavalo.

— Olá, senhora — disse ele. — Smokes está ali. — O homem magro apontou para os fundos do celeiro e gritou.

Um homem corpulento com uma camisa manchada de suor se aproximou. Ele tinha sujeira cobrindo-o da cabeça aos pés, mas tinha os olhos azuis mais surpreendentes que Willow vira em um indivíduo. Ele tinha um cigarro apagado entre os dentes.

— E aí, chefe? — disse, enxugando o rosto com uma bandana suja. Willow o reconheceu como o homem que parou na frente dela quando estava nos arbustos. Foi daí que reconheceu Rich também.

— Eu gostaria que passasse na casa um pouco mais tarde, se puder.

— Algum problema?

— Acho que não. Apenas diga aos homens se quando eles precisarem ir à cidade, garantir que Owen ou eu saibamos.

— Normalmente fazemos, mas irei repetir.

— Rich não apareceu no celeiro até alguns minutos atrás. Diz que estava na cidade levando um recado.

— Não sei nada sobre isso, chefe.

— Não disse a ele para ir pegar algo?

— Não. Ele é designado para cuidar dos cavalos este mês. Não há razão para ir à cidade, a menos que esteja fazendo algo para você.

— Verificarei com Owen então. Basta passar em casa mais tarde.

— Sim, chefe. Bom dia, senhora.

Oliver guiou Whiskey, e eles voltaram à trilha e atravessaram o riacho em uma ponte de madeira improvisada.

— Tudo isso é sua terra?

— Pertence à minha família. Até aquela linha de árvores. — apontou para uma sebe ao longe.

— O que há do outro lado?

— Essa terra pertence aos Hartmans. — Ele apontou para o Oeste. — E esta pertence aos Bergmans.

— Sua mãe mencionou conhecer os Hartmans.

Oliver ergueu a sobrancelha.

— Foi?

Willow assentiu.

— Disse que ela e a Sra. Hartman eram melhores amigas. E que cresceram juntos em Boston.

— Sim, isso é verdade.

— Todos vocês criam gado?

— Sim. O Sr. Hartman e meu pai já foram sócios. Aqui é um bom lugar.

Ele passou uma perna sobre o cavalo e deslizou para o chão. Conduzindo Whiskey a uma moita de arbustos, amarrou o cavalo neles e então se virou para ajudar Willow a descer. Ela lhe entregou a cesta, que ele colocou no chão, antes de se levantar para descê-la do cavalo.

Suas mãos se apertaram ao redor dela quando ela tocou o chão. As palmas de Willow estavam apoiadas nos braços de Oliver, e ela traçou um dedo até a mão dele, entrelaçando os dedos com os dele. Ele enrolou os dedos ao redor dos dela e levou a mão dela aos lábios, beijando cada junta suavemente.

Sabia que Oliver disse que poderia definir o ritmo, e se quisesse beijá-lo, poderia. E ela queria. Seriamente.

Talvez não ficasse tão nervosa quanto mais o conhecesse. Ele soltou a mão dela e se inclinou para pegar a cesta. Dando-lhe uma piscadela, ele caminhou até a margem gramada. Ao entregar a cesta para Willow, ele pegou um cobertor do lombo do cavalo e o colocou na grama. Willow tirou os chinelos na ponta do cobertor e caminhou até o meio.

— Seus pés estão doloridos? — ele perguntou, apontando para os chinelos que ela descartou.

— Não. Só não tenho botas. — Ela enfiou o pé da meia por baixo do vestido. — Eu ia perguntar se poderia comprar um par na próxima vez que for à cidade.

— Eu posso fazer melhor. Que tal eu te levar para a cidade?

Willow congelou e então balançou a cabeça. Não havia razão para estar

inquieta. O Xerife não a reconhecera, e duvidava que alguma das mulheres do saloon estivessem andando pela cidade. Não durante o dia.

— Ainda não estou pronta para ir à cidade.

Oliver concordou com a cabeça.

— Eu posso medir seu pé e pegar um par de botas amanhã.

Willow largou a cesta no cobertor e sentou-se ao lado dele, enfiando a saia sob as pernas.

— É lindo aqui — disse.

— Fico feliz que goste. Há muitas coisas bonitas para se ver no rancho.

Willow se virou para ver os olhos de Oliver olhando para ela... quase com amor?

Sacudiu o pensamento bobo de sua cabeça. Houve um impulso de se inclinar e beijá-lo, mas estava com medo de que ele pudesse pensar que era uma mulher solta. Ela corou e voltou sua atenção para a cesta.

— Está com fome?

— Estou. O que há na cesta?

Willow abriu a cesta e tirou um guardanapo xadrez que enfiou no pescoço de Oliver. Ela pegou um segundo e o colocou no colo.

— Frango frito — anunciou, puxando um prato cheio de coxas. Ela estendeu a mão e tirou uma pequena tigela. — Ovos cozidos — entregou um frasco para Oliver. — Leite frio. E para a sobremesa, os biscoitos de aveia da Marmee.

— Parece delicioso. — Ele agarrou a mão de Willow e fez uma oração rápida antes de pegar uma coxa de frango e mordê-la com prazer. — Isso é muito melhor do que feijão e arroz. Sabe quantas tigelas de feijão eu comi nos últimos meses?

— Não, quantas?

— Normalmente comemos nossa refeição principal durante o dia, mas, agora com as pessoas indo conhecer a movimentação do gado, não temos tempo, a não ser para pegar um sanduíche, se tanto. Então, comemos com as mãos, se pudermos fazer uma pausa. Nosso cozinheiro regular foi com Caleb para o Texas. Temos um temporário, e eu juro que é tudo o que sabe cozinhar. Ele tentou fazer bife uma vez, mas era como couro de sapato.

— É por isso que você come tanto à noite.

Oliver colocou o osso de volta no prato e pegou um ovo. Rindo:

— Acho que sim. Nunca notei isso.

Willow sentiu o chão tremer.

— O que é isso? — Ela podia ouvir o som dos cascos do cavalo roncando.

Oliver se levantou.

— É apenas Everett e um dos ajudantes.

Willow não conseguia ver nada, pois Oliver estava no caminho. Os cavalos pararam perto do cobertor.

— Parece que estamos interrompendo alguma coisa. Oliver — disse Everett. — Estava voltando para o celeiro para te procurar. — Ele desmontou do cavalo e largou as rédeas no chão. O segundo vaqueiro fez o mesmo.

— Nós estávamos terminando o almoço, assim que terminar volto para o celeiro.

O segundo homem deu a volta em seu cavalo e seus olhos se arregalaram quando viu Willow sentada no cobertor. Seu rosto abriu em um sorriso enorme e depois desapareceu, deixando uma máscara escura em seu lugar. Willow estremeceu e se virou.

— Este é Thomas. Veio dos currais do Missouri. Ele está nos ajudando a consertar a cerca.

— Prazer em conhecê-lo — Oliver disse pegando sua mão. — Eu sei que podemos usar a ajuda.

— Obrigado — respondeu Thomas. Ele não quebrou o contato visual com Willow enquanto continuava: — Fico feliz por ter um emprego. Não tem sido fácil nos últimos anos.

— Ollie, eu preciso falar com você por um minuto.

— Tudo bem. — Oliver se virou para Willow. — Eu volto já.

Quando os dois homens desapareceram, Willow virou-se para o irmão.

— Como me achou?

— Eu não te achei — ele riu. — Você não é tão inteligente, não é, mana? Deveria ter ido para mais longe se quisesse escapar. — Ele acenou para Oliver. — Parece que está indo bem. Tudo resolvido com o chefe — disse ele, pegando uma perna de frango frito do prato. — Se casou com ele? — Willow olhou ao redor, ignorando seu irmão. — Vou levar isso como um não. Acho que o pai estava certo sobre você. Não é melhor do que uma daquelas mulheres pintadas que foram à igreja.

Finalmente, ela se virou para seu irmão.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou com os dentes cerrados.

Thomas olhou em volta, mastigando pensativo.

— Ouvi dizer que o Sr. Blackman estava jogando cartas em Flat River. E que ele tinha um prêmio incomparável. Imagine minha surpresa quando chego a Flat River, e ele está gravemente ferido e seu prêmio mais valioso está faltando.

— Ele não está morto?

— Não. Não está. Mas seu quarto foi saqueado e sua bolsa de moedas desapareceu. Você não saberia nada sobre isso, não é?

Willow deu um suspiro de alívio. O Sr. Blackman não estava morto. Então, por que não enviara ninguém atrás dela, se achava que ela havia roubado seu dinheiro?

— Eu acho que você deve ter batido nele um pouco forte demais. Mas, acontece que ele é um idiota. Ou talvez alguém tenha feito isso depois de encontrá-lo de braços engasgado com o sangue. De qualquer forma, ele não vai ser nenhum problema. Eu não gostaria de ficar envergonhado por um

deslize de uma garota se algo assim acontecesse — disse Thomas, respondendo a sua pergunta não dita. — Mas agora que sei onde você está, posso fazer algo com essa informação.

Willow estreitou os olhos. Com os dentes cerrados, perguntou:

— O que quer?

— Vou começar com aquele saco de moedas.

— Eu não o tenho.

— Eu acho que você tem. — Thomas arrastou a ponta da bota na terra.

— Ou pelo menos sabe onde está. — Thomas se virou e olhou para Oliver e Everett conversando. — Eu odiaria que qualquer coisa acontecesse com o chefe ali. Ouvi dizer que eles têm uma irmã linda e poderosa.

— Deixe-a em paz!

— Eu vou — ele sorriu, enviando um arrepio na espinha de Willow. — Apenas me encontre naquele bosque com as árvores de bordo. Logo após o pôr do sol hoje à noite. Se não... — Oliver e Everett voltaram para o piquenique. — Vejo você mais tarde, patroa — disse Thomas antes de montar em seu cavalo e cavalgar até a beira das árvores.

— Até mais, Willow — disse Everett, montando no lombo de seu cavalo e guiando-o de volta para o celeiro.

Willow parou um momento para permitir que os homens se afastassem. Quando estavam longe o suficiente, um grito irrompeu de sua garganta. E começou a juntar os restos de comida e jogar na cesta.

— Acho que devemos voltar.

— Uau, Kitten, — Oliver disse, pegando os itens das mãos dela. Ela o sentiu levantar seu queixo com o dedo. — O que aconteceu? Eu saí por menos de um minuto e você está em pânico.

— Não posso te dizer. Só preciso ir embora. — Willow colocou a mão no coração e começou a respirar pesadamente.

— Pode me dizer qualquer coisa, Kitten. Prometi que nada iria machucá-la novamente. Você conhece aquele homem, não é? — Willow assentiu, limpando o nariz em um guardanapo descartado. — Ele é seu parente? — Willow assentiu novamente. — OK. Podemos resolver isso.

Willow olhou para Oliver.

— Nós?

— Eu nem preciso saber o que aconteceu. Vou pedir a Smokes para despedi-lo.

— Ah, isso seria terrível! Pois assim ele viria atrás de mim.

— Primeiro precisamos ter certeza de que ele não tem direito sobre você.

— Não tem.

— Como sabe disso?

Willow colocou a cabeça entre as mãos e chorou. A história inteira explodiu de seus lábios como uma represa explodindo. E contou tudo a Oliver... desde a morte de seu pai, Thomas a perdendo em um jogo de azar, e

agora o Sr. Blackman precisando ser internado porque não conseguia pensar. Enquanto chorava, Oliver a abraçou e acariciou suas costas. Quando terminou, ela se afastou. Sabendo que Oliver não a queria agora que conhecia seu passado sórdido.

— Willow, isso não foi sua culpa. Você não é responsável por ações deles. É responsável apenas pelas suas. Estou imensamente orgulhoso de você por ter fugido. Isso me diz que é uma lutadora, Kitten. Mantenha suas garras para fora.

— O que vai fazer?

— Bem, há uma maneira de garantir que nenhum outro homem tenha direito sobre você.

— Como?

— Ora, acredito que precisa de um par de botas. Então vamos para a cidade e nos casamos.

— Casar-me contigo?

— Por que não? Eu meio que gosto da ideia de me casar antes de Owen. Além disso, seria benéfico para você também. Assim nunca teria que sair do rancho. E, se for casada, seu irmão não tem direito sobre você.

— Faria isso?

Oliver assentiu.

— Pode ser um casamento apenas no nome. Pode ficar no quarto de Marianne e continuaremos a nos conhecer.

Willow finalmente assentiu.

— Tudo bem, Oliver. Eu vou me casar com você.



Oliver olhou para o reverendo. Eles deveriam ter interrompido a ceia do pastor, pois ele apareceu até a porta com um guardanapo ainda enfiado na camisa.

— Isso é altamente incomum, Oliver — disse o reverendo O'Brien.

— Eu sei, mas preciso que nos case esta noite. É questão de urgência.

— Mas eu não sei nada sobre você, senhorita — ele disse a Willow. — Tenho medo de não conseguir. Gosto muito da família Chapman e só quero o melhor para eles.

— Com licença, Willow — Oliver disse, agarrando o braço do reverendo e puxando-o para o lado. Mesmo sendo um homem de Deus, Oliver queria ter certeza de que não havia mal-entendidos enquanto ele falava sua parte. — Se gosta tanto da família, por que permitiu que Alice fosse com aquele charlatão?

— Eu não sabia sobre isso. Ele me enganou tanto quanto todos os outros.

— Ele roubou nossa Alice. Roubou sua inocência para a feiura deste

mundo. Esta mulher — apontou para Willow ainda de pé no vestibulo —, está passando pela mesma coisa. A única maneira de protegê-la é fazer com que se case com alguém. Ninguém estava disposto a defender minha irmã, reverendo. Nem mesmo você. Agora, irá deixar isso acontecer com mais alguém?

O reverendo olhou para o chão por um momento. E puxou o guardanapo de sua camisa.

— Quando coloca dessa forma — disse. — Entendo o que você quer dizer. — Ele caminhou até Willow e tocou-a com suas mãos enrugadas. — Você sabe que o casamento é um voto sagrado, mocinha?

— Sim, senhor — disse Willow, sem quebrar o contato visual com o reverendo.

— Depois disso feito, não há como desfazer. Este homem será seu marido para o resto de sua vida.

— Compreendo.

— E concorda com isso?

— Concordo.

O reverendo deu uma risadinha.

— Poderá dizer isso em alguns minutos. — Ele se virou para Oliver com olhos gentis. — Sinto muito por Alice. Tenho evitado sua família desde aquele dia terrível. Talvez eu deva ir ver Ingrid.

— Marmee gostaria disso.

O reverendo deu um meio sorriso.

— Tudo bem então, vamos casá-los.

CAPÍTULO TREZE



Willow não conseguia acreditar que era uma mulher casada. Ela brincava com o anel em seu dedo enquanto Oliver respondia perguntas de sua família. Até Alice ficou surpresa com o casamento repentino.

Depois de se casarem, Oliver fez uma parada para ver o Xerife e deixá-lo ciente do que estava acontecendo. Descobriu-se que o Sr. Blackman era o homem sentado ao lado do Xerife quando Oliver estava na cidade. Ele ainda estava confuso com o ataque, mas se lembrara de uma garota que estava viajando com ele.

Felizmente, o Xerife não comprou a história, mas quando viu Willow, sentiu que poderia haver alguma verdade na narrativa de Blackman. No final, ficou feliz por Oliver ter se casado com ela, e por ela agora estar sob a proteção dos Chapmans.

— Deveria ter esperado seu pai chegar— Marmee insistiu. — Ele chegará a qualquer momento.

— Não podíamos esperar, Marmee. Honestamente, teríamos se eu achasse que a vida de Willow não estaria em perigo.

— A vida dela? Não há nada que não possa esperar alguns dias.

— Sim, existe.

A sala ficou muito barulhenta enquanto todos falavam ao mesmo tempo. Willow teve que tapar os ouvidos com as mãos, e com isso a conversa parou.

— Posso dizer uma coisa? — perguntou Willow.

— Claro, criança, fale.

Willow pegou a mão de Oliver na sua. Iria precisar de tanta força quanto pudesse encontrar para contar sua história.

— Deixe-me começar quando minha mãe morreu. — ela começou, fechando os olhos. Quando terminou, toda a sua vida fora apresentada em detalhes horríveis. Willow não suportava ver a expressão de decepção nos rostos dos Chapman. Ela sonhava em ter uma família perfeita, e agora simplesmente havia destruído.

Ao sentir Oliver apertar sua mão e depois soltá-la, abriu os olhos e

olhou ao redor da mesa.

Everett ficara furioso. Suas bochechas estavam vermelhas, e Willow podia vê-lo mordendo o interior do lábio. Ellie e Alice deram as mãos enquanto as lágrimas escorriam pelas bochechas de Alice, que as enxugava na parte de trás da manga.

Willow olhou para Owen. Ele era muito parecido com seu irmão, mas Owen mantinha sua raiva por dentro. Podia vê-lo borbulhando logo abaixo da superfície enquanto abria e fechava os punhos sobre a mesa. Finalmente, olhou para Marmee. A Matriarca estava mordendo o lábio, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

Ela não suportava olhar para Oliver. Se ele estivesse desapontado, isso partiria seu coração.

— Willow — Oliver disse suavemente.

— Sinto muito por trazer isso à sua porta. Esta é a minha luta.

Marmee empurrou a cadeira para trás e caminhou até Willow, abraçando-a pelas costas. E deu um beijo na bochecha de Willow.

— Bobagem, filha. Essa luta é de todos nós. Você é uma Chapman agora, e nós protegemos os nossos.

— Eu não sei o que dizer. — Lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas.

— Você não precisa dizer nada. Tenho certeza de que todos nos sentimos da mesma maneira.

Todos murmuraram em concordância. Alice olhou para seus irmãos.

— Então, qual é o plano?

— Willow disse que Thomas quer encontrá-la na clareira perto dos salgueiros. Isso está correto? — Owen perguntou.

— Sim, está. Eu deveria levar o saco de moedas para ele.

— E onde está?

— Na cabana. Eu os coloquei embaixo da cama. Entre o ferro e a armação.

— Garota esperta — Oliver disse. O simples elogio foi direto ao coração de Willow.

— Eu juro que vou matá-lo — disse Everett, de pé na mesa. — Como ele se atreve a entrar em nosso rancho e fazer isso?

— Everett, acalme-se. Tenho certeza de que Oliver lhe dará uma punição.

— Smokes virá aqui esta noite, então vamos fazer com que reúna o maior número possível de homens. Everett, por que não vê se consegue encontrá-lo? Só temos até o pôr do sol. — Everett assentiu e saiu da sala.

O sol já estava se pondo, e o céu estava ficando com um tom nebuloso de roxo e rosa. Willow sabia que não havia muito tempo.

— O que vai fazer?

— Nós vamos encontrar seu irmão.

— Vai matá-lo?

— Não posso prometer que não. Se ele recorrer a alguém, eles têm o direito de se defender.

Houve uma batida na porta e o Xerife Briggs entrou.

— Boa noite, pessoal — disse, jogando um saco de linho cheio de moedas sobre a mesa. — Estava exatamente onde ela disse que estaria.

— Passou pela clareira? — Oliver perguntou.

— Sim, mas não vi nada.

— Orrin, gostaria de um pouco de café? — Marmee ofereceu.

— Obrigado, Ingrid, mas não. Achei que sairia com vocês, rapazes, esta noite. Não quero que façam justiça com as próprias mãos.

— Acho terrível que não exista nada que possa fazer sobre a maneira como ele tratou Willow — Alice reclamou.

— Sinto muito, Alice, mas não há nenhuma lei nos livros protegendo mulheres como Willow. Não estou dizendo que gosto, apenas que são fatos.

— Bem, algo deveria ser feito sobre isso. Talvez eu faça algo a respeito.

— Eu acredito que você vai, Alice. Eu acredito que você vai.

Everett apareceu alguns minutos depois com todos os pecuaristas disponíveis que não estavam no campo.

— Estamos prontos — disse ele.

Oliver saiu para ver os homens parados no fundo da varanda.

— Obrigado por virem esta noite. Eu quero que se espalhem e vejam se conseguem encontrar Thomas Stephens. — Oliver disse aos homens. — Ele ameaçou minha família. E ameaçou minha esposa. Eu quero que ele seja trazido intacto. Não devem machucá-lo a menos que ele atire. Fui claro?

Murmúrios atravessaram a multidão.

O Xerife se adiantou.

— Vou nomear cada um aqui de ajudante, assim não haverá consequências para o que acontecer esta noite. Então serão Auxiliares de Xerife pelas próximas vinte e quatro horas. Sugiro que nos dividamos em grupos menores para que possamos cobrir mais território.

— Mexam-se! — gritou Owen.

Oliver se aproximou e pegou a mão de Willow.

— Eu estarei de volta em breve, Kitten.

Willow assentiu. Oliver apertou a mão dela e começou a descer os degraus para se juntar aos homens que esperavam com os cavalos.

— Espere!

Oliver parou. Willow desceu correndo os degraus e colocou os braços em volta do pescoço dele. Puxando-o para perto, pressionou os lábios contra os dele. E sentiu os braços dele apertarem ao redor dela antes de gentilmente afastá-la.

— Eu preciso ir — ele sussurrou com a voz rouca.

— Eu sei. Volte em segurança.

— Eu prometo, Kitten.

Willow ficou na varanda e observou os homens partirem. Enxugou as lágrimas dos olhos e se perguntou se aquela seria a última vez que veria Oliver vivo.



— Eu não posso acreditar que eles ainda não voltaram — disse Alice.
— Faz quanto tempo que foram?

Marmee ergueu os olhos de sua costura.

— Nem uma hora ainda.

Willow se levantou e caminhou até a janela. O sol começou a desaparecer e a escuridão estava se instalando. Ela rezou para que Oliver estivesse bem. Então orou por seus novos cunhados e pelos outros que tentavam encontrar Thomas. Ela sentiu frio e esfregou os braços para tentar criar calor.

— Por que não sai da janela, Willow? — Marmee chamou.

— Eu estava olhando para ver se via alguém.

— Eles devem voltar em breve.

— Acha que eles o encontraram? — Willow perguntou. A preocupação era evidente em sua voz.

— Se o fizeram, provavelmente foram para a cidade com o Xerife.

— Mas nem todo mundo iria, certo Marmee? Quero dizer, alguém viria aqui e nos contaria o que aconteceu.

— Eu acho que sim, criança. Por que não vem e se senta, e eu vou fazer uma boa xícara de chá para nós?

Willow não queria chá, mas assentiu. Dando uma olhada pela janela, avistou algo à distância. Algo que emitia uma luz laranja e parecia estar subindo da terra. Que diabos era aquilo?

Ela apertou os olhos tentando ver com mais clareza. Quando percebeu a visão diante dela, gritou.

— Alice, Marmee, Ellie, o celeiro está pegando fogo!

Marmee correu para a janela.

— Oh, meus céus! — disse ela. — Alice, pegue os baldes. Ellie, pegue as toalhas do armário. Willow, você fica aqui.

— Eu vou contigo — Willow insistiu.

— Acho que deveria ficar aqui — disse Alice.

— Disseram que os Chapmans sempre protegem uns aos outros. Eu sou uma Chapman e preciso ajudar. — Ela pegou um balde de Alice. — Me diga o que fazer.



— Ouviu isso?

— O que? — Oliver estava cavalcando no escuro e não havia sinal de Thomas. Esperava pelo menos ouvir tiros que diziam que alguém o encontrara.

— Isso — Owen ergueu a mão. — Aí está de novo.

— Isso soa como um grito — disse Everett.

— Podem ser raposas, são conhecidas por gritar.

— Não soa como raposa.

— O que acha que é?

— Isso soa como Ellie. Precisamos voltar para a fazenda. — Owen colocou o polegar e o indicador entre os lábios e deu um assobio agudo seguido por dois mais curtos. Era o sinal para os homens voltarem à casa da fazenda em caso de emergência.

Oliver não esperou, virou Whiskey de volta e deixou o cavalo correr, a lanterna iluminando o caminho. Ao chegar ao topo da colina, soltou um grito. O celeiro de cavalos estava em chamas. Ele correu para o celeiro e pulou de seu cavalo.

O som de cavalos gritando podia ser ouvido através das paredes. Seus animais ainda estavam lá!

Marmee estava agitando uma toalha nas chamas. Alice jogava um balde de água na madeira e corria para pegar outro. Ellie estava gritando e Willow não estava em lugar algum.

— Marmee! Onde está Willow? — perguntou, rezando para que estivesse em casa.

— Ela estava bem aqui — Marmee se moveu em um círculo. — Estava realmente bem aqui.

Owen veio seguido por muitos outros homens a cavalo.

— Os cavalos estão no celeiro — ele gritou.

— Nós não conseguimos alcançá-los — Alice chorou.

Owen pegou um machado e começou a bater na porta. A madeira estilhaçou. Ele continuou cortando a porta.

— Onde está Willow? — Oliver perguntou mais uma vez.

— Ela se foi! — Ellie chorou.

— O que quer dizer com ela se foi? — Oliver agarrou Ellie pelos dois braços. — Onde?

— Ele a levou!

Nenhuma outra explicação foi necessária. Ele olhou para Owen e depois para seu cavalo.

— Vai! Vai! — gritou Owen. — O fogo está controlado. Vá buscar sua esposa.

Oliver pulou nas costas de Whiskey e virou o animal em direção à cidade.



Oliver abriu as portas de vaivém e entrou no estabelecimento. O ar estava cheio do cheiro de uísque barato e charutos velhos. Ele caminhou até o bar e bateu para chamar a atenção do barman.

— Estou procurando por Thomas Stephens.

— Não conheço esse nome — respondeu o barman. Ele pegou um copo e começou a limpá-lo com uma toalha.

— Por acaso viu um homem trazer uma mulher usando um vestido azul? Ela tem longos cabelos pretos, mais ou menos desta altura. — estendeu a mão para demonstrar.

— Não, não vi ninguém se encaixando nessa descrição.

Oliver respirou fundo.

— Alguém viu alguma coisa? — Murmúrios atravessaram a multidão, mas então os homens voltaram para seus uísques e charutos. Oliver pegou um copo de cerveja e o bateu contra o bar. — Perguntei se alguém viu alguma coisa. Minha esposa foi sequestrada. Ela estava usando um vestido azul e tem longos cabelos pretos.

Ninguém respondeu. Oliver olhou ao redor, não parecia haver uma maneira de chegar ao segundo nível. Deveria haver uma escada externa. E por isso ninguém vira Willow.

Enquanto corria para a porta, foi parado por uma mulher que usava um vestido roxo com renda preta. Ela usava meia-calça com nervuras e botas pontudas.

— Venha comigo — sussurrou. Ela agarrou a mão de Oliver e começou a arrastá-lo para o outro lado do estabelecimento. Oliver puxou a mão para trás em protesto. — Eu sei onde ela está — disse baixo o suficiente para não ser ouvida acima do barulho.

No canto do bar havia uma escada em espiral que levava ao segundo andar. O canto estava escuro, então Oliver não viu de primeira. E seguiu a mulher de vestido roxo até o segundo andar. Eles estavam no final de um longo corredor. Oliver podia ver uma janela panorâmica na extremidade oposta com uma árvore na frente.

Essa deveria ser a árvore que Willow usou para escapar.

— Onde está? — perguntou.

— Eu não conheço nenhum Thomas, mas sei daquele homem, Blackman com quem ela estava hospedada. Por ali, à esquerda.

— Obrigado, senhora.

Oliver fez uma pausa, mas apenas por um minuto. Ele correu pelo corredor gritando o nome de Willow. Chegou ao quarto e bateu na porta. E ouviu uma luta abafada atrás da porta. Dando um passo para trás, gritou: — Willow! — quando chutou a porta, a madeira quebrava sob seu calcanhar.

Willow estava amarrada à cabeceira. Com uma mordança em sua boca,

ela lutava contra suas amarras.

Ele gritou o nome dela mais uma vez e correu libertá-la.

— Está bem? — perguntou enquanto soltava suas amarras, beijando-a profundamente nos lábios. Ele não queria nada mais do que correr os dedos sobre cada centímetro dela para ter certeza de que estava bem.

— Nós temos que ir — disse Willow. — Ele irá voltar a qualquer minuto. Como sabia onde me encontrar? — ela perguntou, desamarrando a corda em torno de seus tornozelos.

— A Senhorita Marcy me disse onde encontrá-lo.

— Acho que Blackman está morto.

— Por que diz isso?

— Thomas se gabou de matá-lo, e tentou atribuir o assassinato a mim.

— Onde ele está agora?

— Eu não sei. Ele me amarrou e foi embora.

— Vamos, Kitten. — Ele ergueu Willow, carregando-a contra seu peito. Olhou para os dois lados da sala antes de entrar no corredor. — Qual caminho? — sussurrou.

— Por ali — Willow apontou para a árvore. — Há outro conjunto de degraus que desce para a sala de visitas.

Oliver correu ao virar a esquina, apenas para ser parado por Thomas apontando-lhe uma arma.

— Eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que viesse buscá-la. — Thomas agarrou Willow das mãos de Oliver. — Agora poderá vê-la morrer.

— Não tem direito a ela, Thomas — Oliver disse.

— Sim, eu tenho. Ela é minha. Minha irmã. Ela deveria ter limpo minhas dívidas. Mas quando fugiu, Blackman veio atrás de mim. No entanto, eu cuidei dele. Não virá atrás de mim novamente. E, agora que ele se foi, ela voltou para mim, como seu único parente masculino.

Willow tentou puxar seu braço do aperto do irmão, mas não conseguiu se soltar. E deu um pequeno grito quando Thomas enfiou os dedos em seu braço.

Oliver levantou as mãos em rendição simulada.

— Ela não é sua. Ela é minha.

— Não é parente — disse Thomas.

— Eu sou o marido dela. Isso supera qualquer coisa que você possa ter.

Thomas parou por um momento, o que deu a Oliver o tempo que precisava para puxar sua arma e atirar. Thomas deve tê-lo ouvido sacar, enquanto puxava o gatilho de sua arma também.

Oliver observou Thomas cair no chão quando uma sensação de queimação perfurou seu ombro. Ele havia sido atingido.

Ouviu Willow gritar seu nome e se sentiu cair, afundando na escuridão.



— Está acordado, garoto?

Oliver piscou os olhos. A sala estava cheia de lanternas e sua garganta estava seca.

— Onde estou?

— Está no meu escritório — respondeu Doc Mueller. — Briggs e alguns de seus ajudantes o carregaram.

— Onde está Willow?

— Ela está segura. Está na sala de espera com sua mãe e Briggs. Gostaria de vê-la?

Oliver assentiu.

— Oh, Oliver! — Willow gritou, correndo para o lado dele. — Pensei que tivesse morrido.

Oliver estremeceu quando Willow roçou em seu ombro.

— Venha para o outro lado e deixe-me te abraçar por um segundo.

Willow caminhou para o outro lado e o braço de Oliver envolveu sua cintura.

— Eu estava tão preocupada — disse. — Acho que não posso ficar sem você de novo. — Ela se inclinou e pressionou seus lábios contra os dele.

Ele resistiu por apenas um segundo, mas quando ela moveu os lábios, ele gemeu e enfiou os dedos em seu cabelo. Foi o som do médico limpando a garganta que o trouxe de volta ao presente e, relutantemente, soltou Willow.

Ele olhou para sua esposa. Seus lábios estavam inchados e seus olhos pareciam vidrados.

— Então, quão ruim é, Doc?

— Tem sorte que ele era um mau atirador, ou poderia ter sido muito pior. Ele só te pegou no ombro superior. Um ferimento principalmente na carne, mas você pode ter alguns hematomas no osso. Recomendo que não use seu braço por pelo menos algumas semanas.

— Ainda bem que eu tenho um segundo braço — disse ele, puxando Willow mais apertado ao seu lado.

— Vou preparar algumas ervas e uma pomada que você pode colocar, Sra. Chapman.

— Obrigada, doutor. — Willow virou-se para Oliver. — Eu gosto do som disso. Sra. Chapman.

— Eu também, Sra. Chapman. Venha aqui. — ele acenou. — Eu estava tão preocupado com você. Percebi que se algo acontecesse, seria como perder um pedaço de mim. Um pedaço da minha alma. — Ele levou a mão de Willow aos lábios. — Sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas sei que quero te amar e proteger pelo resto da minha vida.

— Amar?

Oliver assentiu.

— Sim, Kitten. Estou me apaixonando por você.

— Ah, Oliver. Eu também te amo. — ela chorou, sufocando-o em beijos. Oliver saboreou os beijos que ela dava em seu rosto e pescoço. E ficou desapontado quando o médico voltou com pacotes de ervas e uma lata de pomada.

Depois que o médico deu instruções a Willow, ela ajudou Oliver a abotoar sua camisa. Seu braço estava em uma tipoia para manter a pressão fora da ferida.

— Passe-me o chapéu, esposa — disse ele. Ela lhe entregou seu Stetson e ele o colocou na cabeça. — É hora de voltarmos para casa e começarmos a construir nosso futuro.

— Concordo, marido.

Oliver deu um beijo na testa dela e eles foram cumprimentar a família na sala de espera.



UM MÊS DEPOIS.

Oliver estava animado. O outono estava se instalando; o ar estava fresco e as folhas começando a mudar. Era sua época favorita do ano.

— Como está se sentindo, irmão? — Owen perguntou. Ele estava colocando luvas de couro, ajeitando o material entre cada dedo.

— Melhor do que nunca. Vamos fazer isso. — Oliver girou o ombro.

O celeiro foi uma perda completa, mas Owen conseguiu arrombar a porta para que os cavalos fugissem em segurança.

Vários foram queimados, mas Willow insistiu em ajudar a cuidar deles. Todos os dias ela saía e conversava com os cavalos enquanto aplicava pomada para curar suas queimaduras. Os vaqueiros se uniram e conseguiram reconstruir o celeiro em um novo local. Demorou pouco mais de uma semana para o ser erguido e os piquetes movidos.

Os piquetes estavam prontos quando seu pai chegou junto com todos os ajudantes, gado e cavalos. Oliver não conseguiu falar com o pai sobre a viagem. Caleb não voltou para casa. Estava hospedado em Owl Canyon, cuidando de uma mulher que descobriram na trilha. Ele voltaria para casa antes do Natal.

Willow tinha sido uma enfermeira maravilhosa para Oliver também. Todas as noites ela banhava sua ferida com água morna. E gentilmente cobria a carne enrugada com pomada de piche e a envolvia em tiras de linho. Por mais bobo que parecesse, valorizava aqueles momentos em que Willow o tocava.

Owen moveu-se para uma extremidade do tronco e colocou um peavey perto do final deste. Oliver foi para o outro lado e fez o mesmo. O peavey era um poste pontiagudo que usavam para rolar o tronco para um novo local.

— Empurre! — Owen falou.

Oliver segurou firme no poste e empurrou para frente. A tora rolou para o outro lado. Repetiram o processo até que o tronco estivesse perto de onde queriam.

Oliver notou uma forma escura no canto da clareira. Ele protegeu os

olhos do sol da manhã e olhou para um cavalo preto parado ali. A fera os observou com olhos escuros. Realmente era um cavalo magnífico. Alçaçuz.

Willow estava certa. Era a cor de alçaçuz.

— Acho que temos um amigo — disse Oliver, apontando para o cavalo.

Owen se virou.

— O preto!

— Acho que Alice e Willow estão certas. Ele precisa permanecer selvagem.

— O que nós vamos fazer?

— Nós vamos protegê-lo. Certificar-nos de que ninguém possa incomodá-lo enquanto estiver em nossas terras.

Owen assentiu em aprovação.

O som de risos desviou sua atenção das árvores.

Willow e Ellie estavam de braços dados, andando pela trilha em direção à clareira. Cada uma carregava uma cesta de piquenique na mão livre. Pareciam amigas de toda a vida. Ele estava grato a Ellie por colocar Willow sob sua asa e grato a Willow por ajudar a tirar Alice um pouco mais de sua concha.

A família estava se curando.

Olhando ao redor da clareira, não havia sinal da cabana de armadilhas. Em vez disso, as árvores caídas estavam espalhadas pelo chão.

Owen tinha feito a maior parte do trabalho, derrubando árvores, já que Oliver não conseguia usar o braço completamente. Seu irmão Everett e os auxiliares do rancho ajudavam quando podiam.

Quando Oliver mencionara sobre a cabana para Owen, seu irmão imediatamente concordou que a clareira seria onde deveriam construir sua nova casa. Afinal, era grande o suficiente para acomodar duas casas, mas os irmãos decidiram começar com uma.

Quando Ellie sugeriu que talvez os quatro pudessem morar juntos depois que ela e Owen se casassem, Willow expressou seu prazer com a ideia. Os homens concordaram e os planos foram feitos.

Willow ainda estava nervosa depois que seu irmão a levava embora. Thomas pretendia roubar o dinheiro e matar Willow antes de sair da cidade. Graças a Deus, Oliver chegara a tempo. Ele não seria capaz de suportar a ideia de algo acontecer com ela.

Ela estava se recuperando muito bem com Oliver ao seu lado. E sabia que se houvesse mais do que apenas os dois nesta nova casa, ela estaria mais relaxada. Em breve, esperava que a casa estivesse cheia com o som de pés minúsculos.

Não havia nada que Oliver amasse mais do que dormir ao lado dela à noite e acordar ao seu lado de manhã.

A esposa dele. Sua gatinha. Sua Willow.

— Nós temos que continuar! — Owen gritou.

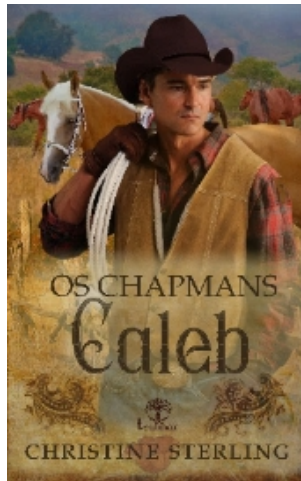
Oliver assentiu e voltou para a posição.

— Empurre! — gritou.

Quando terminaram, Oliver olhou para o tronco com orgulho.

O primeiro tronco de sua nova casa estava em posição.

MAIS DOS CHAPMANS POR VIR



Caleb nunca se recuperou da morte de seu irmão. Ele se culpa por não estar lá para protegê-lo em um tiroteio. Em uma viagem de gado do Texas, ele encontra uma mulher e seu filho na trilha. Ela não se lembra de quem ela é ou para onde ela estava indo. Caleb se pergunta se esta é sua chance de redenção, ou levá-la para sua casa separaria ainda mais duas famílias?



Everett é o pacificador. Mesmo que sua família tenha brigado com o rancho mais próximo há anos, Everett sempre teve um jeito carinhoso com a moça que mora lá. Quando ele tem uma ideia maluca para fazer suas famílias ouvirem, isso vai aproximá-las ou separá-las?



Cansada de quatro irmãos mais velhos assustando todos os pretendentes, Alice decide resolver o assunto com as próprias mãos. O que ela não esperava era que o amigo de infância da família percebesse como ela era adulta e jurasse protegê-la; mesmo que fosse de sua própria família.

OS CHAPMANS

LIVRO I



Owen Chapman tem sonhos tão grandes quanto o céu do Nebraska. O que acontece quando um corpo aparece no rancho Chapman e a noiva do morto vem pedindo respostas?

Os planos de Owen Chapman de começar um rancho de cavalos estão finalmente se tornando realidade. Com seus irmãos como parceiros de negócios, ele sabe que não há como falhar. O que ele não esperava era que uma beldade do Sul chegasse e ressuscitasse uma rixa de dez anos que ele achava que estava finalmente no passado.

Elenore 'Ellie' Brooks anseia por casamento, filhos, aventura e uma vida no Oeste. Quando seus planos mudam, ela responde a um anúncio de noiva por correspondência. Mas quando chega em Flat River, Nebraska, nada é como imaginava e ela se vê empurrada para uma família local até que possa voltar para casa. O que ela não contava era com o irmão mais velho e o modo como ele a fazia questionar suas escolhas na vida.

Ellie poderia convencer Owen a não mandá-la de volta para casa no próximo estágio, deixando a cidade? Owen será capaz de deixá-la ir quando o irmão do morto chamar, reclamando a mão de Ellie em casamento?

SOBRE CHRISTINE



Christine Sterling publicou seu primeiro livro de forma independente em 2017. Ela é a criadora da popular Pinkerton Matchmaker Series, Proxy Bride Series e North and South Series. É autora em várias colaborações, incluindo: The Belles of Wyoming, Cowboys and Angels, The Widows of Wildcat Ridge e Silverpines, onde seu livro Wanted: Medicine Man ganhou o melhor romance histórico de 2018. Ela recentemente se juntou à Sweet Promise Press como uma escritora histórica. autora de romances, escrevendo a série Pioneer Brides of Rattlesnake Ridge.

Ela escreve romances históricos de faroeste doces e saudáveis, bem como romances contemporâneos agradáveis. Ela mora na Pensilvânia com o marido, um Shih Tzu mimado, dois pastores alemães e um enérgico Border Collie, que a mantém alerta.

Ela passa seu tempo escrevendo, pensando em escrever e sonhando em escrever. Suas coisas favoritas são uma boa xícara de chá, cachorrinhos aconchegados, um filme que vai fazer você chorar e ouvir seus leitores.

INFORMAÇÕES LEABHAR

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books@

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Agradecimentos](#)
5. [Dedicatória](#)
6. [Os chapmans](#)
7. [Prólogo](#)
8. [Capítulo Um](#)
9. [Capítulo Dois](#)
10. [Capítulo Três](#)
11. [Capítulo Quatro](#)
12. [Capítulo Cinco](#)
13. [Capítulo Seis](#)
14. [Capítulo Sete](#)
15. [Capítulo Oito](#)
16. [Capítulo Nove](#)
17. [Capítulo Dez](#)
18. [Capítulo Onze](#)
19. [Capítulo doze](#)
20. [Capítulo Treze](#)
21. [Epílogo](#)
22. [Mais dos Chapmans por vir](#)
23. [Os Chapmans](#)
24. [Sobre Christine](#)
25. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)

9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)

53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)

97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131
132.	132
133.	133
134.	134
135.	135
136.	136
137.	137
138.	138
139.	139
140.	140

- 141. [141](#)
- 142. [142](#)
- 143. [143](#)
- 144. [144](#)
- 145. [145](#)
- 146. [146](#)
- 147. [147](#)